

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



AUTÓPSIA SEM OCORRÊNCIA

(EDIÇÃO CRÍTICA DE *AUTÓPSIA*, DE JOÃO SILVA)

ANDRÉ DAVID ESTEVES DE CARVALHO

Tese orientada pelo Prof. Doutor José António Camilo Guerreiro Camões, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Teatro.

2019

AUTÓPSIA SEM OCORRÊNCIA

(EDIÇÃO CRÍTICA DE *AUTÓPSIA*, DE JOÃO SILVA)

ANDRÉ DAVID ESTEVES DE CARVALHO

Tese de Mestrado

Orientador: Doutor José Camões

2019

RESUMO

O presente trabalho é uma proposta de edição crítica de *Autópsia*, peça inédita de João Silva, cuja apresentação em palco foi reprovada em 1967 pelo Secretariado Nacional de Informação do Estado Novo. Esta proposta pretende também estabelecer ligações textuais com *Masoch*, outra peça do mesmo autor, através de uma análise sinóptica dos dactiloscritos e das evidências do processo de reescrita. João Silva foi o fundador do Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos, actual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

Palavras-chave:

Estado Novo, Portugal, João Silva, teatro, censura, reescrita

ABSTRACT

The present work is an critical edition of *Autópsia* [Autopsy], an unpublished play by João Silva, which was forbidden by the Estado Novo regime in 1967. This edition takes into account the two typescripts of the play and aims to establish textual links with *Masoch* – another play by same author – through a synoptic analysis of both texts and the evidence of a rewriting process. João Silva was the founder of the Therapeutical Theatre Group at Júlio de Matos Hospital, a pyschiatric hospital in Lisbon.

Keywords:

Estado Novo, Portugal, João Silva, theatre, censorship, rewriting

Ao meu amigo, João Silva.

Ao meu pai, José António de Carvalho.

Agradecimentos

Ao meu Professor e Orientador José Camões, que em todos os momentos disponibilizou o seu conhecimento e a sua experiência, mas, sobretudo, pela confiança que depositou em mim e por toda motivação que me transmitiu, mesmo nos momentos mais difíceis.

À professora Vera Lemos, sempre muito atenciosa, cuja serenidade conseguiu acalmar as minhas mais assustadoras tempestades.

A todo o restante corpo docente do Mestrado em Estudos de Teatro, pois em todo o meu percurso académico nunca conheci professores tão entusiastas pelo ensino e tão próximos dos seus alunos.

A todos os colegas, mais tarde amigos, que conheci no Mestrado e partilharam comigo esta viagem, muitas vezes de angústia, mas sobejamente gratificante.

À minha mãe, cujo amor incondicional nunca me faltou, mesmo quando não concordava comigo ou com as minhas escolhas.

Ao meu pai, que continua em mim em tudo o que alcanço.

À Marisa, meu presente e futuro, meu coração, que consegue sempre dissipar as minhas dúvidas com o seu amor e confiança imensuráveis.

Ao António, meu amigo, companheiro de aventuras e desventuras, o meu alentejano preferido.

Ao João Silva, meu mestre, meu amigo, que iniciou este percurso comigo mas o deixou a meio, que sempre acreditou em mim e me incentivou, como ninguém, a enfrentar a escuridão sem medo.

*Este mundo, tal como está feito, não é suportável.
Tenho, portanto, necessidade da Lua, ou da felicidade, ou da imortalidade...
De qualquer coisa de louco, talvez, mas que não seja deste mundo.*

Albert Camus, *Calígula* (acto I, cena IV)

versão de trabalho de João Silva

Índice

Introdução.....	1
1. A Bem da Nação	3
2. Muros que nos Cercam.....	7
3. Autópsia Dramatúrgica	20
Cronologia dos acontecimentos.....	20
Tramas	26
Sinalizações dos censores.....	29
Levantamento sinóptico do processo de reescrita.....	42
4. Edição Crítica	64
Nota de edição	64
<i>Autópsia</i> , peça em dois actos de João Silva	67
Conclusão	115
Fontes e Bibliografia	117

Introdução

Quando, em 2016, me candidatei ao Mestrado em Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tinha por objectivo adquirir conhecimento e competências que me permitissem vir a editar e publicar os textos escritos por João Silva para o Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos, actual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

Já não me recordo do momento exacto no meu percurso académico em que aconteceu, mas o próprio João Silva, numa das inúmeras vezes em que me encontrava com ele depois dos ensaios, pôs-me nas mãos um dactiloscrito apenas resguardado por uma fina capa plástica. Não era a primeira vez que o fazia, ciente do meu interesse por textos de teatro, pelo que facilmente o objecto me despertou a curiosidade. Tinha-o finalmente encontrado depois de semanas de procura, disse-me.

As páginas amareladas denunciavam a passagem do tempo, mas o que mais me chamou a atenção foi o carimbo na primeira página. Tinha à minha frente um texto censurado em 1967. Antes que eu o pudesse folhear, João Silva confidenciou-me que fora este o primeiro texto para teatro que escrevera; nunca fora representado.

O presente estudo tem como objecto *Autópsia*, inédito de João Silva, escrito em 1967 e submetido, para aprovação prévia, à Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos do Secretariado Nacional de Informação a 7 de Abril desse ano, onde lhe foi atribuído o número de registo 8429; o pedido de representação acabaria por ser reprovado em 6 de Junho, três meses mais tarde. O longo processo censório – conservado no fundo arquivístico do Secretariado Nacional de Informação depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – inclui o requerimento de licenciamento do texto para espectáculo assinado por João Silva, as folhas de Receitas do Estado relativas à cobrança de emolumentos, os pareceres dos censores, um pedido de reapreciação do texto, assinado pelo autor, um bilhete de Artur Anselmo de Oliveira Soares ao Director Geral dos Espectáculos intercedendo a favor da autorização da peça, pareceres dos censores que apreciaram o recurso, rascunho e ofício do Inspector Chefe dos Espectáculos dirigido a João Silva, onde comunica que a reprovação da peça se

mantém, e o texto dactilografado da peça com diversas marcas censórias manuscritas (vd. a secção «Cronologia dos acontecimentos», p. 30, e anexo 1)¹.

Dois anos depois, em 1969, João Silva submetia um novo texto para apreciação da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos. Trata-se de *Masoch*, drama em um prólogo e dois actos que, embora aprovado com cortes, também não chegaria a ser levado à cena, conservando-se o texto e o respectivo processo também no Arquivo Nacional da Torre do Tombo². A peça apresenta afinidades com *Autópsia*: além de convocar um mesmo universo temático, o autor recorre por vezes ao aproveitamento de alguns fragmentos do texto de 1967 que, a par de processos de reescrita, permitem estabelecer um diálogo genético entre os dois textos.

O primeiro capítulo deste trabalho incide sobre a contextualização sociopolítica da censura durante o Estado Novo. O segundo capítulo aborda o percurso profissional de João Silva que, após alguns anos de carreira como actor, fundou em 1968 o Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos, actual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, que dirigiu até à sua morte, em 2018. O terceiro e último capítulo analisa a intervenção censória e faz uma comparação sinóptica com *Masoch* dando conta do processo de reescrita. Finalmente, apresenta-se a edição crítica de *Autópsia*.

¹ O processo integra o fundo arquivístico do Secretariado Nacional de Informação, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (PT/TT/SNI-DGE/1/8429).

² ANTT (PT/TT/SNI-DGE/1/8942). Existe, ainda, um outro *Masoch* no panorama do teatro português contemporâneo, escrito por Rui Herbon em 2007 (com o qual venceu o Prémio Maria Matos desse ano na categoria Dramaturgia), que nada tem a ver com o *Masoch* de João Silva.

1. A Bem da Nação

Nos anos 60 o Estado Novo, regime político autoritário em vigor desde 1933 – data da aprovação de uma nova Constituição resultante da transição política da ditadura militar instaurada em 1926 – enfrentava o seu período mais conturbado.

Ainda a recuperar do abalo causado pela candidatura presidencial de Humberto Delgado, em 1958, que saiu derrotado por Américo Tomás, com apenas 23,6 % dos votos, apesar das suspeitas e evidências de fraude eleitoral, o regime salazarista não estava preparado para o que se seguiu, poucos anos depois. A 4 de Fevereiro de 1961, um conflito armado entre nacionalistas angolanos e a Força Armada Portuguesa pela independência de Angola dá início à chamada Guerra do Ultramar, que se prolongará até 1974.

Sendo controversa até no seio próprio regime, a opção bélica abre fracturas e expõe o Estado a movimentações anti-salazaristas, como mais tarde se veio a verificar, com a tentativa de golpe de estado liderada por Júlio Botelho Moniz, em Abril de 1961. No plano internacional, Portugal encontrava-se cada vez mais isolado junto da Organização das Nações Unidas, perdendo até o apoio dos Estados Unidos da América e do Reino Unido em assuntos como a descolonização.

Sensivelmente um ano depois, deflagrava a mais intensa e duradoura crise académica de que o país tem memória, com a proibição das celebrações do Dia do Estudante, a 24 de Março de 1962. Ao descontentamento académico somou-se a contestação operária, com sucessivos confrontos entre a polícia e os grupos subversivos, que atingiram o pico durante o mês de Maio. A escalada de violência fez mesmo com que Marcelo Caetano, Reitor da Universidade de Lisboa na altura, pedisse a demissão do cargo. Ainda assim, a intransigência do Governo, sobretudo através do Ministério de Educação, levou à extinção das movimentações contestatárias estudantis – sementes de revolta que germinariam anos mais tarde.

Foi um episódio ligado de certa forma à Guerra Colonial que levou à dissolução da Sociedade Portuguesa de Escritores. Em 1965 a SPE atribuiu o prémio de novelística a *Luuanda* de José Luandino Vieira, militante activo do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) que à data se encontrava no Tarrafal, em Cabo Verde, a cumprir uma pena de catorze anos de prisão. Depois da publicação de uma brevíssima notícia, a censura proibia qualquer referência ao prémio e Jacinto do Prado Coelho, director da SPE, era chamado ao gabinete do ministro da Educação Nacional e intimado a anular a

decisão do júri sob pena de a SPE ser encerrada. No mesmo dia, 20 de Maio, Prado Coelho convocou numa reunião dos dirigentes para discutir o assunto. Joaquim Paço d'Arcos, então presidente da Assembleia Geral da SPE, decidiu demitir-se. No dia seguinte, 21 de Maio, um despacho do ministro Galvão Teles extinguiu a SPE, a sede era assaltada e destruída, e três membros do júri – Augusto Abelaira, Alexandre Pinheiro Torres e Manuel da Fonseca – eram presos pela PIDE.

Ao lermos *A Dolorosa Razão duma Atitude*, opúsculo onde Joaquim Paço d'Arcos justifica a sua demissão, somos confrontados com uma visão parcial do acontecimento, sobretudo quando a comparamos com outros relatos³. Para Joaquim Paço d'Arcos, «a Sociedade Portuguesa de Escritores não podia premiar a obra dum condenado por actos de terrorismo em Angola»; inclusivamente, a confirmação da atribuição do prémio poderia mesmo desencadear possíveis «actos de represália ou de violência que poderiam pôr até a sua existência [da Sociedade] em risco»⁴. No entanto, esta preocupação não era unânime; na reunião de direcção, alguns «sustentaram o ponto de vista de que o Prémio era concedido pelo valor intrínseco da obra, independentemente das circunstâncias que pudessem macular o seu autor. A Direcção não podia desautorizar o Júri e não devia voltar atrás da decisão proclamada»⁵. Foi redigido um comunicado, a publicar na imprensa do dia seguinte, defendendo a atribuição do prémio e alegando que Luandino Vieira, mesmo depois de preso e condenado, havia recebido outras quatro distinções; o comunicado, porém, não continha qualquer nota de repúdio a actos de terrorismo por ele praticados – o que causou algum mal-estar junto do Ministério da Educação Nacional.

Já em declínio, o desgastado regime salazarista viu o seu protagonista sair de cena de uma forma extemporânea, a 3 de Agosto de 1968. A 27 de Setembro o presidente Américo Tomás, confrontado com a incapacidade de Salazar, nomeia Marcelo Caetano para o substituir⁶. Dez anos depois de ter sido afastado pelo próprio

³ Para mais informação sobre o processo de extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores vd. João Pedro de Avellar George, «Campo literário português?: o caso da extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores em 1965», *Revista da História das Ideias*, vol. XXI, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2000 (pp. 461-499).

⁴ Joaquim Paço d'Arcos, *A Dolorosa Razão duma Atitude*, Lisboa, edição do autor, 1965, pp. 7 e 8.

⁵ *Ibidem*, p. 9.

⁶ João Silva ironiza sobre a queda de Salazar na peça inédita *Tolerar os Tolos*, p. 44, de 1997:

«Era uma vez um país pequenino povoado de duendes traquinas e indisciplinados. Um dia, chegou à capital do país um mago astuto, conhecedor de velhas alquimias e de fórmulas compostas de muitas misturas perversas. Montou uma tenda gigante e fez entrar todos os habitantes. Ludibriou-se com poções mágicas. Embriagou-os com néctares da terra. Adoçou-os e envolveu-os em papinhos de anjo, barriguinhas de freira, farófias, fatias douradas, rabanadas, toucinho do céu. Ah! Tantos manjares. Tantas

Salazar, numa remodelação governamental motivada por uma crise política interna, Caetano regressa ao regime e à cadeira do poder que tanto almejava.

Apesar de uma proclamada «abertura política», devido à implementação de reformas nalguns sectores do país, sobretudo o industrial e o económico, que fomentaram expectativas de uma viragem do regime, tal não veio a acontecer. Em virtude de um permanente vaivém entre diálogo e repressão, nomeadamente quando os assuntos em cima da mesa eram sensíveis ao regime, como a Guerra Colonial, uma crescente oposição e pressão social fez com que a «Primavera Marcelista» cedo se extinguisse e, mais tarde, desse lugar à Revolução dos Cravos.

O nosso imaginário é invariavelmente transportado para o Estado Novo ao ouvirmos ou lermos a palavra *censura*. Em Portugal, porém, a existência desta instância controladora remonta ao longínquo século XVI, prolongando-se sobretudo através da censura inquisitorial e da Real Mesa Censória. À severidade e ao rigor da Inquisição, que espelhavam as medidas censórias adoptadas em Roma, servindo mesmo de exemplo para o restante mundo católico, juntou-se a vigilância do Ordinário da Diocese e a jurisdição civil do Desembargo do Paço. Na segunda metade do século XVIII, o Marquês de Pombal de Pombal estabeleceu a Real Mesa Censória, que reuniu os poderes daquelas instituições. O século XIX regressou à censura única, até então tripartida, até ser extinta pelo poder liberal; no entanto, sobretudo no que ao teatro diz respeito, foram criadas outras formas de apreciação, quer de textos quer de espectáculos, como as diversas Comissões de Censura Dramática.⁷

Assim, podemos afirmar que a censura como instrumento de controlo ideológico, quer fosse de cariz moral ou político, quer até estético, esteve quase sempre presente na cultura portuguesa, condicionando o seu crescimento.

Logo nos primeiros anos do Estado Novo a censura tinha como objectivos «impedir a perversão da opinião pública», defendendo-a «de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum»

doçarias dos deuses. Passaram muitos anos e o mago envelheceu. Ficou caduco. Sentou-se numa cadeira sem fundo, bateu com a inteligência num calhau e finou-se».

⁷ Sobre os mecanismos de censura em Portugal anteriores à República vejam sobretudo os estudos de Maria Teresa Esteves Payan Martins *A Censura Literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005 e de Ana Isabel Vasconcelos «A censura, segundo Almeida Garrett», *Sinais de Cena* 12, 2009, pp. 24–26. Consultar também os catálogos *Teatro proibido e censurado em Portugal no século XVIII*

(<https://teatroproibido.ulisboa.pt/indexFirst.jsp>)

e *Teatro proibido e censurado em Portugal no século XIX*

(<https://teatroproibidoxix.lettras.ulisboa.pt/indexFirst.jsp>).

e, deste modo, preservar os «princípios fundamentais da organização da sociedade», como se lê no Artigo 3.º do Decreto-lei n.º 22.469, de 11 de Abril de 1933⁸. Visto que o regime atribuía à imprensa uma função de carácter público, enquanto criadora de uma opinião pública, todas as publicações periódicas tinham obrigatoriamente de passar pelo crivo da censura prévia. Nos anos seguintes o controlo da expressão de opiniões será sempre matéria de legislação. O Decreto-lei n.º 26.589, de 14 de Maio de 1936, estabelece os pressupostos para que não se permita «a fundação de jornais sem que à sua frente se encontrem pessoas de reconhecida idoneidade intelectual e moral». Ou seja, tudo e todos que fossem contra a corrente ideológica defendida por Salazar eram inimigos do regime.

O teatro, tal qual os livros e os periódicos, também não escapava aos mecanismos censórios do Estado, sendo que, devido ao elo palavra escrita-palavra dita, à transição do texto para o palco, o escrutínio era ainda maior. Portanto, para que um espectáculo de teatro fosse apresentado publicamente, era necessário que superasse duas provas: a primeira dizia respeito ao texto; a segunda à representação e às respectivas escolhas cénicas, através dos «ensaios de censura».

Os processos censórios pressupunham uma tramitação aparentemente simples: o interessado (autor, encenador, empresário, realizador, etc.) solicitava à Comissão de Censura a apreciação do texto; este era entregue aos censores, que deliberavam a sua reprovação ou aprovação, com ou sem cortes, devidamente justificada em formulário próprio (consoante critérios por vezes ambíguos); no caso de ser reprovado, era possível solicitar uma reapreciação do texto. Quando uma licença de representação era emitida, o texto era devolvido com ou sem indicações dos censores, que, mais tarde, assistiriam aos referidos «ensaios de censura». No entanto, podia acontecer que a licença fosse revogada e a carreira do espectáculo interrompida se as directrizes dos censores não fossem respeitadas ou se o texto dito não correspondesse ao escrito.

⁸ O texto integral do artigo 3.º é: «A censura terá somente por fim impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade».

2. Muros que nos Cercam

João Manuel Alves Pereira da Silva (19??-2018), figura ímpar do teatro português contemporâneo, dedicou grande parte da sua vida e trabalho ao Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos, que fundou em 1968 e ainda hoje subsiste. Faleceu subitamente em Maio de 2018, quando se iniciavam os preparativos para a comemoração do quinquagésimo aniversário do grupo que liderou ininterruptamente.

Todavia, muito antes de se estabelecer como força motriz do Grupo de Teatro Terapêutico, João Silva deu os primeiros passos em teatro em grupos amadores. Num documento escrito pelo próprio, afirma ter trabalhado com o actor e encenador portuense Manuel dos Santos Carvalho⁹. Um desses grupos foi o Belém-Clube, colectividade cultural fundada em 1899, que se instalou no Teatro Luís de Camões¹⁰, na Calçada da Ajuda, em 1911.

Nos finais dos anos 50 do século XX, a Direcção decidiu promover iniciativas teatrais de ensaio e experiência, que se prolongariam nos primeiros anos da década seguinte. Procurava-se fomentar a revelação de novos actores, chegando mesmo a ser publicado um convite dirigido a todos os interessados em participar na iniciativa.

Apesar dos poucos registos desse período, existem seis fotografias no espólio de João Silva onde se pode vê-lo a representar a personagem Gonçalo Vaz, em *Oiro*, de Alfredo Cortez, que integrou o repertório do chamado «Teatro Experimental» levado a cabo pela secção de teatro do referido Clube.

O espectáculo estreou em Dezembro de 1961. A encenação esteve a cargo de José de Carvalho. O cenário foi da responsabilidade de Vítor Bettencourt. O elenco foi o seguinte: Elisabeth Silva (Maria Teresa), Maria Duarte (Mónica), Alexandre Rodrigues (Dr. Paulo Maia), João Silva (Gonçalo Vaz) e Narciso de Almeida (Enfermeiro).

Participaram, ainda, José Alberto (contra-regra), Fausto Sacadura (electricista) e Joaquim Santos (maquinista).

⁹ No entanto, não foi possível encontrar quaisquer elos entre Manuel dos Santos Carvalho, o Belém-Clube e João Silva.

¹⁰ Rebaptizado como LU.CA (Lugar para as Crianças e Jovens e para as Artes) a 1 de Junho de 2018, terá uma programação direccionada ao público infanto-juvenil.



Figura 1: *Oiro*, de Alfredo Cortez, 1961, Belém-Clube. Fotografia desconhecido.

Da esquerda para a direita: Narciso de Almeida, João Silva, Alexandre Rodrigues, Elisabeth Silva.

Na foto reproduzida, vêem-se quatro actores, em poses expressivas. A de João Silva, ainda assim, sobressai: as pernas arqueadas, os braços ao alto que o outro actor (Narciso de Almeida) tenta conter, cada um dos dedos das mãos esticado, a boca aberta e o olhar esgazeado. Toda a sua expressão corporal evidencia o transtorno severo da personagem. Embora não existam registos áudio, podemos adivinhar a expressão vocal de João Silva nas palavras do crítico Luís de Oliveira Nunes «João Silva encarregou-se da personagem difícil do louco e isso talvez o tenha levado a gritar em demasia, falando num tom continuamente fora do desejável».¹¹

Alguns anos mais tarde, João Silva iria integrar o elenco da Casa da Comédia, convidado por um dos seus fundadores e uma das figuras de maior relevo do teatro português. Apesar de não ser possível avaliar a veracidade das afirmações, João Silva por diversas vezes me informou que Fernando Amado o vira num espectáculo de teatro amador e, embora reconhecesse nele talento, lhe dissera que não tinha técnica, pois «zurrava» demasiado no palco.

A estreia de João Silva na Casa da Comédia acontece a 11 de Agosto de 1964, em Mafra, no remodelado Cine-Teatro S. Jerónimo, com o espectáculo *Farsa de Inês Pereira*, onde contracena com, entre outros, Maria do Céu Guerra, Maria Crespo, Clara Joana e Francisco Ferro.

¹¹ «‘O oiro’, pelo Grupo de Teatro do Belém Clube», in *Diário de Lisboa*, 15 de Fevereiro de 1962, p. 6.

Seguem-se-lhe: *Recital Vicentino*, a 30 de Setembro de 1964; *Médico à Força*, a 19 de Abril de 1965; *O Baile dos Mercadores*, a 25 de Agosto de 1965.

Baseado na farsa de João Osório de Castro, o espectáculo *O Baile dos Mercadores* seria o último com a direcção artística de Fernando Amado. Porventura devido ao progressivo declínio do estado de saúde deste, também o fim da ligação de João Silva à Casa da Comédia estaria próximo. Tal como tantos outros, também ele procuraria novas experiências.



Figura 2: *O Baile dos Mercadores*, de João Osório de Castro, pela Casa da Comédia, 1965.

A aprendizagem sob a orientação de Fernando Amado, ainda que apenas durante um brevíssimo período de tempo, foi de tal modo importante para João Silva que, também para ele, o texto será a «coluna vertebral»¹² de trabalhos teatrais futuros, como veremos adiante.

Ainda em 1965, foi convidado por Carlos Avilez para completar o elenco de *Esopaida ou A Vida de Esopo*, de António José da Silva, no que iria configurar-se como o primeiro espectáculo do Teatro Experimental de Cascais. No entanto, devido a algum agastamento com o teatro, João Silva declina o convite e regressa a Lisboa.

¹² Em *À Boca de Cena*, Fernando Amado escreve: «A linguagem teatral é complexa na sua unidade. A sua coluna vertebral é o texto, o que dizem e clamam os actores».

Nos anos seguintes, integra o elenco de algumas peças de teatro para televisão, nomeadamente *A Casca de Banana* (1963), *Os Sornas* (1965) e *As Novas Aventuras de Pasquale* (1966), sendo as duas primeiras realizadas por Herlander Peyroteo e a última por Oliveira e Costa. Nesta última peça televisiva, a única cujo processo documental encontrei nos arquivos do Museu da Rádio e Televisão de Portugal, também participavam, entre outros, os actores Armando Cortez, Delfina Cruz, Óscar Acúrcio e, como protagonista, Nicolau Breynner¹³. Pelo trabalho, João Silva recebeu um pagamento de 800 \$, quatro vezes menos do que o actor principal. Ainda assim, uma quantia razoável, considerando o diminuto número de cenas gravadas. Contudo, pelas palavras do próprio, o teleteatro era-lhe «estranho» e «enfadonho», o que o levou a rasgar o contrato que assinara e a ser colocado numa espécie de «lista negra de actores indesejados», não voltando a ser chamado à Radiotelevisão Portuguesa¹⁴.

Num ano marcado por máscaras, expectativas e falsas transições, 1968, no manicómio mais conhecido de Portugal, o Hospital Júlio de Matos, dois médicos e uma assistente social (Dr. Américo Assunção, Dra. Ana Diniz e Maria Alcina Campos) aceitam um desafio proposto por doentes do Pavilhão de Homens, convidam amigos de diversas áreas para se lhes juntarem e levam avante uma experiência de teatro. Um desses amigos era João Silva. A experiência, que esperavam não ser mais do que ocasional, continuou e transformou-se num dos projectos de teatro terapêutico mais inovadores das últimas décadas, pioneiro na forma como conciliava a arte e a terapia, através de uma metodologia de trabalho que se foi aperfeiçoando com o tempo, sendo o único com tamanha longevidade.

Apesar de a sua formação na Casa da Comédia ser de actor, João Silva desde logo assumiu a encenação e a direcção de actores dos utentes do Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos. Durante a primeira década de existência do Grupo, trabalhou autores como Eugene O'Neill (*Óleo* foi o primeiro espectáculo apresentado); Luigi Pirandello (*O Torno*, no ano seguinte); Eduardo Gama, utente internado no Hospital (*Caleidoscópio*, em 1970); Bernardo Santareno (*A Traição do*

¹³ Das outras duas apenas pude consultar os processos do Secretariado Nacional de Informação (n.º 7186 e n.º 7653, respectivamente), que, tal como o desta (n.º 8207) não fornecem a ficha artística.

¹⁴ Em 1966, mais de cinquenta peças de teatro foram submetidas à apreciação da censura para serem transmitidas na Radiotelevisão Portuguesa. Um número que facilmente triplica, se estendermos o período em análise por mais dois anos. Não havendo quaisquer registos no espólio da sua incursão no teleteatro, resta-nos acreditar nas palavras do próprio, tendo sempre em consideração o quão volátil a memória pode ser. Cf. Anexo D.

Padre Martinho, cuja apresentação foi reprovada pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos); Albert Camus (*Calígula*, em 1974); Molière (*Médico à Força*, em 1976).

Em 1977, João Silva faz a sua primeira dramaturgia para o Grupo de Teatro Terapêutico: uma adaptação de *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry. Devido ao apoio do Instituto de Assistência Psiquiátrica, as apresentações públicas não se limitam ao espaço circunscrito pelos muros do Hospital, sendo o espectáculo também apresentado n'A Comuna – Teatro de Pesquisa. Contudo, o trabalho seguinte, *Marat/Sade*¹⁵, de Peter Weiss, é vetado em 1979 pela comissão de coordenação do Hospital responsável pelo Grupo, que considerou o texto inapropriado¹⁶. Porventura devido ao paternalismo demonstrado ou ao desconhecimento do trabalho desenvolvido no Grupo, a resposta não se fez esperar: *Murmúrios do Capuchinho Vermelho* (em 1981) e *As Sete Notas Mágicas* (em 1984), ambos adaptações de contos para a infância, mas tudo menos infantis.



Figura 3: Ensaio de *As Sete Notas Mágicas*, de João Silva, pelo Grupo de Teatro Terapêutico, no Salão Nobre do Hospital Júlio de Matos, 1984. Fotografia desconhecido

¹⁵ Título completo: *A Perseguição e Assassinato de Jean-Paul Marat encenado pelos internos do Hospício de Charenton sob direcção do Senhor de Sade*.

¹⁶ De acordo com a opinião da médica da comissão de coordenação, Dra. Ivone Afonso, «*As Guerras de Alecrim e Manjerona* [texto de António José da Silva] é o que interessa».

O ano de 1988 é também um marco para o Grupo de Teatro Terapêutico, pois pela primeira vez a estreia de um espectáculo ocorre fora do Hospital Júlio de Matos – *Neblina*, uma adaptação de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, apresenta-se no Teatro Maria Matos, em Lisboa. No ano seguinte, nova adaptação: *Carmen em Tragicomédia no Luna Parque*, baseada na obra de Prosper Merimée.

O espectáculo *As Magnólias*, de 1991, assinala uma viragem na metodologia usada no Grupo. Se até então o foco eram textos de outros autores ou adaptações para teatro, doravante os textos surgem através de conversas com os utentes, de partilhas e confidências, no decorrer de várias sessões, que João Silva posteriormente trabalhava e aprimorava. Os conteúdos não eram alterados, mas a forma sim.

Seguem-se *Memórias de Bichos e Gentes* (1993/94), *Tolerar os Tolos* (1997), *A Muralha* (2001), *Sonhos sem Freud* (2002), *Tordos à Deriva* (2004), *A Borralhona* (2005), *A Nossa Quinta* (2006) e *No Cais* (2008). Destes, apenas três são obtidos recorrendo a outras metodologias. *A Muralha* é da autoria exclusiva de João Silva, enquanto que *A Borralhona* e *A Nossa Quinta* são adaptações (a primeira é baseada no conto de Perrault, a segunda na obra de George Orwell).

Em 2009, surge *Limiar*, baseado nos testemunhos de utentes com doenças do foro psiquiátrico sobre a loucura e a normalidade. Quase dez anos depois ainda é uma referência, para o Grupo e não só. Mais tarde, a pedido expresso dos actores, João Silva escreve uma farsa, *Metastasisipolis*, em 2011, que é apresentada no São Luiz – Teatro Municipal. Seguem-se *Noturnos* (2013), *Torcicolo* (2015) e *Casulo* (2017), novamente mediante a metodologia de projectos prévios, entretanto aperfeiçoada, que acabaria por ser, acima de tudo, a própria identidade do Grupo.

Deste modo, pode dizer-se que o trabalho de João Silva no Grupo de Teatro Terapêutico atravessou três fases distintas: inicialmente, os espectáculos tinham como base os textos de outros autores (1968–1978); seguiu-se um período de adaptações de textos de outros autores (1978–1991); finalmente, apenas originais do próprio, de acordo com a metodologia adoptada pelo Grupo – ainda que, pontualmente, alguns textos fossem exclusivamente da autoria de João Silva (1991–2017).

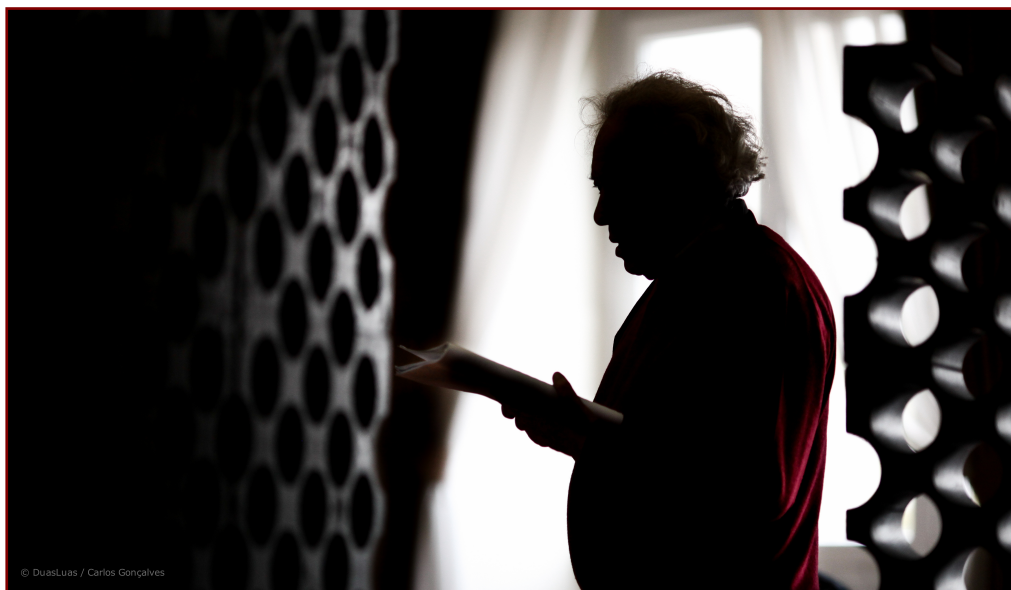


Figura 4: Ensaio de *Noturnos*, de João Silva, pelo Grupo de Teatro Terapêutico, no Salão Nobre do Hospital Júlio de Matos, 2013. Fotografia desconhecido.

A metodologia do Grupo de Teatro Terapêutico tem uma fundamentação aristotélica, ainda que noutra matiz, no sentido em que procura providenciar uma *katharsis* aos seus doentes-actores e, também, aos seus espectadores. Segundo Aristóteles, a tragédia, «por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões»¹⁷. No âmbito da Psicologia, *catarse* é a «ab-reacção de um afecto não descarregado, isto é, que não foi a seu tempo suprimido por uma reacção adequada»¹⁸.

Quanto ao processo de trabalho do Grupo, a área teatral e a área terapêutica desenvolvem-se numa harmoniosa simbiose, onde as regras de cada uma são aceites e respeitadas, sem interferências de parte a parte. A metodologia adoptada estrutura-se em três momentos:

Numa primeira fase, que denominarei *Concepção*, existe uma partilha de experiências, opiniões, valores ou emoções por parte dos utentes do Grupo de Teatro Terapêutico, que pode ser completamente livre ou subordinada a um tema pré-definido por quem orienta as sessões – normalmente, este período não ultrapassa trinta sessões (o que equivale, aproximadamente, a quase três meses de ensaios). Tanto as partilhas como as discussões subsequentes são registadas em papel *ipsis verbis*.

¹⁷ ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2015, 1449b 20–30, pp. 47 e 48.

¹⁸ DORON, Roland e PAROT, Françoise (coordenação). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa, Climepsi Editores, 2001, p.127.

Os registos são processados em ficheiros electrónicos de texto, e posteriormente apresentados aos utentes, através de várias leituras, o que origina um processo de tomada de consciência dos assuntos por parte de cada um dos elementos do Grupo. Só depois se avança para a criação do texto teatral.

A fase seguinte é, sobretudo, dedicada à *Orientação*. Surge em simultâneo com o início dos ensaios de palco. Durante este período, o Grupo aprofunda a compreensão do texto teatral por meio de uma análise dramatúrgica dos conteúdos, assim como as diversas formas de os transmitir, seja recorrendo à linguagem verbal ou à não-verbal. Ao mesmo tempo, os utentes memorizam o texto teatral e experimentam as respectivas marcações cénicas do encenador.

Na última fase, trabalha-se a *Exposição* dos utentes, pois as apresentações públicas do trabalho desenvolvido exigem uma aprendizagem de gestão de ansiedade (ainda mais elevada devido à confrontação com os espectadores), bem como da recepção da crítica – seja positiva ou negativa. Terminado o espectáculo, ao apresentarem-se e conversarem com o público despidos das respectivas personagens, os utentes trabalham finalmente a sua auto-revelação.

De acordo com João Silva: «[entre] terapia e teatro, há o entendimento possível que permite usufruir da liberdade em benefício do doente-actor, proporcionando-lhe, nos vários espaços das actividades lúdicas e sociais, o direito de serem ou não diferentes»¹⁹. Assim, depois de atravessadas as várias etapas do processo, os elementos do grupo aprendem a melhor compreender o *eu* e o *outro*, desenvolvendo várias competências intra e interpessoais que podem depois replicar no quotidiano, minorando significativamente o mal-estar causado pelas suas patologias.

Todavia, não foi exclusivamente no Grupo de Teatro Terapêutico que João Silva desenvolveu o seu trabalho, ainda que as suas incursões para lá dos muros do Hospital fossem escassas – uma parte por auto-exílio, outra parte, talvez, por proscrição de outros.

Em 1971, João Silva é convidado pela Associação de Pessoal do Laboratório Nacional de Engenharia Civil a dirigir o Grupo de Teatro desta. Numa carta à Direcção, presumivelmente de Dezembro desse mesmo ano, é referida a proibição do espectáculo *Auto da Barca do Motor Fora da Borda*, de Luís de Sttau Monteiro, assim como a necessidade de continuar a trabalhar para sair da «cepa torcida».

¹⁹ Texto inédito de João Silva, intitulado *O Percurso de um Projecto de Teatro Numa Instituição Psiquiátrica*, escrito por ocasião do trigésimo aniversário do Grupo de Teatro Terapêutico.

O número de sócios em 1971 era de 904.

Actividade Cultural

- Sessão de canções populares portuguesas pelo Coro da Academia de Amadores de Música, sob a direcção do Maestro Fernando Lopes Graça
- Sessão de poesia pelos alunos da Classe de Arte de Dizer, da Professora Maria Germana Tanger, do Conservatório Nacional, que disseram poemas de António Gedeão
- Exposição de pintura do sócio da Associação Tomás Mateus
- Colóquio sobre teatro com Luís de Sttau Monteiro, a propósito da peça "Auto da barca do motor fora de leme" que o Grupo de Teatro da APLNEC começou a trabalhar, mas não pode levar à cena por tal não ter sido autorizado pelas entidades governativas, nem mesmo a título de ensaio geral
- Edição de sete números da "Folha Informativa" (n.ºs 6 a 12)

- Edição do n.º 29 do Boletim, com data de Julho
- Criação duma discoteca da Associação, com a aquisição dos dezoito primeiros discos
- A Biblioteca dispõe de 975 livros

Actividade Social

- Festa de Natal, a 21 de Dezembro, para 405 crianças

Actividade Desportiva

- Participação nos V Jogos Desportivos do MOP, com obtenção do 2.º lugar na classificação final global
- Participação no Campeonato da FNAT de Basquetebol
- Participação num torneio de ténis de mesa na Siderurgia Nacional
- Participação no Concurso de Pesca de Rio da FNAT



Programa da peça de teatro "Auto da barca do motor fora de borda"

Figura 5: Associação dos Trabalhadores do Laboratório de Engenharia Civil (ATLNREC) *As Três Primeiras Décadas da Associação*, 1987, pág. 85, com reprodução do programa de *Auto da Barca do Motor Fora da Borda*

Estimulados pela recente censura, o grupo envereda por outra metodologia, uma criação colectiva baseada em textos escritos pelos próprios e textos de outros, desde que subordinados a temáticas previamente definidas. O trabalho conjunto resulta no texto *15 tostões – Campo d'Ourique*, cuja representação é lamentavelmente reprovada em Janeiro de 1972. Ainda na carta, o grupo faz questão de mencionar a imprescindibilidade de João Silva durante todo o processo criativo²⁰.

²⁰ Pode ler-se o seguinte: «Como se pode verificar, pelo tipo de trabalho realizado, foi-nos imprescindível a colaboração e presença do técnico encenador João Silva, sem o qual não seria possível, sequer, apercebermo-nos de determinados aspectos que são fundamentais num trabalho de criação deste género».

Quase meio século mais tarde, João Silva recuperaria o texto para a leitura de alguns excertos numa iniciativa da Junta de Freguesia de Alvalade com o objectivo de celebrar a vida e a obra de José Cardoso Pires, também ele conhecedor dos meandros censórios.

Em 1992, João Silva escreve *Da Vida dos Pássaros* para a companhia O Bando, cuja encenação viria a ser de Pompeu José e contaria com as interpretações de Adelaide João, Bibi Gomes e Dina Lopes. A respeito do texto, o crítico de teatro Tito Lívio escreveu, n' *A Capital*, o que se segue: «Um texto que soube ultrapassar a condição de visão clínica de uma sociedade “doente” ou o panfletarismo de um feminismo agressivo e tão desnecessariamente radical quando a “estrada” é a mesma para mulheres e homens, companheiros de “prisão”»²¹.

Foi também responsável pelo Grupo de Teatro da Universidade Lusíada, na altura um caso excepcional, pois era o único grupo de teatro universitário oriundo de uma Universidade privada. Para o Grupo de Teatro da Universidade Lusíada escreveu e encenou três textos: *A Falsa Sensação de Liberdade de Escolha* (em 1994), *Louva a Deus* (em 1996) e *A Besta* (em 1999). À semelhança do processo de criação dos textos do Grupo de Teatro Terapêutico, também estes três tiveram por base os testemunhos e as partilhas dos actores, dessa vez não pessoas com patologias do foro psiquiátrico, mas sim estudantes universitários das mais diversas áreas. Através da aplicação da metodologia noutros contextos, João Silva estaria, porventura, a tentar descobrir qual o seu «alcance». Sobre o primeiro espectáculo, o crítico de teatro Manuel João Gomes redigiu, no *Público*, o seguinte: «[*A Falsa Sensação de Liberdade de Escolha*] é um espectáculo de uma frescura contagiante, a um tempo grave e lúdico, tão capaz de divertir como de estimular a reflexão»²². Afirmando, inclusive, que era uma obrigação dos «lusíadas» rerepresentá-lo ao público.²³

De acordo com Pedro Soares, um dos elementos do Grupo de Teatro da Universidade Lusíada, a relação do grupo com o então reitor, António Martins da Cruz, era praticamente inexistente. A ausência de comunicação implicava alguma semiclandestinidade e os trabalhos apenas eram possíveis devido à cumplicidade de alguns funcionários da Universidade, que davam ao grupo acesso a salas ou outros

²¹ Em *A Capital*, de 16 de Maio de 1995.

²² Em *Público*, de 31 de Julho de 1994.

²³ Tal veio mesmo a acontecer: depois da estreia, a 29 de Julho de 1994, no Teatro Maria Matos, *A Falsa Sensação de Liberdade de Escolha* foi também apresentado n' A Barraca, nos dias 30 e 31 de Janeiro de 1995.

espaços para ensaios. Entre outros episódios, Pedro Soares lembra-se de, no dia seguinte à apresentação de *A Falsa Sensação de Liberdade de Escolha*, todos os elementos do grupo serem, pela primeira vez, convocados ao gabinete do reitor. Na secretária de António Martins da Cruz estava o *Público*, aberto na página com o texto de Manuel João Gomes. Apesar das advertências e reprimendas, foram parabenizados – a crítica ao espectáculo, afinal de contas, tinha sido muito positiva.

Depois de *A Besta*, João Silva não daria continuidade ao Grupo de Teatro da Universidade Lusíada. Além de estar saturado das constantes entradas e saídas de elementos no grupo, que conferiam ao trabalho alguma instabilidade, João Silva ambicionava trabalhar novamente com actores profissionais.

Assim foi, em 1999, também com o apoio de Pedro Soares na produção do espectáculo, posteriormente assumida na plenitude por Vera Ramos, quando decide encenar o texto 2.

Inicialmente, o elenco do espectáculo era constituído pelos actores Rui Sérgio e João Ricardo, mais tarde substituído por Rui Cerveira, que acabaria também por abandonar o projecto e ser rendido por Joaquim Teodoro, mais conhecido pelo nome artístico Quimbé.

Parafraseando Rui Sérgio, 2 teve um processo de trabalho moroso, devido à instabilidade do elenco, à diminuta equipa que lhe dava suporte e à própria complexidade do texto, amplificada depois pela cenografia de Rui Francisco. No entanto, é com saudade prazerosa que recorda os ensaios de um trabalho elaborado, sobretudo, a três: o autor-encenador que conhecia «aquele universo de demência» melhor do que ninguém e os dois actores que lhe davam vida.

Numa dessas evocações, Rui Sérgio descreve o compromisso com João Silva de esconder uma parte do texto numa das viaturas cénicas, devido à dificuldade em memorizá-lo, para o ler durante o espectáculo. Viatura, essa, que servia de latrina a ambas as personagens, o que conferia à acção todo um novo simbolismo – uma verborreia camuflada de oração, ou vice-versa.

O espectáculo 2 esteve em cena durante quinze dias, num devoluto armazém da empresa portuguesa Nacional, próximo do Convento do Beato.



Figura 6: Cenografia de Rui Francisco para o espectáculo 2, de João Silva, num armazém devoluto da empresa portuguesa Nacional, no Beatro, 1999. Fotógrafo desconhecido.

Mais de quinze anos depois de *A Besta*, João Silva faria a sua derradeira evasão: a criação da cooperativa Resina Teatro, em 2016. Levariam à cena, em Junho desse mesmo ano, o espectáculo *Os Vigilantes*, autoria e encenação do próprio, n'A Comuna – Teatro de Pesquisa. Seguir-lhe-iam apresentações no Teatro Municipal Mirita Casimiro (Teatro Experimental de Cascais), no Teatro-Estúdio António Assunção (Teatro Extremo de Almada) e no Teatro Bernardim Ribeiro (Estremoz).



Figura 7: Ensaio de *Os Vigilantes*, de João Silva, n'A Comuna – Teatro de Pesquisa, 2016. Fotografia de Joana Saboeiro.

Na contracapa de *Os Vigilantes*²⁴, a nota de apresentação do autor alerta, em termos encomiásticos, para a sua discreta condição de artista:

«Escritor, dramaturgo e encenador, João Silva é uma das vozes mais originais e, paradoxalmente, menos divulgadas do nosso teatro contemporâneo, que urge conhecer.»

Uma afirmação contundente, mas, no meu entender, certa. Mesmo em trabalhos recentes sobre a dramaturgia portuguesa contemporânea²⁵ raramente, para não dizer nunca, é possível encontrar quaisquer referências a João Silva – ainda que tenha escrito, em cinquenta anos, pelo menos vinte originais.

Talvez assim seja, na minha opinião, devido a dois motivos: a uma modéstia exagerada do próprio, que levava a uma recorrente desvalorização da sua obra e da necessidade da sua divulgação²⁶, aliada a uma proscrição pelos seus pares, porventura subconsciente, por se ter dedicado quase por exclusivo ao Grupo de Teatro Terapêutico.

A vida e a obra de João Silva por vezes confundem-se com os próprios muros do Hospital Júlio de Matos, actual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, sendo difícil dissociar um do outro, mas a minha investigação permitiu descobrir que o seu envolvimento no tecido teatral português é muito mais vasto.

Apesar de o Grupo de Teatro Terapêutico ser o seu projecto mais regular, daí a sua longevidade, João Silva desenvolveu também o seu trabalho junto de grupos amadores, universitários e profissionais – tornando-se, assim, um «estranho conhecido» de todos e contribuindo com diferentes maneiras de ver e fazer Teatro.

João Silva partiu em Maio do ano passado, precisamente aquando se iniciavam as preparações do Cinquentenário do Grupo de Teatro Terapêutico. Se a memória de um homem é o que perdura para lá da espuma dos dias, a obra de João Silva é a afirmação da sua importância no panorama teatral português. Uma história ainda incompleta, mas que considero essencial conhecer.

²⁴ Publicado em 2016 pela Cavalo de Ferro.

²⁵ Como são os casos de *Uma perspectiva sobre o teatro e as artes performativas contemporâneas em Portugal e Para uma Cartografia da Criação Dramática Portuguesa Contemporânea 1974-2004*, de David Antunes e Micael de Oliveira, respectivamente, ambos de 2010.

²⁶ Uma resistência que, ainda assim, se foi atenuando nos últimos anos. João Silva concorreu ao Eurodram – *European network for drama in translation* –, em 2017, com o texto original 2 e tinha também como objectivo acompanhar os espectáculos elaborados na cooperativa Resina Teatro com a respectiva publicação destes em formato de livro.

3. Autópsia Dramatúrgica

Cronologia dos acontecimentos

A 7 de Abril de 1967, João Manuel Alves Pereira da Silva envia à Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos do Secretariado Nacional de Informação um requerimento para a autorização de representação do texto de teatro *Autópsia*, de que junta uma cópia dactilografada. Na semana seguinte, a 12 de Abril, uma receita de 60\$00 dá entrada no cofre do Tesouro em Lisboa, referente à cobrança de emolumentos pela examinação.

Ao processo foi atribuído o número de registo 8.429, sendo o texto remetido ao censor José Gaspar da Cruz Filipe que, a 14 de Abril, emite o seguinte parecer:

Tenho de confessar a minha perplexidade perante esta peça, “Autópsia”, cujos objectivos e enredo (?) não atinjo, pois não consigo penetrar no seu, para mim oculto, simbolismo.

Quer-me, todavia, parecer que ela nada tem de construtivo e, por isso, no meu espírito levantam-se fortes dúvidas sobre a conveniência da sua aprovação.

Julgo, assim, que deverá ser lida por outro vogal. 14 Abril 67. Cruz Filipe (anexo 2, supra)

Seguindo as indicações de Cruz Filipe, dez dias mais tarde, a 24 do mesmo mês, o censor José Cabral, redige a sua apreciação:

A construção da peça torna-a efectivamente bastante confusa. Parece-me, porém, uma peça pessimista e de ataques a valores tradicionais, nela se fazendo a “autópsia” do mundo em que vivemos, um mundo de miséria material e moral, de iniquidade e injustiça, perante o qual ao homem só resta uma atitude de cobarde conformismo e a certeza da morte, ao cabo de uma vida de permanente angústia pelo desconhecimento do que está para [lá] dela. Reprovo. Lx.^a, 24/4/67. J Cabral (anexo 2, infra)

Autópsia passa ainda pelo crivo de um decisor, cuja assinatura é indecifrável, que apõe o seu «Visto» aos pareceres anteriores, ditando a proibição de representação do espectáculo.

A 10 de Maio, João Silva envia uma carta ao Director Geral dos Espectáculos, José Maria Alves, solicitando uma reapreciação do texto, apelando, em modo de *captatio benevolentiae*, à «superior clarividência» do Director, confiando na revogação da proibição e consequente autorização de representação. Na carta, João Silva fornece a sua própria análise do texto, justificando o seu aparente simbolismo por não seguir os «habituais cânones dramáticos». Mais importante ainda, afirma que *Autópsia* «nada encerra de ideologia ou índole política ou religiosa», pelo que apenas pode ser compreendido de um plano moral. Uma tentativa astuta de influenciar os censores, transmitindo-lhes o que verdadeiramente queria que lessem:

Exmo. Senhor
Dr. José Maria Alves
Digmo. Director Geral dos Espectáculos
LISBOA

Exmo. Senhor,

Permita-me V. Exa. que lhe solicite especial atenção para a peça da minha autoria intitulada “AUTÓPSIA” registada nessa Inspeção sob o n.º 8429 e que foi classificada de “Proibida”, sem que para tal eu encontre qualquer razão que se me afigure válida.

Com efeito, o seu conteúdo simbolista – talvez de leitura um pouco incompreensível por não seguir os habituais cânones dramáticos – nada encerra de ideologia ou índole política ou religiosa pelo que, e apenas, o seu contexto pode ser entendido no aspecto moral. Julgo porém, ter sido bem evidente ao – embora apresentando os aspectos negativistas do personagem (ABEL), em choque com três estádios da sua personalidade (VOZ, MADALENA e SEBASTIÃO) – deixar expressa a mensagem construtiva da sua negação em sobreviver na baixa dependência destas solicitações condenáveis renegando no final da peça a aceitação de integrar-se na derrota que o abate. O epílogo em que “ABEL” renuncia as suas próprias fraquezas “morrendo” para o submundo em que vegetou é, sem a menor dúvida, a explosão clara do ser humano que, honesto para consigo próprio, reconhece o erro da pseudo-sociedade em que se integrou e que a expulsa de si próprio para se entregar a uma conduta moral totalmente oposta e positivista. Mais

ainda: propõe-se germinar novos seres que consigo lutem por uma sobrevivência que se nega ser derrotada ou absorvida por uma minoria que vive divorciada dos verdadeiros valores humanos.

Postos estes considerando certamente V. Exa. compreenderá a razão porque inicialmente me afirmei inconformado com a proibição de se representar o meu original.

O que terá de negativo?... O que terá de condenável?... Servir-se da apresentação do mal – que, infelizmente, se sabe existir universalmente – para fazer a apologia do bem?... Servir uma moral é ignorar que existem os que estão errados?... Então como mostrar-lhes o caminho que é condenável?...

À superior clarividência de V. Exa. apresento a consideração do meu original “AUTÓPSIA”, antecipadamente certo que tudo será feito num criterioso sentido de justiça, que certamente reconsiderará sobre a decisão de proibirem a representação do meu original.

Grato pela atenção que V. Exa. se dignar dispensar-me, subscrevo-me,

De V. Exa.
Muito atentamente
[assinatura de João Silva]

Lisboa, 10 de Maio de 1967
João Manuel Alves Pereira Silva
Rua João Castilho, 13 – 3.º Dto.
LISBOA (anexo 3)

No processo censório encontra-se ainda um bilhete, de Artur Anselmo de Oliveira Soares, endereçado ao próprio José Maria Alves, intercedendo pela aprovação da peça, por intermédio de Rui de Abreu Lima²⁷:

Meu caro José Maria: O portador, o meu amigo Rui de Abreu Lima, vai falar-lhe na hipótese de se poder levantar a censura sobre uma peça (“Autópsia”, de João Silva). Agradeço-lhe muito que veja se a coisa é viável. Eu estive a ler o texto e pareceu-me que sim, desde que se cortem certas passagens mais duvidosas; que parecem terem sido escritas mais por inexperiência literária do que por intenção ideológica.

Peço-lhe, pois, que o atenda e desculpe-me esta maçada.

Um abraço do Artur (anexo 4²⁸)

²⁷ Não me foi possível esclarecer a ligação do autor de *Autópsia* a estas personalidades.

O bilhete de Artur Anselmo de Oliveira Soares tem aqui um papel decisivo, pois o texto segue, efectivamente, para nova ronda de apreciação. O censor Rui Edmundo de Araújo Vasconcelos Pereira e Alvim, a 11 de Maio, apenas escreve «Li a peça», não tecendo qualquer juízo de valor sobre o texto (anexo 5, supra) – o que, como vimos anteriormente, era meio caminho andado para tudo continuar exactamente na mesma.

Algumas semanas mais tarde, a 27 de Maio, outro censor escreve o resultado do seu exame, aludindo a pareceres anteriores:

Li a peça. Embora concorde com o parecer do Sr. Dr. José Cabral admito a aprovação da peça, com cortes, para representações episódicas, considerando que se trata de obra pouco comercial, e desde que possa ser negado “o visto da inspecção” sempre que se julgar inoportuno o espectáculo, por razões de lugar ou oportunidade. 27-5-67 [Rubrica indecifrável] (anexo 5, infra)

Dos cinco pareceres emitidos, este é o único que admite a aprovação da peça, com cortes, coincidindo com a opinião de Artur Anselmo de Oliveira Soares. No entanto, tal não viria a acontecer. A 10 de Junho, a Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos comunica a João Manuel Alves Pereira da Silva que «mantém a reprovação da peça». (vd. anexos 6 e 7)²⁹.

Mais de dois anos depois da reprovação de representação de *Autópsia*, João Manuel Alves Pereira da Silva envia à Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos, a 15 de Outubro de 1969, novo requerimento³⁰. Desta vez, para a autorização de representação do texto de teatro *Masoch* – que tem parentesco directo com *Autópsia*, como veremos adiante, na medida em que embora se não possa considerar verdadeiramente uma reescrita da primeira peça, nela se filia, retomando a

²⁸ O anexo é o digitalizado pelos serviços do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que não permite a leitura das margens. Em consulta presencial, os técnicos arquivistas desagafaram o bilhete, facilitando-me a sua leitura integral. Agradeço à Dra. Odete Martins a pronta diligência.

²⁹ Do processo constam os rascunhos e duplicado do ofício (anexo 6), cujo original, assinado pelo Inspector chefe e remetido ao autor, se encontra na minha posse (anexo 7).

³⁰ A data do requerimento não pode ser dissociada do contexto político em que Portugal se encontrava: António de Oliveira Salazar havia sido exonerado e substituído por Marcelo Caetano a 27 de Setembro de 1968 e o regime entrava num fugaz período de maior abertura e descompressão política, que viria mais tarde a ser denominado de «Primavera Marcelista». João Silva via, seguramente, uma nova oportunidade para que o seu texto fosse, finalmente, aprovado.

mesma problemática, ampliando-a, reconfigurando as personagens, num texto que aproveita literalmente alguns fragmentos do texto anterior, reelaborando outros.

Ao processo é atribuído o número 8.942 e a 29 de Outubro é entregue ao censor Albino Pinto Fernandes, cuja apreciação foi a seguinte:

Trata-se de uma peça cheia de simbolismo cujo ideário e preocupações de cenário me levam a reprová-la. (anexo 8, supra)

Contudo, Geraldês Cardoso, a 16 de Novembro, teria uma opinião contrária, evidenciando alguma perspicácia ao considerar o texto nas suas duas dimensões, a literária e a cénica, e valorizando a sua inovação experimental que nivelava o panorama teatral português com o estrangeiro:

Peça pretensiosa, na qual o autor não conseguiu alcançar as alturas que desejaria. Carregada de simbolismos, vai perdendo interesse a cada página e, se não for a interpretação e a encenação a salvá-la, não conseguirá interessar o público.

De qualquer forma, são sempre de aceitar estes ensaios, pouco frequentes entre nós – mesmo quando o fim último a atingir com o tema não é dos mais defensáveis e dos mais optimistas.

Sou, assim, do parecer que a peça seja aprovada para adultos, com os cortes dos termos de baixa linguagem usados a fls. 13, 16, 21, 30, 36 e 60 e que vão assinalados a tinta (deve ainda averiguar-se se falta, como parece, a fl. 31). (anexo 9)

Os pareceres de Albino Pinto Fernandes e Geraldês Cardoso, tão díspares, espelham perfeitamente o que viria a ser o remanescente processo censório: um permanente vaivém entre a reprovação e a aprovação para representação do texto. Possivelmente terá mesmo sido esta ausência de consenso, logo durante o primeiro mês do processo, a determinar a necessidade de se recorrer a nova ronda censória.

No entanto, a apreciação de Geraldês Cardoso terá sido fundamental para que, ao fim de um período de dois meses e da examinação por nove censores distintos (ao contrário de *Autópsia*, que foi examinado por apenas cinco censores, ainda que o processo censório tenha sido mais moroso), a representação de *Masoch* para maiores de dezassete com cortes fosse aprovada, a 5 de Janeiro de 1970.

Além do parecer de Geraldês Cardoso, outros dois sobressaem, sintomáticos de um regime que pretendia implementar «uma série de significativas reformas nos planos social, educacional e económico» – o que se traduzia, também, em novas directrizes no aparelho censório, que assinalo a negro. São os de António Neves Martinha:

Peça plena de pretensiosismo na concepção, cheia de simbolismos, e com uma temática que não é das mais claras e construtivas, mas que se julga – **dentro do presente requisito de abertura** – susceptível de merecer aprovação, expurgada das expressões mais soezes, já assinaladas no primeiro dos dois pareceres que antecedem, com o qual concordamos. Assim, e com a restrição dos aludidos cortes, aprovamos a peça em referência para maiores de 17 anos e com os cortes já referidos.

Lisboa. 29.XII.1969

[Assinatura de António Martinha]

(anexo 8, infra)

e A. L. Moreira:

O valor literário da peça é muito reduzido e toda ela exhibe uma filosofia que podemos, sem grandes receios, apelar de “barata” ou de “cordel”. Porém, **atendendo à abertura que se tem vindo a verificar nos critérios referentes ao cinema**, proponho a aprovação da peça para maiores de 17 com cortes de certas passagens ou expressões mais chocantes a combinar com os meus Exmos. Colegas na hipótese de a peça vir a ser aprovada.

Lisboa, 26.Dz.69

[Assinatura de Moreira]

(anexo 10)

Devido à ambiguidade da legislação, que dava azo a variadas interpretações, também os pareceres dos censores se apresentavam carregados de subjectividade:

No caso de *Autópsia*, Cruz Filipe remete a apreciação a outro vogal por não a conseguir compreender, José Cabral vota a licença de representação por a considerar «uma peça pessimista e de ataques a valores tradicionais», enquanto o último censor, embora concorde com o parecer anterior, admite a sua aprovação devido a tratar-se de uma «obra pouco comercial».

Quanto a *Masoch*, entre acusações de simbolismo oculto e pretensiosismo do autor por parte de quase todos os censores, Geraldês Cardoso vota pela aprovação, pois «são sempre de aceitar estes ensaios, pouco frequentes entre nós». Já Almeida Nave

considera que não tem qualquer interesse, pelo que vota pela reprovação, parecer partilhado por Maria de Lourdes dos Santos Costa e Cruz Filipe – o mesmo censor que não compreendia *Autópsia*. Enquanto Neves Martinha e A Moreira, embora concordem em relação ao «muito reduzido» valor literário, aprovam a representação devido ao recém instaurado requisito de abertura.

Tramas

Autópsia é um drama psicológico em redor de uma personagem, *Abel* («o que ficou na escuridão»), que entra em confrontos progressivos com outras quatro: *Voz* («um som decadente e irreal»), *Madalena* («a que usava a palavra sobrevivência como refúgio para a sua condição de mulher frustrada»), *Sebastião* («o que apareceu na escuridão») e *Teresa* («uma rapariga perdida entre dois mundos»).

A acção começa com *Abel* sozinho numa sala escura, que lentamente se vai iluminando, mas nunca por completo. Das suas orelhas pendem duas argolas, que o protagonista irá afirmar mais tarde, categoricamente, não serem brincos:

MADALENA: Enfim: eles que decidam e depois te comuniquem! (Riem) És um tipo fixe, apesar desse ar estranho que tens. (Surpreendida) Agora reparo: usas brincos!

ABEL: Não são brincos. São duas argolas.

Ainda que sem certeza alguma, é possível que o esclarecimento sobre os adereços de figurino tenha como objectivo, não só uma afirmação de masculinidade, mas também a de transportar o espectador, ou o leitor, para, por metonímia, as celas de isolamento dos presos políticos da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, ou, pelo menos, a uma condição de aprisionamento; o final aponta mesmo para uma imposição (As argolas te puseram, as argolas usarás, p. 122)³¹.

É neste ambiente de semiobscuridade que nos é apresentada a personagem *Voz*, que, tal como o nome indica, mantém a sua incorporeidade em todo o drama.

³¹ Experiência que João Silva também conheceu e que, esporadicamente, me narrou. Foram episódios relacionados, sobretudo, com a prisão de Caxias e com o famigerado inspector Tinoco.

Esta voz, que tanto pode ser interior ou exterior, nunca o saberemos verdadeiramente, assumirá as funções de antagonista, opondo-se e contrariando *Abel* em vários momentos:

VOZ: Que fizeste de ti, dos sonhos d'outrora?

ABEL: Tornaram-se pesadelos!...

VOZ: Dos fragmentos da tua adolescência que tu, descuidado, arruinaste?
Sim, onde está essa juventude?!...

As outras três personagens surgem, de forma consecutiva, em ocasiões muito concretas: *Madalena*, quando *Abel* grita «Liberdade!»; *Sebastião*, ao som de «A sobrevivência!»; *Teresa*, com «Não chames a morte!».

Nos diálogos entre *Abel* e *Madalena* estão latentes várias observações sociopolíticas, tais como 1) a prostituição, 2) a guerra colonial (ou simplesmente a guerra, num sentido mais extenso), 3) a dicotomia homem–mulher ou 4) as condições de vida da população.

- 1) MADALENA: Donde venho? Bem, é difícil dizer. Sou um pouco de toda a parte. Em cada dia que passa, novas Madalenas nascem, velhas Madalenas morrem! Velhas e gastas do uso que lhes dão!
- 2) MADALENA: Quando eu era mais nova, acontecia-me o mesmo. (Rindo) Via-me na selva, e que milhares de canibais se precipitavam sobre mim para me devorar!
- 3) MADALENA: Os homens estão demasiadamente subjugados a eles próprios! Porque se afastam, cada vez mais, nunca se poderão compreender. As mulheres, para eles, não passam de um passatempo pouco evoluído que é necessário abortar!...
- 4) MADALENA: Há necessidade de nos ajustarmos, com a bagagem que temos, às conveniências da época. É um lance difícil para se alcançar o patamar da sobrevivência!...

Sebastião e, depois, também *Teresa*, conferem uma dimensão mais pessoal a *Abel*, instigando-o a procurar a verdade e a confrontar-se com a razão do seu isolamento, mediante o relato de um episódio que lhe ocorrera.

O aparecimento destas duas personagens traz consigo alguma complexidade, mas, ao mesmo tempo, permite ao leitor/espectador dar conta da sua natureza, exclusiva do universo de *Abel*, uma vez que *Madalena* é incapaz de as ver ou ouvir, bem como à *Voz*.

ABEL: Ele voltou!

MADALENA: Ele, quem? Não vejo ninguém!...

ABEL: Sebastião voltou!

MADALENA: Estás a delirar... Só aqui estamos nós!

Devido à impossibilidade de *Madalena* participar no diálogo com as restantes personagens, *Abel* serve de intermediário, comunicando-lhe as revelações de *Sebastião* e *Teresa*, há muito esquecidas. A exteriorização dos acontecimentos tem um efeito catártico em *Abel*, que, ao desembaraçar-se de uma clausura auto-imposta, alcança finalmente o que procura – a liberdade.

No entanto, *Abel* fica novamente só, pois também *Madalena* desaparece. Assim, a dúvida persiste: terá sido a libertação concreta, ou terá sido tudo apenas mais um delírio de alguém com perturbação de identidade dissociativa?

Masoch reescreve em maior extensão o drama psicológico de *Autópsia*, servindo-se de vários elementos do texto de 1967 e do reaproveitamento textual de numerosos excertos, de que darei conta na secção «Levantamento sinóptico do processo de rescrita».

Manteve-se a estrutura de dois actos, à qual se acrescentou um prólogo, em que o protagonista dialoga com duas vozes antagónicas, impelindo-o uma delas, a masculina, a que confronte os espectadores, enquanto a outra, a feminina, o tenta dissuadir.

A trama praticamente não sofre alterações, desenvolvendo um novo matiz de referencial campestre (girassóis, espantalho). Verifica-se, também, uma equivalência quase directa entre as personagens de um e outro texto (*Voz-Sombra*; *Abel-Masoch*;

Madalena–Adaptada; Sebastião–Intruso; Teresa–Rapariga de Branco), raramente deixando de ser observada num ou outro caso em que o autor recorre ao reaproveitamento do texto – criando momentos em que um fragmento de um interlocutor em *Autópsia* é atribuído a mais do que um em *Masoch*, ou, mais raramente, em que integra o discurso de uma outra personagem.

É no desfecho do drama que se encontram as maiores diferenças: enquanto em *Autópsia*, depois de abandonado pelas restantes personagens, *Abel* mergulha na escuridão das «entranhas da terra» para se entregar aos vermes, em *Masoch*, acompanhado por *Adaptada*, o protagonista abraça o alvorecer e juntos observam que as pessoas, agora iluminadas, «São apenas pessoas... como nós!»

Sinalizações dos censores

O texto de *Autópsia* que integra o processo do Secretariado Nacional de Informação contém, ao todo, vinte e cinco marcas censórias, que decidi categorizar de acordo com o conteúdo dos excertos sinalizados. Para melhor compreender o raciocínio dos censores e que levou, em última instância, à proibição da sua representação «em Portugal continental e ilhas adjacentes», numa geografia definida no ofício do Inspector Chefe (cf. anexo 7), estabeleci quatro categorias, que correspondem ao cariz dos valores subjacentes: «estilístico», «moral», «sociopolítico» e «político».

A categoria «valor estilísticos» remete para conteúdos ou expressões ofensivas e grosseiras; a categoria «valor moral» indica subversões da ética e dos bons costumes; a categoria «valor sociopolítico» diz respeito a assuntos que contêm simultaneamente elementos de opinião social e política; por fim, a categoria «valor político» corresponde a ideias directamente críticas do regime.

As intervenções dos censores utilizam a seguinte sinalética nas margens do texto, havendo fragmentos sinalizados com mais do que um sinal:

| – indica possivelmente lugar a reconsiderar;

? – indica possivelmente lugar de dúvida;

X – indica possivelmente lugar de corte;

[(à esquerda) e/ ou] (à direita) – indica corte.

A par destas indicações censórias, o(s) censor(es) corrige(m) erros de língua e lapsos de dactilografia.

Na sistematização que apresento em seguida, as remissões para a minha proposta de edição neste trabalho e para as páginas das folhas numeradas do dactiloscrito (anexo 1) são indicadas com separação por ; (ex: 1;1)

Valor estilístico

1 (82; 5) [ABEL: Uma prostituta!

2 (82; 5) [VOZ: Que o primeiro justo nesta sala lhe dê o primeiro golpe de misericórdia!

3 (84; 7) [ABEL: Sim, palerma! Cabeças para baixo, cú para cima! (Riem)

4 (121; 39) [ABEL:[...] E eu... eu tenho de viver... nem que seja na merda!

Valor moral

5 (83; 6) | MADALENA: Rubro de sangue! Um autêntico pesadelo! Começa sempre com um comboio. Vejo-me numa correria louca, atrás dele. Tenho a sensação, que nunca o poderei alcançar, definitivamente. No entanto, não consigo parar. Eu corro, e ele vai-se afastando. Cada vez mais!... Confortavelmente instalado na última carruagem do bólido, um homem gordo e anafado, faz-me negaças. Ah, esquecia um pormenor: a carruagem não tem tejadilho nem paredes. Uma enorme carapaça magnética, protege-o! Mas eu, não posso parar! O homem gordo faz-me sinal. A cada gesto dessa anafada criatura, vou tirando uma peça de roupa. Pouco a pouco, sinto o meu corpo profanado pelo olhar magnético do meu carrasco! O hálito nauseabundo dos cifrões atafulha-me a boca, não me deixando respirar! (...)

6 (87; 9) | MADALENA: Não posso recalcar o desejo. Não quero privar-me do que me dá prazer. Tenho necessidade de carinho. Preciso de nova seiva que me alimente.

- 7 (87; 10) ? ABEL: Passatempo: jogo! Precisas de jogar, Madalena. Como todos nós...
Dão-nos as pedras a escolher, e nós vamos para o neutro!
- 8 (89; 12)] ABEL: Tu, roubas-lhe a juventude. Ele, vende-se por uma certa comodidade.
- 9 (90; 12) ? MADALENA: Os homens estão demasiadamente subjugados a eles próprios!
Porque se afastam, cada vez mais, nunca poderão compreender. As mulheres,
para eles, não passam de um passatempo pouco evoluído que é necessário
abortar!
- 10 (97; 28) ? ABEL: Sim, ele voltou!... O tal que me falou na juventude que nunca tive...
Adolescência vendida a retalho, para conseguir aquilo tu tanto desejas: a
sobrevivência!
- 11 (108; 28) | MADALENA: Também fui devorada lentamente... Segui a carreira de minha
mãe... Minha mãe seguiu a carreira de minha avó... Sempre assim foi... Será
sempre assim?... A sociedade foi conquistada por nós, como o homem do
talho conquista clientela. Enquanto a carne lhe serviu, foi disputada a peso
d'ouro. Hoje, eu sinto-o, prepara-se para deitar as aparas aos cães!...
- 12 (109; 29) |
SEBASTIÃO: Filho de gerações de desesperados!... Inadaptado, por
natureza, à exploração decadente do homem. Semi-embriagado pela febre da
conquista... Partícula menor duma juventude enganada. O desespero levou-
me a procurar novos caminhos. A calúnia e o medo da derrota, levaram-me a
desertar. De pouco me serviu a fuga. A cada momento sou recordado. Não
passo duma recordação mitológica...
- 13 (110; 30) | TERESA: Eu nunca o esqueci... A água sorvida de ti, gota a gota, não era
salgada. Diferente dos outros mares... Tinha toda a frescura duma fonte pura
e cristalina. Saciava a sede das minhas ansiedades de mulher. Purifiquei o
meu corpo nessa frescura... Exaltação máxima, do desejo máximo no
momento máximo!... Foram momentos belos, os vividos a teu lado...
Dissemos tanto e tanto teríamos para dizer...

Valor político

- 14 (70; 4) ? [ABEL: Como?! Como poderá lutar uma minúscula ilha perdida no horizonte da desconfiança e do medo?!... Sim, como reagir à corrupção da mordança, destruidora de todos os meus nervos e sentidos?!... Quero fugir!...
- 15 (80; 4) ? VOZ: FORÇA! Repara: belo seria o continente, se todas essas pequeníssimas ilhas se juntassem num abraço fraternal! Belo e forte!
- 16 (84; 7) | MADALENA: Quando eu era mais nova, acontecia-me o mesmo. (Rindo) Via-me na selva, e que milhares de canibais se precipitavam sobre mim para me devorar!
- 17 (85; 8) ? ABEL: Os que falam baixo. Vês: são apenas algumas polegadas de metal cravado na carne! Eles, acreditam na força das suas polegadas. Dizem “a nossa força obrigar-te-á a ceder”! Mas, não! Até agora, não cedi! Quanto mais tarde, pior para eles. Terei as orelhas bastante calejadas para não aceder aos seus rogos! Sim, por que depois, já não darão ordens: suplicarão!...

Valor sociopolítico

- 18 (79; 3) X VOZ: Pensas então abdicar?... Essas facilidades não são permitidas. Não, amigo!... Terás de fazer uma minuciosa autópsia ao ventre do mundo! Terás de digerir a substância putrefacta das suas leis! Ninguém tomará o teu lugar. Pelo contrário... E um dia, se tiveres sorte, ceder-te-ão um rectângulo, num lugar calmo e aprazível com o epitáfio “Aqui jaz... mais um”!
- 19 (82; 6) ? ABEL: Os carneiros não sonham!...
- 20 (84; 7) | ABEL: Milhões padrão-standard! Também esfomeados! Têm todos a mesma cara de purga transparente, que os faz ficar de pernas para o ar!...
- 21 (84; 7) | ABEL: (Pensativo) Pouca coisa... Têm muito pouco para dizer. Por cima pedem justiça, por baixo pedem comida! É tudo muito confuso, porque como estão de pernas para o ar, não sei por qual das partes se deve dar comida ou fazer justiça... Eles também não sabem!...

- 22 (94; 16) ? ABEL: (...) Tudo o que te aparecesse, era tragável. Um dia, quiseste caviar. Todos têm direito a caviar... mas nem todos o comem. E, quando o comem, é preciso saber fazê-lo!... Devagar... Para não se acabar!...
- 23 (108; 28) [ABEL: Filho de espoliados!... O Paraíso está-lhe vedado. Para ele cardos e espinhos, são estofos de projecção internacional! Um dia, quis sentir o contacto da seda na pele. Pagou por isso. Os agiotas da decência, levaram-no a leilão. Foi vendido, ao desbarato, a uma sociedade que não admite subterfúgios, por mais modestos que sejam. Cada qual no seu devido lugar. Milhões de irmãos o matam lentamente...
- 24 (114; 33) | ? ABEL: (...) O gado, era alimentado com a bolota do graúdo... Mamas flácidas, caíam secas... Não davam leite!... Os monstrozinhos gerados, comiam da erva ruim de seus pais... Até a erva custava caro!... A água fazia-se pagar para alimentar a verdura... Era o princípio do Mundo, na sua condição mais cruel... Mas um dia, a civilização chegou. Cada um passou a ter o preço que valia... Uma cadeira um rapazelho... Duas cadeiras meio rapazelho... Era difícil sabermos quanto valíamos, até os mercadores chegarem!... Eu vali metade duma cadeira. Pagamento a pronto. Meia cadeira, iniciou-me na arte de andar, falar e agradecer!
- 25 (121; 39) ? ABEL: Façamos um brinde! Canibais! Queridos amigos... Queridos? A nossa querida e selecta sociedade canibalesca, tem mais um sócio! Que a pintura dos nossos rostos seja lavada! Rendamos-lhe vassalagem... Merece a consideração de todos os tubarões, aqui presentes! Reparem, como está indeciso... Talvez se adapte ou talvez fique pelo caminho... Que dizes ao meu brinde, Sebastião?... Não respondes... Tens medo?... (Pausa) Responde!

Das vinte e cinco marcas censórias, mais de metade correspondem a conteúdos de cariz «Político» ou «Sociopolítico», pelo que, contrariamente ao que João Silva afirma na carta endereçada a José Maria Alves, o texto *Autópsia* pode ser considerado tudo menos inócuo – devido às várias observações críticas do autor em relação à sociedade e ao próprio regime.

Assim, do ponto de vista do regime, é compreensível a reprovação da licença de representação solicitada, uma decisão que teve por base, como sempre, o Artigo 3.º do Decreto-lei n.º 22.469, de 11 de Abril de 1933, que não permite a perversão da opinião pública por «todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum».

Quanto a *Masoch*, o dactiloscrito tem quase o dobro das marcas censórias de *Autópsia*, perfazendo um total de quarenta sinalizações, indicadas sempre com X, por vezes reforçadas com um rectângulo à volta da palavra ou expressão ou com sublinhado. Ainda assim, de acordo com o parecer de Geraldês Cardoso, o único requisito para que a licença de representação fosse aprovada seria o corte dos «temos de baixa linguagem usados» (assinalados a tinta no dactiloscrito) – opinião partilhada por alguns censores seguintes –, apesar de vários excertos poderem ser interpretados como de cariz político ou sociopolítico.

Na sistematização que apresento em seguida, as remissões são para as páginas numeradas do dactiloscrito (anexo 11)

Valor estilístico

- 1 (p. 13) MASOCH: Puta! (Muito baixo) Puta... puta... puta...
- 2 (p. 16) ADAPTADA: De cabeça para baixo e cú para cima!
- 3 (p. 30) ADAPTADA: Sinto a coragem de ser um farrapo-humano-adaptado! E não é um suíno qualquer que me faz mudar! (Masoch tenta acalmá-la) Tira essas mãos de caca... Porcalhão!!!
MASOCH: (Tom anterior) Cala essa boca de merda!
ADAPTADA: Boca de...
MASOCH: (Rápido) Que fizeste da juventude?
- 4 (p. 36) ADAPTADA: Não o devias ter feito! (Horrorizada) Chamar a Morte! (Seca) Essa palavra é proibida! (Revoltada) Quem pensas tu que és?!... (Num grito) E eu?!... Quem pensas tu que eu sou?!... (Felina) Sou uma mulher!... Grande animal! Vê... sou uma mulher! E odeio todos os estafermos como tu!!! Fechados em câmaras mortíferas! (Riso histérico) E adoro os rapazes novos! (Descontrolada) Nascem e morrem todos os dias... (Fria) É preciso haver amor!... Eles pedem

amor!!! (Acariciando-se) Para que eles digam... A vida é bela... (Rindo muito) É... É... É... É!!! (Levanta-se de repente) É uma merda! (Volta-se a Masoch, de novo descontrolada) Esses sim... Esses rapazes estão vivos! (Dá um grito) Não! Às vezes não!... Alguns morrem cedo!... Morrem muitos!... Morrem muitos sem conhecer o amor!... Esfrangalhados... (Olhando em volta) Dão em espantalhos! (Rindo muito) Espantalhos em campos de girassóis!!!

- 5 (p. 60) MASOCH: Alguém importante... (Longínquo) O comboio partiu... Silhuetas já mortas agitavam os braços... Meia cadeira foi vendida... Fogos estranhos calcinaram as carnes do pequeno girassol. (Demente) Eu era pálido... loiro... e os meus olhos... (Grito interrogativo) Não são azuis?! (Juízo) Maldito espantalho! Vive só! Afunda o corpo virgem na merda! (Irado) Arrancarei os olhos desse maldito espantalho! (Gestos violentos) Desmembrado! Desmembrado! Desmembrado! (Apático, em mutação rápida) Que fiz eu?...

Valor moral

- 7 (p. 13) ADAPTADA: De onde sou?... (Rindo muito e parando bruscamente) Vivi sempre no mesmo lugar. É um lugar estranho e acanhado... Em frente de mim mora um maricas. Sempre o conheci... Não é novo nem é velho. Os maricas não têm idade... Passa os dias a observar as pessoas. Principalmente as mais novas... Quando sai à rua, os rapazes gritam dichotes. O maricas não responde... Lança um olhar e... segue radiante! Mas à noite, os mesmos rapazes invadem a casa do maricas!... Esvaziam as garrafas do maricas!... E ficam até muito tarde em companhia do maricas!... Ninguém sabe porquê...Dorme com a porta aberta... dizem!... Isto... quando não recebe visitas importantes... (Pensativa) É um lugar estranho e acanhado... (Tom anterior) E, assim, o maricas é o passatempo do lugar onde eu sempre vivi e onde nada acontece. Sou muito amiga do maricas! Muito amiga... E porquê? Porque enquanto os rapazes pensarem no maricas, enquanto a porta estiver aberta e todos os olhos se fixarem nessa amigável figura, eu serei uma desconhecida no lugar onde sempre vivi!
- 8 (p. 20) ADAPTADA: Eu quero que ele seja só meu! (Gargalhada irónica de Masoch) A velha árvore precisa de seiva nova!
- 9 (p. 21) MASOCH: Puta! Que procuras desse imberbe?... Amor?... Sexo?... Vício?...

- 10 (p. 22) MASOCH: Marijuana?... Haxixe?... L.S.D.?...
- 11 (p. 22) MASOCH: O sexo está à venda!
- 12 (p. 23) ADAPTADA: O narcótico faz sonhar... O álcool esquecer... E o vício perdoar!
- 13 (p. 42) ADAPTADA: (Forçada) Eu sou uma rapariga séria!... (Ri muito) Sou jovem! Uma boa rapariga! (Grita) E todos os rapazes gostam de mim! Não há nada melhor que um corpo jovem!... (Aniquilada, implora aos espectadores) Então... os senhores também gostam!... Eu sei... Eu sei... Não querem que ninguém saiba... mas gostam! (Completamente partida) Tenho necessidade de amar... E os senhores também!... Os senhores também... (Olha os figurantes) Não quero amar monstros!
- 14 (p. 42) ADAPTADA: (Voz a desaparecer) Quero amar... amar... amar... amar...
MASOCH: Louca! Sou impotente... (Esforço) Malditos figurantes bailarinos...
- 15 (p. 49) MASOCH: Ódio! Ódio! É o que sentes por mim... Ódio por não me teres possuído completamente!
- 16 (p. 49) MASOCH: Procuram como tu... sítio onde viva um maricas... para serem esquecidos! A juventude dos outros... para esquecerem! E as saídas nocturnas para... sobreviverem!
- 17 (p. 52) ADAPTADA: (Já a entrar no jogo) Sou uma rapariga vulgar... (Para si) Sou uma rapariga vulgar... (A Masoch) Não tenho história!... Vivi sempre no mesmo lugar... Já tive um rapaz... só meu! Mas isso foi há muito tempo... Hoje... tenho muitos... Muitos rapazes! Todos jovens! Tenho horror à velhice! (Ri) Eu... sou... assim... Sou uma vulgar rapariga!...
- 18 (p. 61) MASOCH: Sei... Sou semente do nada... Comprada e vendida pelos espantalhos... Semente assexuada... (Alucinado) As moscas poisaram sujas na carne liberta... As marcas ficaram... E o rapaz loiro e macilento ficou de repente... um Intruso! (Grito) Sei... o que sou!... Um pequeno espantalho! Sei o que quero... Um espaço com as dimensões desenhadas por mim! Sei quanto

valho... Valho meia cadeira!!!

- 19 (p. 65) INTRUSO: Eu era a capa que te cobria... E tu... a pesada ameaça à minha existência! Tu... aquele que valia nada! O que veio das terras distantes... A pequena semente paralisada... vendida e comprada... O que nunca esqueceu o imenso campo de girassóis onde floresceu a sua juventude... nem o espantinho que o comprou! Porque destruíste o corpo que te poderia esconder a alma?!...
- 20 (p. 66) INTRUSO: Atitudes exageradas... Palavras ignoradas e quase proibidas embriagavam os sentidos dos mortos-vivos... Tudo como num sonho! A Morte aparecia sob uma máscara de anjo... Perguntava se queriam provar a doçura dos seus beijos... Havia um silêncio interrogativo... Rostos marcados pela dúvida recuavam no tempo... Ponto de partida! Leprosos do vício... Contacto com uma morte mais dolorosa do que a própria morte!

Valor político

- 21 (p. 4) A cena está iluminada a vermelho escuro. A luz será intermitente, acompanhada dum zumbido, intermitente também, como se muitas moscas pairassem na sala. Subida de intensidade. Depois, luz e zumbido, mantêm-se quase imperceptíveis.
- 22 (p. 9) MASOCH: E digerir a substância putrefacta das suas leis?...
- 23 (p. 14) A cena começa a tornar-se vermelha.
- 24 (p. 15) MASOCH: Vermelho?!...
- (A cena torna-se intensamente vermelha. A descrição da Adaptada será alucinante. Falas de Masoch, pisando as dela, não lhe interrompem a narrativa. De ouvir-se o barulho, compassado, leve ao princípio e depois mais forte, de um coração a bater. Nas palavras de maior alucinação, ouve-se o riso sarcástico de um homem.)
- ADAPTADA: Vermelho-sangue!
- MASOCH: Sangue?
- 25 (p. 15) MASOCH: Não há nem um palmo de terra livre...

- 26 (p. 29) MASOCH: Há uma diferença! (De novo para si) Está quase convencido... (Ao Intruso) Os de dentro mais tarde quiseram fugir... Morreriam asfixiados se não o fizessem
- 27 (p. 30) MASOCH: (Descontrolado) Fugir... Fugir... Fugir! É isso! É preciso fugir! (Indeciso) Mas para onde?... Para onde?...
- INTRUSO: Não vale a pena fugir!
- MASOCH: (Recompondo-se) De nada vale fugir... (Olha o Intruso e depois a Adaptada) Tu, velha carcaça!
- 28 (p. 36) Luz vermelha. Cada intérprete terá um foco de luz branca. A Rapariga de Branco avança ao Intruso. O Intruso aguarda-a. A Rapariga de Branco só pára quando principiar a falar. Durante toda a primeira fala, a Adaptada está na posição em que caiu. Masoch aproxima-se dela, lentamente.
- 29 (p. 40) Flash rápido de branco, vermelho e...
- 30 (p. 42) ADAPTADA: (Mesmo tom anterior) Os dentes dele... Podres e amarelos! (Aproxima-se do figurante da direita) Quem será o misterioso desconhecido?!... (Olha o figurante. Dá uma gargalhada. Começa a ficar apavorada. Recua. Recomeça em correria à volta do palco. Procura a saída) Não há... Não há saída... Tenho de encontrar uma saída... Uma solução! (Mais agitada) A saída... A saída... (Pára de repente) Que cor é esta?!... (Assustada) Vermelho! Vermelho!! Vermelho!!! (Olhando para todos os lados) A Máquina e o Homem... Não quero! Não quero o chicote! (De novo correria. Pára outra vez, de repente, junto ao figurante da esquerda. Encara-o e solta um grito) Monstro!
- 31 (p. 44) ADAPTADA: Nãoooo! Não adivinhas... Não adivinhas... (Pausa breve. Grande estilo) Às guerras!
- MASOCH: (Ri muito) Às guerras?!...
- ADAPTADA: É uma ótima solução! (Excitada) Nós jogamos... Eles esquecem tudo o que se passou aqui... e nós depois... tratamos do nosso assunto!...
- MASOCH: Não podemos jogar a... isso! Não temos homens!...
- ADAPTADA: (Sorri, enigmática) Não são precisos... homens!
- MASOCH: Para fazer a guerra são precisos homens!...
- ADAPTADA: Nós não precisamos... Nós jogamos!

32 (p. 46) ADAPTADA: (Aponta aos espectadores) E aqueles... o que fazem?...

MASOCH: Põem ovos e... devoram frangos!

ADAPTADA: Canibais!

MASOCH: É carne barata...

33 (p. 48) MASOCH: O que nos aconteceu... foi...

ADAPTADA: Foi enorme! (Dirige-se a ele) Enorme... acredita!

MASOCH: Fomos forçados a colaborar num jogo absurdo!

ADAPTADA: Não! Não... Se não quiséssemos, não o teríamos feito!

MASOCH: Fomos empurrados... empurrados... para uma situação...

ADAPTADA: Uma situação deplorável... É o que queres dizer?...

MASOCH: Eu não disse nada disso!...

ADAPTADA: Não... Não disseste porque és um covarde!

34 (p. 70) INTRUSO: As argolas te puseram, as argolas usarás!

ADAPTADA: Destrói essa alucinação!

MASOCH: Não posso... As moscas!

35 (p. 67) ADAPTADA: E o vermelho?!... O vermelho?!

Valor sociopolítico

36 (p. 17) ADAPTADA: Quase nada!... Pediam... pediam... O quê?! (Pensativa) Justiça por cima... comida por baixo! (De novo à vontade) Era complicado!

37 (p. 28) INTRUSO: Existi! (Primeira reacção exaltada) A verdade! A verdade foi a minha destruição! A tua verdade!... A nossa realidade!

SOMBRA: Ele quis sair da escuridão!

MASOCH: Ele foi um covarde!

INTRUSO: Covarde?!... (Longínquo) Andei... andei... e aprendi...

MASOCH: E aprendeste?

INTRUSO: Que a verdade é cruel!... Importa conhecer a verdade?! É a única coisa válida! (A Masoch) Aquela casa... Era uma casa?!... (Apático) Talvez não fosse... Talvez não fosse uma casa!... Talvez fosse um campo de girassóis... Ou um lugar distante que nós nunca chegámos a conhecer!... Para nós, ficou sempre

como um lugar fechado... com imensas paredes de vidro gelado e escorregadio!
Aquele casa era a resposta a todas as nossas dúvidas!... Vidros... vidros... e vidros...
Corpos... corpos... e corpos... Música... música... e música... Vidros nos corpos...
Corpos na música! Levámos tempo a conhecer a casa dos corpos saltitantes!

38 (p. 29) INTRUSO: A DESCOBERTA DA VERDADE!

MASOCH: Descoberta dolorosa!

INTRUSO: O homem descobre a fraqueza do Mundo! E logo nasce a interrogação!... Quem sou eu?...

MASOCH: Nesse momento as pessoas procuram palavras que as aproximem!...

INTRUSO: Mas... as dúvidas continuam!...

MASOCH: As pessoas vão e vêm...

INTRUSO: Agarram... Mordem... Sofrem...

MASOCH: E as dúvidas continuam!

INTRUSO: Passamos abertos e espalmados...

MASOCH: O peito enfrenta a fúria da posse...

39 (p. 38) MASOCH: Aquilo em que me tornei... (Para si) Um corpo vazio!... Mas como poderia eu ter evitado essa transformação?!... Não pude... (Aos espectadores, quase implorante) Teremos nós o direito de nos destruir salvando assim quem nos ama?!... Foi isso que eu nunca pude saber... (Subindo de tom) Fui atraído pelos girassóis!...

RAPARIGA DE BRANCO: (Grito) Não voltes a falar no campo de girassóis! Nunca existiu!

40 (p. 59) MASOCH: Querem saber tudo... O princípio do homem fechado na caixa branca e estéril?... É fácil... Principiou como todos os outros!... (Começa a ouvir-se o bater do martelo sobre a bigorna. A cada martelada haverá um estremecimento de Masoch. O tom de voz e a exaltação subirão até final da fala) Que lhes importa?... E agora... que me importa!... Fechado e absurdo lugar aquele onde a vida estagnou... Os porcos tinham melhores condições! As pessoas... Eram pessoas?!... Nasciam e morriam sem darem por isso!... Nascia e morria tanta gente ali! Da semente espalhada na terra nascia a erva atrofiada... Vegetação parasita definhava as raízes!... Morriam secas de fome! Mulheres prenhas... Novos trapézios para a Morte!... Restos da sua condição de humanos! O gado era

alimentado com bolota mirrada... Mamas flácidas caíam secas!... Não davam leite! Os monstrozinhos gerados comiam a erva ruim de seus pais... Até a erva era difícil!... Água maldita, porque faltaste nas bocas sedentas? O preço do homem era o preço do nada! Cada um passou a ter o preço que valia!... Um lugar para mim... Um lugar para ti... Uma cadeira um rapazelho... Duas cadeiras meio rapazelho... Era difícil sabermos quanto valíamos!... Eu vali metade de uma cadeira!... Pagamento a pronto! Alguém se sentou no meu corpo vegetal! Meia cadeira iniciou Masoch na arte de andar... de falar e de agradar!

- 41 (p. 69) MASOCH: Quem sou eu?!... (Aos espectadores) Quem sou eu?!... Não sabem... Sou aquilo que vocês quiseram que eu fosse... Um pequeno espantalho que fala... anda... ri... (Riso sarcástico) e ama! Pago com meia cadeira e cedido a outro espantalho! O que não sabe dizer... Não! O que sonhou com girassóis... O que amava os pássaros... O que se escondeu... completo... num cérebro humano branco e estéril!... (Finge brindar) Saudemos os canibais atômicos! Saudemos todos os espantalhos deste nosso planeta! Saudemos os cérebros vazios! Saudemos à corrupção do homem! (Pausa) À nossa querida assistência... está indignada!... Estão indecisos... Não sabem quem eu sou?!... Sou um pobre pardal amedrontado e fugido de um campo de girassóis... (Aponta a assistência) Vocês!

Dois fragmentos assinalados parecem escapar a esta categorização que proponho, e quase diria roçarem a ordem estética, sobretudo o final:

MASOCH: De um campo de girassóis... Um dia saí... Procurei novos caminhos e... (p. 52)

MASOCH: (Sorri) O Sol... O Sol brilha!

ADAPTADA: E as pessoas... repara... douradas!

MASOCH: Está um lindo dia!

ADAPTADA: Está sim... Está um lindo dia... Vamos?!...

MASOCH: (Sorri de novo para ela) Vamos! Pois sim, vamos...

(E saem os dois)

FIM. (p. 74)

É de destacar a preocupação dos censores com o «vermelho», sem dúvida por pertencer à simbologia comunista, pois todas as referências a esta cor, quer inseridas nos diálogos das personagens quer nas indicações cénicas, foram também sinalizadas.

A 5 de Janeiro de 1970, *Masoch* foi aprovado com cortes para representação para maiores de dezassete. A licença de representação foi atribuída ao Estúdio do Teatro Moderno, mas não foi possível concluir se este Teatro Moderno é o mesmo que, entre 1961 e 1965, desenvolvia a sua actividade no Cinema Império e do qual faziam parte nomes do teatro português como Cármen Dolores, Ruy de Carvalho e Armando Cortez, entre outros.

Ainda assim, tal qual *Autópsia*, também *Masoch* nunca chegou a ser representado.

Levantamento sinóptico do processo de reescrita

Apesar dos títulos distintos e de terem sido escritos em períodos diferentes, *Masoch* pode considerar-se uma reescrita de *Autópsia*, como já referi. Um levantamento sinóptico dos dois textos permite observar esse processo.

Apresenta-se um quadro dos fragmentos comuns aos dois textos, distribuídos por fenómenos de reaproveitamento e reescrita, que ocorrem de um modo transversal em *Masoch*: redução, expansão, redistribuição (apesar de se poder estabelecer uma equivalência entre as personagens de ambos os textos, casos há em que o texto de determinada personagem de *Autópsia* se encontra atribuído não à sua equivalente em *Masoch*, mas sim a uma outra ou outras) e transposição (a amplitude da transposição nunca é muito extensa, não extravasando o âmbito da sequência dramática)

Nos exemplos, é assinalado com recurso a negrito texto comum (idêntico ou muito aproximado) aos dois testemunhos. Os fenómenos de reescrita são indicados através do seguinte código cromático:

vermelho – redução (assinalado no testemunho que o conserva);

azul – expansão;

violeta – redistribuição;

transposição – verde.

Ampliação

Autópsia

ABEL: **Liberdade!**

ABEL: **Invejo a tua lucidez!**

Masoch

MASOCH: (Apático) **Asas... (Sempre mais apático) Liberdade!**

MASOCH: (Sarcástico) **Invejo a tua lucidez!...**

Transposição e Redistribuição

Autópsia

MADALENA: **O homem é um animal de hábitos.**

Masoch

MASOCH: **O homem é um animal de hábitos.**

Redução e Ampliação

Autópsia

VOZ: **Que fizeste de ti, dos sonhos d'outrora?**

ABEL: **Maravilhosa época, esta, em que vivemos. O indivíduo habituou-se a ser peça dum jogo.**

MADALENA: **Eu, por exemplo, tenho o hábito de passear, à noite, sozinha. [...]**

ABEL: **E donde vens?**

MADALENA: **Donde venho? Bem, é difícil dizer. Sou um pouco de toda a parte. Em cada dia que passa, novas**

Masoch

SOMBRA: (Tentando impressiona-lo) **Que fizeste de ti?...**

MASOCH: **Abençoada época... esta! O hábito é um jogo!**

ADAPTADA: **Eu, por exemplo... Tenho por hábito sair... à noite... sozinha...**

MASOCH: **De onde vieste?...**

ADAPTADA: **De onde?!... A resposta é difícil... Sou um pouco de toda a parte! Eu... e mais... O tempo passa e nós ficamos**

Madalenas nascem, velhas Madalenas morrem! Velhas e gastas do uso que lhes dão!

ABEL: **Uma prostituta!**

MADALENA: Não posso recalcar o desejo. Não quero privar-me do que me dá prazer. Tenho necessidade de carinho. **Preciso de nova seiva que me alimente.**

MADALENA: **Nunca! O meu sonho é vermelho!...**

ABEL: **Vermelho?!...**

MADALENA: Não te quis assustar. Quando topei contigo, pensei: «Ali está um dos tais. Dos que falam sozinhos». Murmuravas palavras estranhas e complexas, como se espíritos desconhecidos e grotescos se tivessem apoderado de ti... Ao princípio assustei-me. Depois, reflecti e cheguei a uma conclusão: és inofensivo...

ABEL: **Estás certa disso?...**

MADALENA: **Absolutamente! Para mais, repara na emoção que sentiste com a minha gargalhada!**

ABEL: Não estava preparado. **Há ocasiões em que o cacarejar da galinha nos dá a ilusão de um cão a ladrar! Somos apanhados de surpresa!...**

ignoradas...

MASOCH: **Putá! (Muito baixo) Puta... puta... puta...**

ADAPTADA: Eu quero que ele seja só meu! (Gargalhada irónica de Masoch) **A velha árvore precisa de seiva nova!**

ADAPTADA: Não me interessa saber quem são aqueles! (Sempre mais agitada) Não são nada! (Olha em volta, descontrolada) Vermelho... Está tudo vermelho!... É sempre assim... (Olha Masoch) É como o meu sonho! **Sonho?!...** (Riso descontrolado) Sempre vermelho...

MASOCH: **Vermelho?!...**

ADAPTADA: Não te quis assustar. **Olhei para ti e pensei... Ali está um dos tais. Falam sozinhos... As tuas palavras eram estranhas e complexas... Hesitei! Depois reflecti e cheguei a uma conclusão...**

MASOCH: **(Receoso) Sim?...**

ADAPTADA: **És inofensivo!...**

MASOCH: **(Riso nervoso) É essa a tua conclusão?...**

ADAPTADA: **É! Repara como reagiste à minha gargalhada!...**

MASOCH: Não estava preparado!... **Às vezes o cacarejar da galinha soa ao ladrar do cão! Somos apanhados de surpresa!...**

ADAPTADA: Os cães assustam os carneiros...

MASOCH: **Esses... não sonham!...**

MADALENA: Os cães assustam os carneiros...

ABEL: Os carneiros não sonham!...

MADALENA: São os que sonham mais. Não podem fazer outra coisa... Até por isso têm de pagar: dão lã e carne em troca de uns míseros sonhos! Sonham baixinho... baixinho...

ABEL: Eu sonhava alto!

MADALENA: Então, talvez sejas recuperável. Mas, cautela: há sonhos perigosos!...

MADALENA: Rubro de sangue! Um autêntico pesadelo! Começa sempre com um comboio. Vejo-me numa correria louca, atrás dele. Tenho a sensação, que nunca o poderei alcançar, definitivamente. No entanto, não consigo parar. Eu corro, e ele vai-se afastando. Cada vez mais!... Confortavelmente instalado na última carruagem do bólido, um homem gordo e anafado, faz-me negaças. Ah, esquecia um pormenor: a carruagem não tem tejadilho nem paredes. Uma enorme carapaça magnética protege-o! Mas eu, não posso parar! O homem gordo faz-me sinal. A cada gesto dessa anafada criatura, vou tirando uma peça de roupa! Pouco a pouco, sinto o meu corpo profanado pelo olhar magnético do meu carrasco! O hálito nauseabundo dos cifrões atafulha-me a boca, não me deixando respirar! O peso bruto do seu chicote, rasga-me as entranhas, expondo-as a quem passa! Então, sinto-me mais pobre... Tudo acabou!... O comboio afasta-

ADAPTAR: Sonhar?!... Sonham, sim! Demasiado até!... Não podem fazer outra coisa! Sonham em silêncio!... Ignorados!

MASOCH: Eu sonhava alto!

ADAPTADA: Bem... Talvez te possa recuperar!... Mas... cuidado! Há sonhos perigosos!...

ADAPTADA: Eu corro e a máquina foge!... Cada vez mais veloz!

MASOCH: O cérebro... O cérebro!... É preciso esconder o cérebro!

ADAPTADA: O homem gordo está sentado na máquina...

MASOCH: O espantalho!

ADAPTADA: O homem ri... ri... ri... ri!!!...

MASOCH: Os pássaros não! Os pássaros não foram!

ADAPTADA: Está protegido numa redoma de vidro... O Homem!

MASOCH: (Zumbido de moscas) As moscas!

ADAPTADA: A roupa! Sinto a roupa a desaparecer... Estou nua!

MASOCH: Nojentas moscas! Como elas metem a pata na frágil matéria!

ADAPTADA: O homem tem um hálito nauseabundo... Está putrefacto! Não me deixa respirar!

MASOCH: O cérebro... Onde está o

se, levando consigo o homem e um pouco de mim... **Só, nem forças sinto para chorar!... A reacção é dolorosa... É preciso rir!... Levantar a cabeça e fechar os olhos... Pensar nos outros comboios... Os que virão depois!... É a altura de abrir os olhos, outra vez... Cabeça erguida, olhos abertos! É então, quando tudo se começa a tornar vermelho: um suor quente e rubro!... Sangue! Sangue, que me dá forças para procurar novo comboio!**

ABEL: **Milhões de padrão-standard! Também esfomeados! Têm todos a mesma cara de purga transparente, que os faz ficar de pernas para o ar!...**

MADALENA: De pernas para o ar?!

ABEL: **Sim, palerma! Cabeças para baixo, cu para cima! (Riem)**

MADALENA: E falam?

ABEL: **Se falam!... Chegam a berrar!**

MADALENA: Que dizem eles?

ABEL: **(Pensativo) Pouca coisa... Têm muito pouco para dizer. Por cima pedem justiça, por baixo pedem comida! É tudo muito confuso, porque como estão de pernas para o ar, não sei por qual das partes se deve dar comida ou fazer justiça... Eles também não sabem!...**

cérebro?!...

ADAPTADA: Não quero ser destruída!... O **chicote! O homem tem o... As minhas entranhas! Rasgada! Rasgada! Rasgada!!!**

MASOCH: **(Grita e cai prostrado) Moscas assassinas!**

ADAPTADA: **(Chorando convulsivamente) A máquina partiu... Estou só... (Reagindo) Não posso estar só... É preciso rir!... (Ri e chora) Sim... rir muito! (Riso forçado e descontrolado) Tudo acabou! (Fecha os olhos) Não... nem tudo está perdido!... É a altura de abrir os olhos outra vez!... Cabeça erguida, olhos abertos! (Queixume) Este calor húmido!... (Assustada) Vermelho?!... (Acariciando o corpo) Suor! Quente e rubro?!... Sangue!**

ADAPTADA: E desdentados! (Masoch ri) **Tinham os dentes gastos de tanto comer!... Andavam sempre esfomeados!... Tinham todos cara de purga-transparente!... E caminhavam de pernas para o ar!...**

MASOCH: De pernas para o ar?!...

ADAPTADA: **Cabeça para baixo e cu para cima!**

Riem muito.

MASOCH: E falavam?!...

ADAPTADA: **Muito pouco!...**

MASOCH: E que diziam eles?!...

ADAPTADA: **Quase nada!... Pediam... pediam... O quê?!... (Pensativa) Justiça por cima... comida por baixo... (De novo à vontade) Era complicado!**

MASOCH: Porquê?...

ADAPTADA: Se eu disse «Os canibais

MADALENA: Enfim: eles que decidam e depois te comuniquem! (Riem) És um tipo fixe, apesar desse ar estranho que tens. (Surpreendida) Agora reparo: usas brincos!

ABEL: Não são brincos. São duas argolas.

MADALENA: Para que servem?

ABEL: Para nada. Digamos que sou extravagante!...

MADALENA: Na... Ah! Já sei: és poeta?...

ABEL: (Rindo) Nada disso. Se te disser, prometes guardar segredo?

ABEL: Os que falam baixo. Vês: são apenas algumas polegadas de metal cravado na carne! Eles, acreditam na força das suas polegadas. Dizem “A nossa força obrigar-te-á a ceder”! Mas, não! Até agora, não cedi! Quanto mais tarde pior para eles. Terei as orelhas bastante calejadas para não aceder aos seus rogos! Sim, porque depois, já não darão ordens: suplicarão!...

MADALENA: Nem sempre o pescado me agrada!

ABEL: Não te chamei!

MADALENA: Nunca acorro ao chamamento de alguém.

ABEL: Então?...

MADALENA: Procuro!...

estavam de pernas para o ar»!

MASOCH: Não te compreendo!...

ADAPTADA: É fácil... É lógico não saber por qual das partes se deveria dar a comida ou fazer justiça!

ADAPTADA: (Olhando, fixa, Masoch) Engraçado...

MASOCH: O quê?!...

ADAPTADA: Tenho estado a observar como és engraçado... (Apontando-lhe as orelhas) Isto!...

MASOCH: Argolas!

ADAPTADA: E para que servem? (Masoch ri) Já sei! (Masoch continua a rir) És poeta! Condenado... (Gesto negativo de Masoch) Fizeste promessa?...

MASOCH: [...] E então, os outros, cravam em cada orelha dos sonhadores uma argola! Nós não cedemos! As orelhas vão ficando calejadas. Sempre mais calejadas!... (A Adaptada começa a ficar assutada) As argolas apertam... apertam... apertam... (As mãos de Masoch vão apertando o pescoço da Adaptada) Mais... e mais... e...

ADAPTADA: (Olha-o de alto a baixo) Nem sempre me agradam...

MASOCH: Não te chamei!

ADAPTADA: Nunca procuro...

MASOCH: Então?...

ADAPTADA: Escolho!

MASOCH: E...

ABEL: E...

MADALENA: ...Quando me agrada...

ABEL: **Pescas!**

MADALENA: **Gostas de brincar!...**

ABEL: **Continuamos a jogar.**

MADALENA: **Está bem, seja! Que poderei dizer, provando assim, que as minhas saídas nocturnas não passam dum passatempo?...**

ABEL: **Passatempo: jogo! Precisas de jogar, Madalena. Como todos nós... Dão-nos as pedras a escolher, e nós vamos para o neutro!**

MADALENA: **Jogo no preto!**

ABEL: **Mentira!... És daltónica...**

ABEL: **Por te prever algo de diferente?... Sim, Madalena... Com o tempo ficarás mais seca e descarnada. Para ele, não passarás duma múmia decorativa. Então, já não lhe servirás. Toma cuidado: a mumificação já começou...**

MADALENA: **Idiota!**

ABEL: **Eu, idiota?... E porquê?... As minhas palavras metem-te medo?**

MADALENA: **Tu, medo? (Risonervoso) És demasiado pequeno para isso.**

ABEL: **Madalena, porque te ocultas à luz da verdade? Que te seduz na noite?...**

MADALENA: **A própria noite!**

ABEL: **Não, não é isso...**

MADALENA: **(Rindo) Descobriste?...**

ABEL: **Queres que to diga?...**

MADALENA: **Acho desnecessário ouvir mais!**

ADAPTADA: **Se me agrada...**

MASOCH: ...agarras!

ADAPTADA: (Breve pausa. Sorriso irónico e frustrado) **Brincalhão!**

MASOCH: (Firme. Sério. Sem a olhar) **Faz parte do jogo!**

ADAPTADA: (Nova pausa breve. Encolhe os ombros. Precipitação na fala) **Está bem! Seja! O rapaz é apenas um passatempo!**

MASOCH: (Posição anterior) **Passatempo... jogo!**

ADAPTADA: (Irada) **Boca de lixo! Quando falarás a sério?...**

MASOCH: **Quando tu fizeres jogo limpo!**

ADAPTADA: **O meu jogo é leal!**

MASOCH: **Mentira!!!**

MASOCH: **Que pretendes provar com esse rapaz?... A tua juventude passou há muito! Está seca e descarnada... Múmia decorativa!**

ADAPTADA: **Língua sórdida!**

MASOCH: **Tens medo?!...**

ADAPTADA: (Ri, muito forçada, nervosa) **Eu, medo?!...**

MASOCH: **Pára, estafermo velho!**

ADAPTADA: **Assexuado!**

MASOCH: **Putá! Que procuras desse imberbe?... Amor?... Sexo?... Vício?...**

ADAPTADA: (Desesperada) **Alguém, monstro! Alguém!**

MASOCH: (Riso cínico) **Não!!! Não é isso...**

ADAPTADA: (Pausa breve. Receio) **Então?!...**

MASOCH: (Atitude anterior) **Queres que**

ABEL: Não! Agora, termino!

MADALENA: Imbecil... Quem pensas tu que és??? Vê... Vê bem! (Obriga-o a fixá-la) Não, não tenho medo... Ele é que tem medo de mim. De eu lhe mentir! Queres... queres que tire a pintura para poderes ver bem?... Queres? Cada ruga, é um vestígio por onde passaram milhares de comboios... Senda marcada a ferro!

ABEL: Excedi-me...

MADALENA: Há necessidade de nos ajustarmos, com a bagagem que temos, às conveniências da época. É um lance difícil para se alcançar o patamar da sobrevivência!...

ABEL: Há assim tanto interesse?...

MADALENA: Em quê?

ABEL: Em sobreviver!

MADALENA: Haverá algo de maior interesse, além disso? Creio que não!

to diga?

A partir desta fala, as falas seguintes serão de tal maneira violentas e rápidas que se ligam.

ADAPTADA: Não! Não vale a pena!

MASOCH: Sim! Já agora, termino!

[...]

ADAPTADA: (Desvairada, atira-se a Masoch. Esbofeteia-o. Agarra-o pelos cabelos e obriga-o a fixá-la) Imbecilllll...! Quem pensas tu que és??? Boca de lixo! Recorda bem o que te vou dizer... Nada presta! Nada dura! Nada fica! (Sacode-o) Matéria! Pedaco de asno! (Riso irónico-sarcástico-amargurado) Olha bem! (Toca com o rosto no dele) São rugas! Cada vez mais... e mais... e mais!!! (Cruza os braços, apertando com força, e vai descaindo suavemente) Nada fica... Tudo acaba... (Num grito) Porquê??? (Sufocada) Sim... porquê?...

MASOCH: (Amparando-a) Grande imbecil! O que fiz eu?!...

ADAPTADA: (Grito torturado) Não sei! Adaptação às conveniências da época! É o lance mais difícil de vencer... Alcançar o patamar da sobrevivência!

MASOCH: Há assim tanto interesse?...

ADAPTADA: Em quê?!...

MASOCH: Em sobreviver?...

ADAPTADA: Sim! Haverá algo de maior interesse além disso?...

ABEL: Ele voltou!

MADALENA: Ele, quem? Não vejo ninguém!...

MADALENA: Eh! Vamos lá a saber uma coisa: de quem estás tu a falar?

ABEL: Dele! Não o vês, está ao meu lado! Diz-lhe que estás aqui, Sebastião!...

MADALENA: Com a tua idade, procurava sempre uma resposta para cada pergunta. Por mais estranha que fosse... Com o tempo passei a não perguntar. Já não tenho dúvidas!...

SEBASTIÃO: Estará certa do que diz?...

ABEL: Percorreu um longo caminho...

MADALENA: Já me esqueci da minha condição de mulher... O que pode esperar um estafermo como eu?...

ABEL: Tu nunca serás destruída! Morrerás de velhice...

MADALENA: É esse o meu fim!... (Gritando) Não! Não quero morrer de velhice!

ABEL: Encontrei apenas o que desejava encontrar: a verdade.

MASOCH: O Intruso! O Intruso voltou!!!

(Olha o Intruso, a medo) Não o vês?!...

ADAPTADA: Não... Não vejo ninguém!...

ADAPTADA: A Morte?... (Assustada) Cala a boca paranóico! (Procura ficar serena) De quem estás a falar?

MASOCH: (Aponta o Intruso) Dele! Não o vês?!... (Aponta o intruso) Espectro! Materializa o meu pensamento!

ADAPTADA: [...] Quando tinha a tua idade, acontecia-me o mesmo!... Com o tempo passei a não perguntar... (Quebrando, para ela) Já não tenho dúvidas!... (Tom anterior) Sou uma mulher realizada!

MASOCH: Não falas verdade!

ADAPTADA: Com certeza que falo! Nunca minto! (A voz e a expressão principiam a ficar amarguradas. Procura mostrar-se à vontade, mas de fala para fala é traída) Sou uma mulher feliz! Que pode esperar um estafermo como eu?!...

MASOCH: Não... Nunca serás... destruída!... Morrerás de velhice!

ADAPTADA: Ve... lhi... ce... Nãããoooo!!!! Não... quero... morrer... de... velhice...

MASOCH: (Olha-a) Sim, encontrei... Encontrei o que desejava encontrar... A tua verdade... A minha verdade...

SEBASTIÃO: Foi o meu eixo de entre dois mundos!

ABEL: (Gritando) Não quero ouvir falar nela!

ABEL: Para que me fala ele nessa mulher... E logo esta noite...

SEBASTIÃO: Que tem esta noite de especial?

ABEL: É uma noite decisiva!

SEBASTIÃO: Como a outra, de há muito tempo!...

MADALENA: Que nova personagem te atormenta?...

ABEL: A última pedra do jogo!

SEBASTIÃO: Pedra que tu destruístes!...

SEBASTIÃO: A dos outros!... A nossa terá de ser diferente, porque nos encontramos... (Pausa) Como te chamas?...

SEBASTIÃO: Acredito no que é real. Nas pessoas que nascem, vivem e morrem... Acredito, também, nas pessoas que amam!

SEBASTIÃO: Apenas uma carícia sobre o oiro proibido e longínquo... Palhetas mágicas, que nunca julguei possuir!...

TERESA: Meu pobre idealista!... Não mais terás de mendigar uma carícia!...

SEBASTIÃO: Não mais?!...

TERESA: Não mais!

SEBASTIÃO: Sou o homem mais rico do

INTRUSO: O teu elo de ligação entre dois mundos!

MASOCH: (Gritando) Não! Não quero ouvir...

MASOCH: Porque me aconteceu tudo isto?!... E logo esta noite...

INTRUSO: Esta noite?!... É diferente... esta noite?...

MASOCH: Não sei... não sei... Mas penso... que é decisiva!

INTRUSO: (Seco) Como a outra de há muito tempo...

ADAPTADA: (Hesitante) Que nova personagem te atormenta?...

MASOCH: A última pedra do jogo!

INTRUSO: Pedra... que tu destruístes!

INTRUSO: Como te chamas?... (Rápido) Não! Não digas o teu nome!... Não importa... Para mim serás apenas a Rapariga de Branco!... (Admirado) Estranho...

INTRUSO: Estão diferentes!... Acredito nas pessoas!... Vivem e amam!

INTRUSO: Apenas uma carícia sobre o oiro proibido e longínquo...

RAPARIGA DE BRANCO: (Passa-lhe suavemente as pontas dos dedos pelos lábios) Nunca mais terás de mendigar carícias...

INTRUSO: Nunca mais?!...

RAPARIGA DE BRANCO: NUNCA

Mundo!

MADALENA: É uma bela história!...

ABEL: (Sarcástico) Um pouco diferente das tuas!...

ABEL: Querem saber como começou a vítima?... É fácil: começou como todos os outros!... (Começa a ouvir-se o bater dum martelo sobre uma bigorna. O cadenciado será feito conforme a marcação da peça. A cada martelada haverá um estremecimento de Abel. No final da peça, deverá estar absolutamente quebrado. O tom de voz e a exaltação subirão até ao final da fala) Que lhes importa!... Que me importa! Estranho e horrível lugar, aquele, onde a vida estagnou... Os porcos tinham melhores condições... As pessoas... Eram pessoas?... Nasciam e morriam sem darem por isso!... Nascia e morria tanta gente, ali!... Mulheres prenhas... Novos trapézios para a morte!... Restos da sua condição de humanos... O gado era alimentado com a bolota do gráudo... Mamas flácidas, caíam secas... Não davam leite!... Os monstrozinhos gerados, comiam da erva ruim de seus pais... Até a erva custava caro!... A água fazia-se pagar para

MAIS!

INTRUSO: Todo o Brilha só para mim!...
(Grita) Sou o homem mais rico do mundo!

ADAPTADA: Que história tão bela e simples!...

MASOCH: É uma história vulgar!

ADAPTADA: Não! É bela e... (Pensativa) triste!...

MASOCH: (Sarcástico) Diferente da tua...

MASOCH: Querem saber tudo... O princípio do homem fechado na caixa branca e estéril?... É fácil... Principiou como todos os outros!... (Começa a ouvir-se o bater do martelo sobre uma bigorna. A cada martelada haverá um estremecimento de Masoch. O tom de voz e a exaltação subirão até final da fala) Que lhes importa?... E agora... que me importa?... Fechado e absurdo lugar aquele onde a vida estagnou... Os porcos tinham melhores condições! As pessoas... Eram pessoas?!... Nasciam e morriam sem darem por isso!... Nascia e morria tanta gente ali! Da semente espalhada na terra nascia a erva atrofiada... Vegetação parasita definhava as raízes!... Morriam secas de fome! Mulheres prenhas... Novos trapézios para a Morte!... Restos da sua condição de humanos! O gado era alimentado com bolota mirrada... Mamas flácidas caíam secas... Não davam leite! Os monstrozinhos gerados comiam a erva ruim de seus pais... Até a erva era

alimentar a verdura... Era o princípio do Mundo, na sua condição mais cruel... Mas um dia, a civilização chegou. Cada um passou a ter o preço que valia... Uma cadeira um rapazelho... Duas cadeiras meio rapazelhos... Era difícil sabermos quanto valíamos, até os mercadores chegarem!... Eu vali metade duma cadeira. Pagamento a pronto. Meia cadeira, iniciou-me na arte de andar, falar e agradar!

TERESA: Não dizes nada?!...

SEBASTIÃO: Pouco há para dizer...

TERESA: Para isso eu vim?... Os silêncios não são mais que obstáculos à distância que nos vai separando!... Quanto tempo poderei aguentar tudo isto?...

SEBASTIÃO: Precisas compreender...

TERESA: Compreender... Compreender! Mas o quê?... Achas fácil a uma mulher compreender o silêncio de um homem?!... Agora, sei como eram falsas as palavras empregadas. O mundo para ti não era aquela amálgama de contradições, como me fizeste acreditar. Serviste-te de mim para conseguires provar a tua condição de homem. Fui o brinquedo nas mãos de um idealista falhado!... Onde estão as clareiras, para as árvores crescerem horizontalmente?... Sim, onde está a vegetação luxuriante, salvação de uma juventude doentia?... Mentiste-me!... E eu, acreditei em ti...

SEBASTIÃO: Teresa! Não tens o direito

difícil!... Água maldita, porque faltaste nas bocas sedentas? O preço do homem era o preço do nada! Cada um passou a ter o preço que valia!... Um lugar para mim... Um lugar para ti... Uma cadeira um rapazelho... Duas cadeiras meio rapazelho... Era difícil sabermos quanto valíamos!... Eu vali metade duma cadeira!... Pagamento a pronto! Alguém se sentou no meu corpo vegetal! Meia cadeira iniciou Masoch na arte de andar... de falar e agradar!

RAPARIGA DE BRANCO: Não dizes nada?...

INTRUSO: Nada tenho a dizer...

RAPARIGA DE BRANCO: Nada?!... O teu silêncio... É a distância que nos vai separando... Quanto tempo poderei aguentar tudo isto?!...

INTRUSO: Tens de compreender. Não é fácil...

RAPARIGA DE BRANCO: Compreender... (Ri enervada) Compreender... As tuas palavras?!... Não existem! (Nervosa) As árvores crescem à procura do Sol... Quando disseste tu isso?... Sim... Houve uma altura em que te acreditei... Mas agora... Não foi difícil acreditar em ti!... (Apática) Sou o homem mais rico do mundo! Disseste... ou...

INTRUSO: Não. Não me esqueci...

RAPARIGA DE BRANCO: Confessas... Servi apenas para provar a tua condição de homem!

INTRUSO: Não tens o direito...

de me falar dessa maneira!...

TERESA: Não tenho o direito?!... Posso saber quais são os meus direitos?...

SEBASTIÃO: Apenas perguntar. Nunca acusar. Quando saímos à porta da rua, milhares de pessoas cruzam connosco. Quem são?... Impossível, saber... No entanto, milhares de espelhos, passam frente a nós!...

ABEL: Justificaram-se os dois. E eu?... Não tenho esse direito?... (Para Sebastião) Procuraste-me, depois...

ABEL: Vê, Madalena! Vê como ele confessa... Preciso de mim até ao fim!...

SEBASTIÃO: Que poderia fazer nesse momento?... As dúvidas do desespero acumulavam-se...

ABEL: Como poderia encarar, outra vez, aqueles que me venderam e me compraram?... Que me restava afinal?... O resto duma existência, entre passagens de mãos asquerosas. Sorrisos corrompidos... Não, Sebastião. Não admiti a derrota.

MADALENA: Refúgios da nossa solidão!...

ABEL: Uma revelação amarga, para Sebastião!...

SEBASTIÃO: Conversas frívolas jogavam nas bocas daquela gente...

ABEL: Conversas de todos os dias!...

SEBASTIÃO: O mundo proibido de Abel! Exageram-se atitudes!... Palavras

RAPARIGA DE BRANCO: Não tenho o direito?!...

INTRUSO: Não! Ninguém me poderá acusar... Nem mesmo tu! (Amargurado) Não sou o que quero, nem o que tu queres que eu seja!... (Grita) Compreende... Não me pertenço!

MASOCH: Vocês já se justificaram... E eu?!... Não terei esse direito?!... Ela esqueceu tudo... Absolutamente tudo!...

MASOCH: (À Adaptada) Vê! Vê, como ele confessa...

INTRUSO: Que poderia eu fazer nesse momento?... As dúvidas e o desespero não me deixaram outra saída!...

MASOCH: E eu?!... Aquele que tu ocultavas dentro de um corpo em fúria?!... Que me restava afinal?!... O resto da existência, fechado e perdido num mundo que não era o meu!

ADAPTADA: (Grito) Refúgios da nossa solidão!

INTRUSO: Conversas frívolas... andavam nas bocas daquela gente!

MASOCH: Conversas de todos os dias...

INTRUSO: Atitudes exageradas... Palavras ignoradas e quase proibidas embriagavam os sentidos dos mortos-vivos... Tudo como num sonho! A Morte

ignoradas e quase proibidas **chegavam-me aos ouvidos!... Lembrei-me de um sonho que tive!...** A morte mascarada de anjo! Perguntou-me se queria provar a doçura dos seus beijos... **Respondi-lhe que não sabia. Primeiro, seria necessário provar a essência do Além, para fazer uma escolha aceitável!...** Voámos juntos através dos cinco continentes... Eu e a morte... Rostos marcados pela dúvida, fizeram-me recuar até ao ponto de partida. Leprosos do vício... Contacto de uma morte mais dolorosa que a própria morte!...

ABEL: A descoberta de novas sensações!...

SEBASTIÃO: A que chamas tu novas sensações?...

ABEL: À descoberta de novas **existências!**

SEBASTIÃO: Vi muito pouco, que valesse a pena existir!...

SEBASTIÃO: Mãos invisíveis tacteavam-me os sentidos. **Uma girandola de risos, vozes, queixumes de prazer lançavam a confusão. Pequeníssimas luzes, completavam o recorte da cena... A comédia continuava... Os actores representavam o papel que lhes estava destinado! Deixei o meu lugar de espectador...**

MADALENA: **Havia assim tanta luz?...**

SEBASTIÃO: **Sim, muita!**

MADALENA: **Continua...**

SEBASTIÃO: Luzes de todas as cores. As pessoas iam passando por essas luzes, até se perderem na escuridão... Sobre mim,

aparecia sob uma máscara de anjo... Perguntava se queriam provar a doçura dos seus beijos... **Havia um silêncio interrogativo... Rostos marcados pela dúvida recuavam no tempo... Ponto de partida! Leprosos do vício... Contacto com uma morte mais dolorosa do que a própria morte!**

MASOCH: **É a descoberta de novas sensações!**

INTRUSO: A que chamas tu... novas sensações?...

MASOCH: À descoberta de novas **experiências!**

INTRUSO: Vi... muito pouco... para que valesse a pena existir!

MASOCH: Mãos invisíveis tacteavam os sentidos **da massa confusa! Risos... vozes... queixumes de prazer... espalhavam a confusão! Pequeníssimas luzes completavam o recorte da cena! A comédia continuava... Os actores obedeciam ao papel que lhes estava destinado!... Deixei o meu lugar de espectador...**

ADAPTADA: **E as luzes... Como eram as luzes?!...**

INTRUSO: **Imensas! Luzes de todas as cores... As pessoas iam passando por elas... até se perderem na escuridão! Sobre mim... uma luz branca e doentia...**

uma luz branca e doentia, arrefecia-me o cérebro. Havia um azul. Mostrava corpos... Imensos corpos frios e azulados!... O amarelo mostrava rostos chupados... Um verde escuro, batia em cheio nas bocas contorcidas e espalmadas...

MADALENA: E o vermelho?...

SEBASTIÃO: Paragem dessa corrida para a escuridão!...

TERESA: Alguém me abriu a porta. Não interessava saber quem entrava... Para eles, era apenas alguém que procurava uns momentos de esquecimento!... As últimas esperanças desvaneciam-se... (Começa a ouvir-se o barulho de muitas vozes) Quis fugir! Milhares de canibais se precipitaram sobre mim! Então, então eu vi: um rosto conhecido sob uma luz vermelha! (Para Sebastião) Como me pareceste horrível nesse momento!... (Grito de Teresa. Calam-se as vozes)

VOZ: Estás preparado?...

ABEL: Disse-te que nunca me apanharias!...

VOZ: Perdeste!

ABEL: Todos perdemos...

pesava... e arrefecia o meu cérebro vazio de sensações!... Havia um azul... mostrava corpos! Imensos corpos... frios e azulados! O amarelo mostrava rostos... chupados! O verde escuro... batia em cheio... nas bocas contorcidas e espalmadas!

ADAPTADA: E o vermelho?!... O vermelho?!...

MASOCH: Paragem dessa corrida e... Escuridão!

RAPARIGA DE BRANCO: [...] Sobre o corpo que antes procurara o calor duma existência poisavam mãos adulteradas... Como moscas, tacteavam na ignorância de um corpo que só eu conheci!... Metiam as patas infecciosas na chaga viva! E a carne ia apodrecendo... lentamente... Não tardaria que chacais imundos pudessem lambe o pús escorrido da chaga! (Grito lancinante) Como me pareceste horrível nesse momento!

SOMBRA: Estás preparado?...

MASOCH: Preparado... Para quê?!...

SOMBRA: Perdeste!

[...]

MASOCH: (Continua a olhar a Adaptada) Sobreviver... Não! Existir!... Aliás... todos perdemos... cedo ou tarde!... (A Adaptada faz-lhe sinal para ele avançar) Quem sabe... talvez não... talvez não tivesse perdido... tudo!

MADALENA: **Cão!**
 TERESA: **Usurpador!**
 SEBASTIÃO: **Traidor!**
 MADALENA: **Palhaço!**
 TERESA: **Assassino!**
 SEBASTIÃO: **Sucata!**
 MADALENA: **Vendido!**
 TERESA: As argolas te puseram, as argolas usarás!...
 SEBASTIÃO: Meia cadeira custaste, meia cadeira serás!...
 MADALENA: Serás devorado até ao osso!...
 TERESA: Cães podres de chagas, lamberão os teus restos!...
 SEBASTIÃO: Serás sepultado, em pocilgas de porcos!...
 MADALENA: Milhões de pessoas cuspir-te-ão...
 TERESA: Um mar de saliva afogar-te-á o pranto...
 SEBASTIÃO: Pranto salgado, do ódio que tens...
 MADALENA: ...e pedirás pão...
 TERESA: ...e pedirás amor...
 SEBASTIÃO: ... e não terás nada!
 MADALENA: Apenas...
 TERESA: Gente que não é nada...
 SEBASTIÃO: O nada da escuridão...

RAPARIGA DE BRANCO: **Usurpador!**
 MASOCH: Não! Isso não sou!
 ADAPTADA: Foge deles! Foge de tudo o que foste!
 INTRUSO: **Traidor!**
 MASOCH: Malditos espectros...
 RAPARIGA DE BRANCO: **Vendido!**
 ADAPTADA: Grita comigo... Eu quero...
 MASOCH: ...Não posso gritar... a voz...
 INTRUSO: As argolas te puseram, as argolas usarás!
 ADAPTADA: Destrói essa alucinação!
 MASOCH: Não posso... As moscas...
 ADAPTADA: Grita!
 RAPARIGA DE BRANCO: Meia cadeira custaste e meia cadeira serás!
 MASOCH: Não... quero... o espantalho...
 ADAPTADA: Grita... Eu quero existir!
 MASOCH: Não... posso...
 INTRUSO: Serás devorado até aos ossos!
 RAPARIGA DE BRANCO: Cães, podres de chagas, lamberão os teus restos!
 INTRUSO: Serás sepultado em pocilga de porcos!
A Adaptada insiste com Masoch para que ele reaja. Sacode-o com violência.
 MASOCH: Não quero ser absorvido!
 RAPARIGA DE BRANCO: E um mar de saliva cobrirá o teu rosto!
 INTRUSO: Pranto salgado do ódio que tens!
 ADAPTADA: Fala Masoch... eu estou contigo!
 MASOCH: Eu... eu...
 RAPARIGA DE BRANCO: E não terás nada!

TERESA: **Porque não me disseste há mais tempo?...**
 SEBASTIÃO: **Porque fugi à realidade...**
 TERESA: **Tens razão. Tens duas estradas a seguir... Só uma te pertence. Escolhe-a!**
 SEBASTIÃO: **Pedir perdão, não chega...**
 TERESA: **Também eu preciso de ser perdoada!**

MASOCH: **Eu... que... quero... quero...**
 ADAPTADA: **Diz! Diz! Diz! Grita!!!**
 INTRUSO: **Apenas... gente que não é nada!**
 MASOCH: **...Não posso!...**
 RAPARIGA DE BRANCO: **O nada da Escuridão!**

RAPARIGA DE BRANCO: **Então... é isso... Porque não o disseste há mais tempo?!...**
 INTRUSO: **Porque fugi à realidade!...**
 RAPARIGA DE BRANCO: **(Amargurada) Também eu... quero ser... perdoada...**

Redução, Ampliação e Distribuição

Autópsia

VOZ: **Pensas então abdicar?... Essas facilidades não são permitidas. Não, amigo!... Terás de fazer uma minuciosa autópsia ao ventre do mundo! Terás de digerir a substância putrefacta das suas leis! Ninguém tomará o teu lugar. Pelo contrário... E um dia, se tiveres sorte, ceder-te-ão um rectângulo, num lugar calmo e aprazível, com o epitáfio «Aqui jaz... mais um»!**

MADALENA: **Pois não! Não é! Mas é o que acontece!... O mundo está a ser corroído, lentamente, por vermes que destroem tudo o que é natural e humano!**

Masoch

SOMBRA: **Imbecil! Pensas, então, abdicar?... É demasiado fácil... Não!... Não farás isso! Terás de fazer uma minuciosa autópsia ao ventre do mundo!**
 MASOCH: **E digerir a substância putrefacta das suas leis?...**
 SOMBRA: **Sim! E um dia, se tiveres sorte...**
 [...]

 SOMBRA: **O epitáfio para um sem-nada!**

ADAPTADA: **Lentamente... os vermes corroem o mundo! Destroem o que é natural e humano!**
 MASOCH: **Essa destruição é aceite por**

Todos sabemos que assim é, mas todos
aceitamos o facto, naturalmente!

VOZ: Ele quis sair da escuridão...

ABEL: E, que conheceste, finalmente?...

SEBASTIÃO: Que a verdade é cruel, mas
é a única coisa que importa. É como
aquele botequim, que tantas vezes
observamos e tentamos saber o que tem
dentro. Não passa afinal duma casa como
outra qualquer. Que importam os vidros
embaciados, não deixando ver nada de
fora para dentro. Dentro, sincopando e
embrutecendo ao som de ritmos frenéticos,
uma fauna, doida e inconsciente, identifica-
se com a que está de fora!

ABEL: Há uma diferença: os de dentro,
são aqueles que mais tarde ou mais cedo
pedirão que lhes abram as portas.
Morrerão asfixiados, se não o fizerem!...

SEBASTIÃO: E os que ficaram de fora?...

ABEL: Sentirão fome. Fome da música
que faz os outros dançarem! Sentir-se-ão
minados de desejos... Não suportarão o que
lhes foi imposto!... Forçarão as portas do
Inferno!

SEBASTIÃO: Descobrirão um novo
mundo!

ABEL: Descoberta dolorosa!

SEBASTIÃO: Descoberta da nossa
fragilidade, como homens! Homens que se
encontraram nesse momento perante um
dilema. Enfrentar o desconhecido!...

ABEL: É verdade! Nesses momentos, as
pessoas procuram palavras que as
aproximem. Nada feito. As dúvidas

todos!

SOMBRA: Ele quis sair da escuridão...

MASOCH: Ele foi um covarde!

INTRUSO: Covarde?! (Longínquo)
Andei... andei... e aprendi...

MASOCH: E aprendeste?...

INTRUSO: Que a verdade é cruel!...
Importa conhecer a verdade?! É a única
coisa válida! [...]

MASOCH: (Intrigado, para si) Não era um
campo de girassóis?... Mas existiu um
campo de girassóis! Não me lembro... E...
se era uma casa... (Ao Intruso) Não
passava de uma casa como outra
qualquer!

INTRUSO: Vidros embaciados... Aberta
por fora... fechada por dentro!...
[...]

MASOCH: Há uma diferença! (De novo
para si) Está quase convencido... (Ao
Intruso) Os de dentro mais tarde
quiseram fugir... Morreriam asfixiados
se não o fizessem!

INTRUSO: E os de fora?...

MASOCH: Queriam música! Queriam a
música dos outros!... Ameaçavam forçar
as portas do Inferno... se não
conseguissem!

INTRUSO: A DESCOBERTA DA
VERDADE!

MASOCH: Descoberta dolorosa!

INTRUSO: O homem descobre a fraqueza
do Mundo! E logo nasce a interrogação!...
Quem sou eu?...

continuam... Nós passamos pelas pessoas e as pessoas passam por nós! Agarramos... Mordemos!... Sofremos! E as dúvidas continuam... Corremos até ao fim do mundo, se for preciso! Fazemos explodir, milhões de sentimentos! Abrimos o peito a quem passa! Expomos as vísceras aos chacais! Rodeamo-nos de mãos! Lambemos os pés, até à cintura, dos cães e dos gatos! As palavras não surgem!!! Passa um dia... Outro dia passou... E muitos mais virão... Tornamos a agarrar... A morder!... A sofrer! E as dúvidas continuam!
SEBASTIÃO: E depois vem a escuridão...
ABEL: Escuridão que já não nos mete medo... Faremos parte dela!
SEBASTIÃO: Torna-se impossível fugir!

TERESA: Eu nunca o esqueci... A água sorvida de ti, gota a gota, não era salgada. Diferente dos outros mares... Tinha toda a frescura duma fonte pura e cristalina. Saciava a sede das minhas ansiedades de mulher. Purifiquei o meu corpo nessa frescura... Exaltação máxima, do desejo

MASOCH: Nesse momento as pessoas procuram palavras que as aproximem!...
INTRUSO: Mas... as dúvidas continuam!...
MASOCH: As pessoas vão e vêm...
INTRUSO: Agarram... Mordem... Sofrem...
MASOCH: E as dúvidas continuam!
INTRUSO: Passamos abertos e espalmados...
MASOCH: O peito enfrenta a fúria da posse...
INTRUSO: As palavras não surgem!...
MASOCH: O dia vem...
INTRUSO: O dia vai...
MASOCH: E outros mais virão!...
INTRUSO: As palavras não surgem...
MASOCH: Tornamos a agarrar... A morder... A sofrer!!
INTRUSO: E as dúvidas continuam!!!
MASOCH: (Distante) E o Sol arrefece... de repente! (Aterrorizado) Está escuro! (Suplicante) Tenho medo da escuridão!
INTRUSO: Agora... a escuridão já não nos mete medo... Fazemos parte dela!
MASOCH: (Descontrolado) Fugir... Fugir... Fugir...! É isso! É preciso fugir! (Indeciso) Mas para onde?... Para onde?...
INTRUSO: Não vale a pena fugir!

RAPARIGA DE BRANCO: (Tenta desviar o olhar) Os olhos dele... (Pensativa) É estranho!... Pela primeira vez... não me importa ser observada! (Olha-o) Loiro e macilento... E triste!... Não deixa de me observar...
INTRUSO: Os meus olhos já não me

máximo no momento máximo!... Foram momentos belos, os vividos a teu lado... Dissemos tanto e tanto teríamos para dizer...

SEBASTIÃO: Na primeira vez que nos encontrámos, pouco dissemos...

TERESA: Não foi necessário...

SEBASTIÃO: Não. Não foi necessário. Tens razão. Para quê?... Se nos sentimos tão lemr dos outros?!...

TERESA: Engraçado, como tudo se passou!...

SEBASTIÃO: Eu vi a rapariga muito jovem, quase uma adolescente, perdida entre uma imensidão de mesas. À sua volta nada existia. As pessoas tornaram-se pequenas, perante nós. Os nossos olhares cruzaram-se, procurando confundirem-se num só. Eu não podia deixá-la abandonada entre tanta gente.

TERESA: O rapaz loiro e macilento, não deixava de me observar...

SEBASTIÃO: Como ela era diferente... Pedi desculpa de me sentar à sua mesa e de lhe falar em coisas que só eu sentia.

TERESA: Ouvi-o em silêncio, sorvendo-lhe o martelar indeciso das palavras.

SEBASTIÃO: Testemunhas de cera, imóveis e inexpressíveis, observavam o nosso pequeno mundo...

TERESA: Gente que não importava. Só nós dois contávamos, nesse momento.

SEBASTIÃO: Era o mesmo café de todos os dias. Com a mesma gente de todas as horas. Diferente, apenas aquela mesa com dois sonhadores... Sonhadores de todas

pertencem! E os dela?... (Olha para cima e depois com um sorriso para ela) O Sol... O Sol de repente ficou doirado! (Olha em volta) E o gelo desapareceu... O mar de corpos frios e brancos deixou de existir!...

RAPARIGA DE BRANCO: Tudo isto é confuso!... Os olhos... Os olhos dele!... Será que... Mas não!

INTRUSO: (Resoluto) Não vai ficar abandonada entre os corpos gelados!

O Intruso e a Rapariga de Branco ficam isolados em dois focos de luz diferentes.

INTRUSO: Testemunhas de cera, imóveis e inexpressivas, observavam o nosso pequeno mundo!...

RAPARIGA DE BRANCO: Rostos sem importância... Só nós contávamos nesse momento...

INTRUSO: Onde estava eu?... Não importava... Era a mesma hora de todos os dias...

RAPARIGA DE BRANCO: Com a mesma gente de todas as horas!

INTRUSO: Diferentes, apenas dois!...

RAPARIGA DE BRANCO: Dois sonhadores!...

INTRUSO: Sonhadores em tempo... sem espaço... sem época!

RAPARIGA DE BRANCO: Aquele momento recuava séculos!...

INTRUSO: Avancei e falei de coisas que só eu sentia.

RAPARIGA DE BRANCO: Escutei em silêncio... sorvendo o martelar indeciso das suas palavras!...

INTRUSO: Dissemos tanto e tanto

as épocas!... Aquele momento recuava em séculos!...

TERESA: Perguntei-te quem eras?

SEBASTIÃO: Apenas... Sebastião!...

TERESA: Sebastião?... Nome lendário... Há nevoeiro lá fora!...

SEBASTIÃO: Não! O movimento de todos os dias. As mesmas mulheres a dias estafadas de muitas horas de esfrega. O amarelo dos carros eléctricos, desespero açambarcador de milhares de viajantes. O bilhete de ida e volta do operariado... Turismo frustrado... Massas anónimas, contrastando com o verde escuro dos candeeiros... Dedos luminosos, apontando o infinito!... Todos reparam e ninguém vê... As bocas movem-se em silêncios de medo...

TERESA: Você é triste. Por que não reparar nos sorrisos das crianças?... Há também as flores e as árvores?... Tanta coisa, em que você não repara!...

SEBASTIÃO: As crianças perderam a cor rosada da meninice. Tornaram-se macilentas... As flores murcharam! Foram calcadas por pés desumanos... As árvores, bem essas, são colocadas em linha. Todas iguais!... Vão-se desenvolvendo para cima, esguias e espalmadas, à procura do Sol...

TERESA: E você, o que procura?...

SEBASTIÃO: Clareiras onde as árvores se desenvolvam horizontalmente... Árvores que deem frutos que saciem a sede e a fome de multidões... Espaços seguros onde as crianças possam sobreviver, sem vegetarem!

teríamos para dizer...

RAPARIGA DE BRANCO: Perguntei quem ele era...

A luz que os distancia volta a confundir-se.

INTRUSO: Apenas... um Intruso!

RAPARIGA DE BRANCO: E quem lhe chamou Intruso?!... (Olha, distante) Ele apareceu... e o nevoeiro como por encanto acabou... (Ao Intruso) Está um lindo dia. E as pessoas sabem sorrir...

INTRUSO: (Desalentado) Não as conheço!... Vão e vêm... Para onde?... (Olha em volta) Repare... Massas anónimas contrastando no verde escuro dos candeeiros... Dedos luminosos apontam o infinito! Todos reparam e ninguém vê... As bocas pedem em silêncios de medo!...

RAPARIGA DE BRANCO: Você é triste...

INTRUSO: Sou apenas um Intruso... perdido num mundo estranho!...

RAPARIGA DE BRANCO: Repare... O Sol brilha! (Aponta) E as crianças brincam nos jardins... Flores... e árvores! Coisas belas e vivas! (Olha-o indecisa e ansiosa) Você não vê como tudo isto é belo?!...

INTRUSO: (Olha-a sem a compreender) E as crianças brincam nos jardins... (Olha-a amargurado) Não! O Sol gelou!... As crianças definharam macilentas!... As flores murcharam!...

RAPARIGA DE BRANCO: (Num grito) E as árvores?!...

INTRUSO: As árvores?!... Bem... As

Vegetação verde e abundante para uma juventude oca e amarela...

árvores colocadas em linha ao longo dos caminhos...

RAPARIGA DE BRANCO: (Sacode a cabeça e tenta convencê-lo) Não... o que você vê não são árvores!

INTRUSO: (Não a ouvindo) ...crescem, esguias e espalmadas, à procura do Sol!

RAPARIGA DE BRANCO: E você... procura?...

INTRUSO: Crianças doiradas! Árvores que falem! Frutos maduros em bocas sedentas!

TERESA: À nossa volta a mesma gente de todos os dias. Gente que não interessava... Demos as mãos. Fizemos promessas. Fizeste-me sentir mulher!

INTRUSO: Demos as mãos...

RAPARIGA DE BRANCO: As mãos unidas constroem o mundo!

INTRUSO: À nossa volta a mesma gente de todos os dias!...

VOZ: Volta! Não sabes escutar a voz do mais forte?... Volta! Quem te autorizou a desaparecer?... Imbecil! Volta... Volta...

SOMBRA: Volta!

MASOCH: (Indeciso, ante a plateia) Tens medo... É isso... Tens medo de que eu desapareça...

Com a fala a seguir, Masoch avança à plateia e junta-se à Adaptada. Quando Masoch sai de cena, a voz da Sombra deixa de se ouvir e o seu rosto desaparece.

SOMBRA: Quem permitiu desaparecer?!...

Imbecil! Volta! Volta! Volta!

4. Edição Crítica

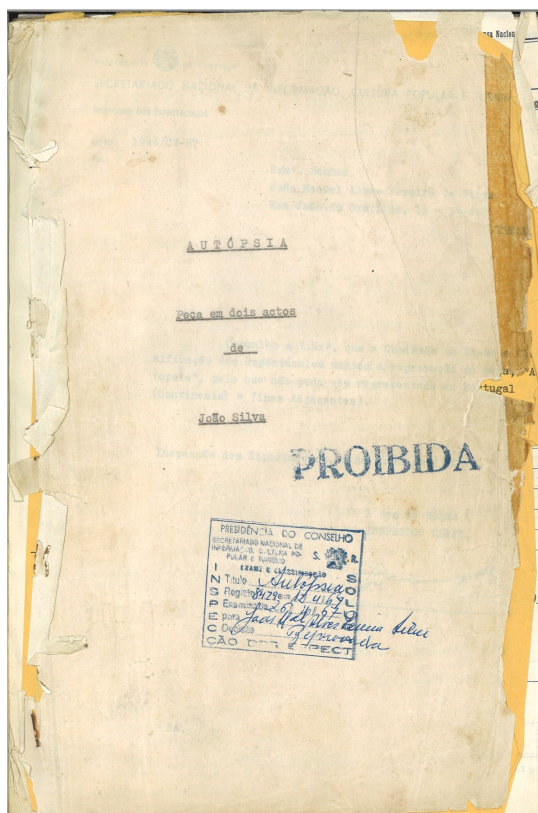
Nota de edição

Existem dois testemunhos dactiloscritos de *Autópsia*, ambos compostos por 41 folhas numeradas, escritas só de um lado em papel com a marca-d'água «Grahams Bond Registered»:

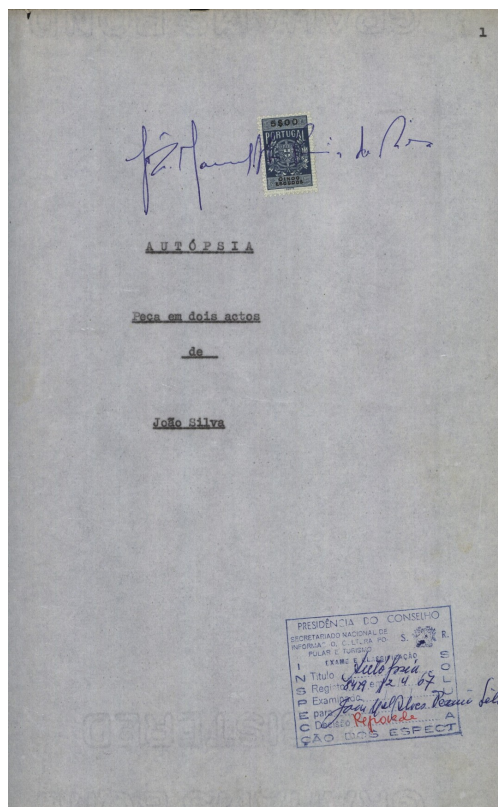
A – pertenceu ao autor, que mo confiou e conservo em minha posse;

B – depositado no Fundo do Secretariado Nacional de Informação do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, com a cota PT/TT/SNI-DGE/1/8942.

A folha de rosto do testemunho B tem o selo fiscal de 5\$00, inutilizado pela assinatura de João Silva. Apresenta também o carimbo da Inspeção dos Espectáculos do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, completado à mão com o título do texto («Autópsia»), o número e a data do registo («8429» e «12/4/67»), o nome do autor («João M^{el} Alves Pereira Silva») a tinta azul e a decisão («Reprovada») a tinta vermelha. Este carimbo e respectivos dizeres encontram-se também no testemunho A, que apresenta ainda um outro com a indicação PROIBIDA.

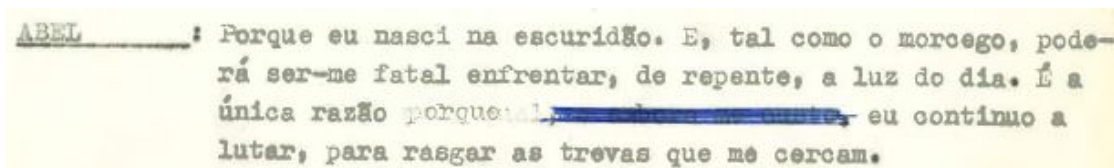


Testemunho A



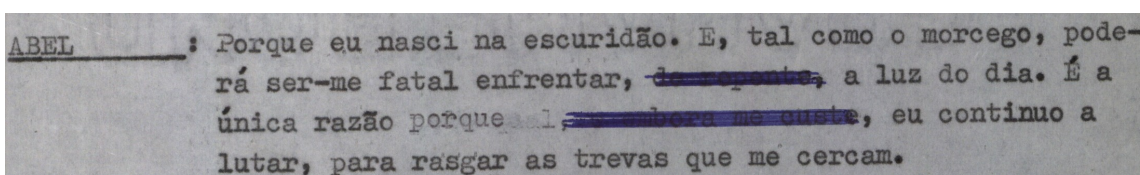
Testemunho B

Ambos foram objecto de duas campanhas de escrita. A segunda, cancela e emenda, tendo o dactilógrafo recolocado a folha de papel na máquina e escrito texto novo, em ambos os testemunhos, de modo a não existir disparidade entre eles na altura de apreciação por parte dos censores.



ABEL _____: Porque eu nasci na escuridão. E, tal como o morcego, poderá ser-me fatal enfrentar, de repente, a luz do dia. É a única razão porque eu, _____, eu continuo a lutar, para rasgar as trevas que me cercam.

Testemunho A



ABEL _____: Porque eu nasci na escuridão. E, tal como o morcego, poderá ser-me fatal enfrentar, de repente, a luz do dia. É a única razão porque eu, _____, eu continuo a lutar, para rasgar as trevas que me cercam.

Testemunho B (anexo 1 p. 24)

A proposta de edição que se segue tem como texto base o do testemunho A, que me foi entregue por João Silva, que contém marcas posteriores do autor com algumas alterações ao texto, sendo o testemunho que mais se aproxima da sua vontade final. Além disso, contém marcas de leitura, com passagens assinaladas com os sinais X e √, como também muitos fragmentos sublinhados, destinadas a eventual encenação. Estas anotações não foram tidas em conta na fixação do texto, uma vez que não indicam expressamente alterações textuais.

O texto é apresentado com uma transposição ortográfica para a norma de 2017, seguindo o Acordo Ortográfico de 1945.

Lapsos e erros morfo-sintáticos óbvios, mas persistentes, foram também emendados, como por exemplo *pregunta/pergunta* e *deixarão/deixará*. Distribuição equivocada de falas, exemplo *Sebastião/Abel*. No entanto, manteve-se o galicismo vulgarizado de masculinizar o substantivo *personagem*.

Mantive a pontuação, intervindo apenas na correção de erros como, por exemplo, a separação entre sujeito e predicado, conservando, no entanto, as vírgulas de ênfase, ou de pausa («Tu, roubas-lhe a juventude. Ele, vende-se por uma certa

comodidade», p. 89), bem como a aparente pontuação expressiva em final de frase, que podiam apontar já para a direcção de actores.

Decidi conservar o advérbio *quási*, pois representa o vestígio de sobrevivência de uma transição normativa que o autor conheceu.

Na edição, mesmo para assinalar interpolações de correcção, utilizo os símbolos propostos por Ivo Castro (2001), adaptando o primeiro deles à realidade do objecto que edito:

< >	segmento original (dactilografado) riscado
< >/ \	substituição por superposição, na relação <substituído>/substituto\
< >[↑]	substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior
[↑]	acréscimo na entrelinha superior
[↓]	acréscimo na entrelinha inferior
†	palavra ilegível

As coincidências entre os dois testemunhos são assinaladas em nota com = B; as divergências com] B.

O início da página do dactiloscrito está registado entre [].

AUTÓPSIA

Peça em dois actos

de João Silva

Edição crítica de André Carvalho

2019

[2]

PERSONAGENS

VOZ: Um som decadente e irreal.

ABEL: O que ficou na escuridão.

MADALENA: A que usava a palavra «sobrevivência» como refúgio para a sua condição de mulher frustrada.

SEBASTIÃO: O que apareceu na escuridão.

TERESA: Uma rapariga, perdida entre dois mundos.

PRIMEIRO ACTO

Escuridão na sala. Levanta o pano. Lentamente, a figura de Abel, sentado em meditação, vai-se iluminando. Em volta continua a escuridão. Abel é um indivíduo na casa dos vinte anos, de expressão estranha e pouco convencional. Como pormenor, duas argolas pendem-lhe das orelhas. Entretanto, a música que se tem ouvido desde o início é sobreposta por uma voz.

VOZ: Levanta-te!

ABEL: Quem és tu?

VOZ: Não interessa quem sou!

ABEL: Não vejo ninguém...

VOZ: É assim tão importante, ver alguém, quando temos necessidade de quebrar o gelo [↑ que]³² nos cerca?!...

ABEL: E quem te disse que eu tinha necessidade de quebrar esse gelo?

VOZ: A tua solidão!

ABEL: A minha solidão... Como se fosse possível compreendê-la!...

VOZ: Que fizeste [↑ de ti], dos sonhos d'outrora?

ABEL: Tornaram-se pesadelos!...

VOZ: Dos fragmentos da tua adolescência que tu, descuidado, arruinaste? Sim, onde está essa juventude?!...

ABEL: Tudo isso morreu. Houve uma conspiração! As forças do mal [↑ malignas], dia após dia, vão corroendo o pouco que me resta...

VOZ: Pensas então abdicar?... Essas facilidades não são permitidas. Não, amigo!... Terás de fazer uma minuciosa autópsia ao ventre do mundo! Terás de digerir a substância putrefacta das suas

³² = B.

leis³³! Ninguém tomará o teu lugar. Pelo contrário... E um dia, se tiveres sorte, ceder-te-ão um rectângulo, num lugar calmo e aprazível, com o epitáfio “Aqui jaz... mais um”! [4]

ABEL: Metes-me medo!...

VOZ: Medo... Desesperado! Reage! Luta!

ABEL: Como?! Como [↑ poderá]³⁴ lutar uma minúscula ilha perdida no horizonte da desconfiança e do medo?!... Sim, como reagir à corrupção da mordça, destruidora de todos os meus nervos e sentidos?!³⁵... Quero fugir!...

VOZ: Ah, a fuga!... Volúpia dos fracos... Para esses, o passado será sempre uma nódoa futura! O presente, um monte de esterco! Afasta-te deles: têm a marca da frustração!...

ABEL: Haverá algo melhor?...

VOZ: Os outros! Milhões sofrendo como tu. Olha à tua volta: que vês?

ABEL: Nada de positivo.

VOZ: Não, nada! A escuridão afasta a realidade. Mantém-na na sombra. Aproxima-te da luz!...

ABEL: Faltam-me <as>³⁶ forças para tanto!...

VOZ: FORÇA! Repara: belo seria o continente, se todas essas pequeníssimas ilhas se juntassem num abraço fraternal! Belo e forte!

ABEL: Por que me tentas?

VOZ: Porque tenho [↑ sinto] pena de ti. E, porque o mundo não é feito duma única peça... Com os homens acontece o mesmo! Melhores ou piores, eles não deixam de ser humanos!...

³³ *Terás...leis!:* em B, a frase está sinalizada por um dos censores com uma cruz vermelha na margem esquerda.

³⁴ = B.

³⁵ *Sim...sentidos?!:* em B a frase encontra-se sinalizada com um ponto de interrogação e um parêntesis recto na margem esquerda.

³⁶ = B.

ABEL: Quando lhes dão oportunidades para isso... Nada adianta modificar. O que vier, realizar-se-á!

VOZ: Sentes-te assim tão impotente?

ABEL: Não, apenas cansado. No entanto, tentarei abrir os olhos através da escuridão. Talvez ela me desvende todos os seus mistérios!... Se assim não for...

VOZ: Se assim não for?...

ABEL: Continuarei à espera da palavra mágica que me afastará do sonho! [5]

VOZ: Essa palavra doce e imaginária...

ABEL: Existe!

VOZ: Qual é?...

ABEL: Liberdade!

Uma gargalhada, a princípio sufocada e depois mais aberta, recalca a palavra liberdade. A silhueta de Madalena distingue-se em plano superior. Madalena é uma mulher na casa dos quarenta anos, de expressão gasta e experiente, mas tentando aparentar menos idade.

VOZ: A tua solidão foi violada!

ABEL: Uma aparição!...

MADALENA: Não fujas... Aproxima-te... Não te faço mal!...

ABEL: Como te chamas?

MADALENA: (Rindo) Madalena!

ABEL: Só... Madalena?...

MADALENA: Madalena é suficiente! O mais qualquer coisa não interessa.

ABEL: E donde vens?

MADALENA: Donde venho? Bem, é difícil dizer. Sou um pouco de toda a parte. Em cada dia que passa, novas Madalenas nascem, velhas Madalenas morrem! Velhas e gastas do uso que lhes dão!

ABEL: Uma prostituta!

VOZ: Que o primeiro justo nesta sala lhe dê o primeiro golpe de misericórdia!³⁷

MADALENA: Não te quis assustar. Quando topei contigo, pensei: «Ali está um dos tais. Dos que falam sozinhos.» Murmuravas palavras estranhas e complexas, como se espíritos desconhecidos e grotescos se tivessem apoderado de ti... Ao princípio assustei-me. Depois, reflecti e cheguei a uma conclusão: és inofensivo...

ABEL: Estás certa disso?... [6]

MADALENA: Absolutamente! Para mais, repara na emoção que sentiste com a minha gargalhada!

ABEL: Não estava preparado. Há ocasiões em que o cacarejar da galinha nos dá a ilusão dum cão a ladrar! Somos apanhados de surpresa!...

MADALENA: Os cães assustam os carneiros...

ABEL: Os carneiros não sonham!...³⁸

MADALENA: São os que sonham mais. Não podem fazer outra coisa... Até por isso têm de pagar: dão a lã e a carne, em troca de uns míseros sonhos! Sonham baixinho... baixinho...

ABEL: Eu sonhava alto!

MADALENA: Então, talvez sejas recuperável. Mas, cautela: há sonhos perigosos!...

ABEL: Quanto mais perigosos, mais apetecíveis. Nunca sonhas?

MADALENA: De vez em quando...

³⁷ Em B, esta réplica e a anterior encontram-se sinalizadas com o sinal de corte [na margem esquerda.

³⁸ Em B, a frase encontra-se sinalizada com ?.

ABEL: Estou a ver: coisas belas... <cor de rosa>³⁹Tais como os cartazes turísticos as descrevem. Verdes... verdes... verdes...

MADALENA: Nunca! O meu sonho é vermelho!...

ABEL: Vermelho?!... <que orgia de sangue!>⁴⁰

MADALENA: Rubro de sangue! Um autêntico pesadelo! Começa sempre com um comboio. Vejo-me numa correria louca, atrás dele. Tenho a sensação que nunca o poderei alcançar, definitivamente. No entanto, não consigo parar. Eu corro, e ele vai-se afastando. Cada vez mais!... Confortavelmente instalado na última carruagem do bólide, um homem gordo e anafado faz-me negaças. Ah, esquecia um pormenor: a carruagem não tem tejadilho nem paredes. Uma enorme carapaça magnética protege-o! Mas eu, não posso parar! O homem gordo faz-me sinal. A cada gesto dessa anafada criatura, vou tirando uma peça de roupa! Pouco a pouco, sinto o meu corpo profanado pelo olhar magnético do meu carrasco! O hálito nauseabundo dos cifrões atafulha-me a boca, não me deixando respirar⁴¹! O peso [7] bruto do seu chicote rasga-me as entranhas, expondo-as a quem passa! Então, sinto-me mais pobre... Tudo acabou!... O comboio afasta-se, levando consigo o homem e um pouco de mim... Só, nem forças sinto para chorar!... A reacção é dolorosa... É preciso rir!... Levantar a cabeça e fechar os olhos... Pensar nos outros comboios... Os que virão depois!... É a altura de abrir os olhos, outra vez... Cabeça erguida, olhos abertos! É então, quando tudo se começa a tornar vermelho: um suor quente e rubro!... Sangue! Sangue, que me dá forças para procurar novo comboio!

ABEL: É exaustivo!

MADALENA: Já me vou cansando de tanto viajar. Há momentos em que sinto ganas de parar!

³⁹ = B.

⁴⁰ = B.

⁴¹ *O hálito...respirar!:* em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal |.

ABEL: Talvez um dia consigas parar...

MADALENA: Talvez...

ABEL: Aqui há algum tempo, também tive um pesadelo. Era um pouco confuso e metia muita gente.

MADALENA: Quando eu era mais nova, acontecia-me o mesmo. (Rindo) Via-me na selva, e que milhares de canibais se precipitavam sobre mim para me devorar!⁴²

ABEL: Milhares?! É quási como o meu, só com uma pequena diferença: eu vejo milhões! Milhões de antropófagos: é mais moderno; mais científico; mais actual!

MADALENA: Milhares de esfomeados!

ABEL: Milhões de padrão-standard! Também esfomeados! Têm todos a mesma cara de purga transparente, que os faz ficar de pernas para o ar!...⁴³

MADALENA: De pernas para o ar?!

ABEL: Sim, palerma! Cabeças para baixo, cu para cima!⁴⁴ (Riem)

MADALENA: E falam?

ABEL: Se falam!... Chegam a berrar!

MADALENA: Que dizem eles?

ABEL: (Pensativo) Pouca coisa... Têm muito pouco para dizer. Por cima pedem justiça, por baixo pedem comida⁴⁵! É tudo muito confuso, porque como estão de pernas para [8] o ar, não sei por qual das partes se deve dar comida ou fazer justiça... Eles também não sabem!...

MADALENA: Enfim: eles que decidam e depois te comuniquem! (Riem) És um tipo fixe, apesar desse ar estranho que tens. (Surpreendida) Agora reparo: usas brincos!

⁴² *Via-me...devorar!*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal |.

⁴³ *Têm...para o ar!*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal .

⁴⁴ *cu para cima*: em B, a expressão está indicada com o sinal de corte [.

⁴⁵ *Por cima...comida!*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal .

ABEL: Não são brincos. São duas argolas.

MADALENA: Para que servem?

ABEL: Para nada. Digamos que sou extravagante!...

MADALENA: Na... Ah! Já sei: <És cigano?!>⁴⁶ Poeta?...

ABEL: (Rindo) Nada disso. Se te disser, prometes guardar segredo?

MADALENA: Ou eu não me chamasse Madalena!

ABEL: Fazem parte de um jogo...

MADALENA: Curioso! Dum jogo?!

ABEL: Fazem-se apostas em como nunca as tirarei.

MADALENA: E quem perderá?...

ABEL: Nunca se sabe!... Aliás, estas argolas são completamente inofensivas, embora eles pensem que me magoam.

MADALENA: Eles... quem?

ABEL: Os que falam baixo. Vês: são apenas algumas polegadas de metal cravado na carne! Eles acreditam na força das suas polegadas. Dizem «A nossa força obrigar-te-á a ceder»! Mas, não! Até agora, não cedi! Quanto mais tarde pior para eles. Terei as orelhas bastante calejadas para não aceder aos seus rogos! Sim, porque depois, já não darão ordens: suplicarão!...⁴⁷

MADALENA: Conheces gente muito interessante...

ABEL: Divertem-me! De resto, também já me habituei a elas!...

MADALENA: A gente habitua-se a tudo...

ABEL: Maravilhosa época, esta, em que vivemos. O indivíduo habituou-se a ser peça de um jogo.

MADALENA: O jogo dos bispos e das rainhas?...

ABEL: Não conheço...

⁴⁶ <És cigano?!>] B És cigano?!

⁴⁷ Em B, esta réplica encontra-se sinalizada com ?, parecendo indicar as frases *Eles...ceder*!.

MADALENA: Era uma expressão familiar, usada em minha casa, quando jogavam o xadrez. [9]

ABEL: O homem automatizou-se. Talvez se tenha tornado tabuleiro de xadrez! Derrubaram-se as torres! Mataram-se as rainhas! Queimaram-se os bispos! Comeram-se os cavalos! E depois, que ficou?

MADALENA: O tabuleiro!

ABEL: E outras peças: os peões! Parecendo não ter importância, têm muita. É necessário apagar esses vestígios. Se não forem apagados, tornar-se-ão um hábito!

MADALENA: O homem é um animal de hábitos.

ABEL: Hábitos controláveis!

MADALENA: Eu, por exemplo, tenho o hábito de passear, à noite, sozinha. Há uns tempos, um jovem apaixonou-se por mim. É compreensível que as minhas noites ficassem desde então tomadas. Mas, quê! Estava na massa do sangue os meus passeios nocturnos!... Sabia que fazia mal. Aquele rapaz tinha tanta necessidade de mim...

ABEL: Fugiu-te?!

MADALENA: (Rindo) Não! Há interesses maiores que a honra.

ABEL: Tais como?

MADALENA: A comodidade... A segurança... Enfim, dinheiro! (Pausa)
Costumas vir aqui muitas vezes?

ABEL: Não.

MADALENA: Vieste hoje, por acaso?... Procuras alguém?...

ABEL: Não.

MADALENA: Não insisto!... Pois eu, venho aqui com frequência.

ABEL: As tais alucinações nocturnas!...

MADALENA: Não posso recalcar o desejo. Não quero privar-me do que me dá prazer. Tenho necessidade de carinho⁴⁸. Preciso de nova seiva que me alimente.

ABEL: Há sempre um peixe para cair na rede!

MADALENA: Nem sempre o pescado me agrada!

ABEL: Não te chamei! [10]

MADALENA: Nunca acorro ao chamamento de alguém.

ABEL: Então?...

MADALENA: Procuro!...

ABEL: E...

MADALENA: ...Quando me agrada...

ABEL: Pescas!

MADALENA: Gostas de brincar!...

ABEL: Continuamos a jogar.

MADALENA: Está bem, seja! Que poderei dizer, provando assim que as minhas saídas nocturnas não passam de um passatempo?...

ABEL: Passatempo: jogo! Precisas de jogar, Madalena. Como todos nós... Dão-nos as pedras a escolher, e nós vamos para o neutro!⁴⁹

MADALENA: Jogo no preto!

ABEL: Mentira!... És daltónica...

MADALENA: Tenho a pedra em meu poder.

ABEL: Que depende de ti inteiramente...

MADALENA: É uma pedra verdadeira!

ABEL: Enquanto não lhe descobrires falsas arestas...

MADALENA: Lapidarei as arestas falsas. Tudo se modificará.

⁴⁸ *Não...carinho*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal |.

⁴⁹ *e...neutro*!: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal ?.

ABEL: Com certeza: será o final de uma longa espera!...

MADALENA: O princípio de uma nova vida!

ABEL: E... se eu te dissesse o contrário?...

MADALENA: Diria que a tua língua sórdida cometia um erro.

ABEL: Por te prever algo de diferente?... Sim, Madalena... Com o tempo ficarás mais seca e descarnada. Para ele, não passarás de uma múmia decorativa. Então, já não lhe servirás. Toma cuidado: a mumificação já começou...

MADALENA: Idiota!

ABEL: Eu, idiota?... E porquê?... As minhas palavras me[11]tem-te medo?

MADALENA: Tu, medo? (Riso nervoso) És demasiado pequeno para isso.

ABEL: Madalena, porque te ocultas à luz da verdade? Que te seduz na noite?...

MADALENA: A própria noite!

ABEL: Não, não é isso...

MADALENA: (Rindo) Descobriste?...

ABEL: Queres que to diga?...

MADALENA: Acho desnecessário ouvir mais!

ABEL: Não! Agora, termino!

MADALENA: Seja! Mas depressa. Aborreces-me...

ABEL: O teu sonho...

MADALENA: O comboio?... Apenas um pesadelo...

ABEL: Gostarias de partir nele... Para muito longe daqui?...

MADALENA: Que tem isso de especial?... Todos gostam de viajar!

ABEL: Viagem com regresso! Mas... tu não!

MADALENA: Deitas-te a adivinhar.

ABEL: Tu, gostarias de ficar eternamente longe daqui! Adivinhei?...

MADALENA: É humano!

ABEL: Não tentes baralhar a conversa. Sim ou não?...

MADALENA: Talvez...

ABEL: Não me serve a resposta.

MADALENA: Está certo!

ABEL: Indícios de saturação!

MADALENA: Mais alguma coisa?

ABEL: Gostas de beber?...

MADALENA: Quando calha.

ABEL: Frequentemente?...

MADALENA: Sim, milhentas vezes! Quando não [↑ tenho]⁵⁰ paciência para [12] <aturar>⁵¹ tipos como tu...

ABEL: E... sentes necessidade de um homem mais novo. Que te dê forças para fugires à vida que te foi imposta...

MADALENA: Um homem que amo!

ABEL: Que dizes amar!

MADALENA: É falso! Nada sabes a nosso respeito!

ABEL: Tu, roubas-lhe a juventude. Ele, vende-se por uma certa comodidade.⁵²

MADALENA: Língua viperina!...

ABEL: Madalena, estás no caminho errado...

MADALENA: Fecha-me essa boca imunda e não digas mais nada!

ABEL: Não sei [↑ por] quanto tempo te poderás enganar!...

MADALENA: Previno-te...

⁵⁰ = B.

⁵¹ = B.

⁵² *Ele...comodidade*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal de corte].

ABEL: Tens medo! Sinto pena de ti...

MADALENA: Imbecil... Quem pensas tu que és??? Vê... Vê bem! (Obriga-o a fixá-la) Não, não tenho medo... Ele é que tem medo de mim. De eu lhe mentir! Queres... queres que tire a pintura para poderes ver bem?... Queres? Cada ruga é um vestígio por onde passaram milhares de comboios... Senda marcada a ferro!

ABEL: Excedi-me...

MADALENA: Afinal, talvez tenhas razão. Talvez eu precise de uma tábua de salvação, para fugir ao naufrágio da minha vida! O barco afunda-se, lentamente... Há coisas que só nós mulheres podemos compreender. Ninguém melhor que nós tem a noção do tempo que passa!... Não merece a pena recordar, tudo o que ficou para trás não presta! Levamos anos a tentar ser compreendidas, sem atingirmos a meta! É difícil...

ABEL: De quem é a culpa?

MADALENA: Os homens estão demasiadamente subjugados a eles próprios! Porque se afastam, cada vez mais, nunca se poderão compreender. As mulheres, para eles, não passam de um passatempo pouco evoluído que é necessário abortar⁵³!... [13]

ABEL: Isso não é lógico!

MADALENA: Pois não! Não é! Mas é o que acontece!... O mundo está a ser corroído, lentamente, por vermes que destroem tudo o que é natural e humano! Todos sabemos que assim é, mas todos aceitamos o facto, naturalmente!

ABEL: É essa a minha classificação...

MADALENA: Tu, por enquanto, estás na escuridão! Ainda não achaste o caminho... Procuras descobrir novas fórmulas desconhecidas!...

ABEL: Ambos procuramos...

⁵³ ...rio abortar!: a última sílaba do adjectivo *necessário* e o verbo *abortar* encontram-se dactilografadas com o intervalo de duas linhas em relação ao resto do texto. Em B, o censor indicou-os com o sinal ?.

MADALENA: Estás enganado. Talvez eu já tivesse entrado na quarta dimensão!

ABEL: Uma dimensão pouco aliciante!

MADALENA: Há necessidade de nos ajustarmos, com a bagagem que temos, às conveniências da época. É um lance difícil para se alcançar o patamar da sobrevivência!...

ABEL: Há assim tanto interesse?...

MADALENA: Em quê?

ABEL: Em sobreviver!

MADALENA: Haverá algo de maior interesse, além disso? Creio que não!

ABEL: Não transgredir! Mantermo-nos fiéis àquilo que somos!

MADALENA: Ou que pensamos ser!

ABEL: Esse tal patamar, ou lá como lhe queiras chamar, dá-nos o direito de fugir à realidade?

MADALENA: Dá direito a tudo o que quisermos!

ABEL: Bela filosofia!...

MADALENA: É a filosofia adoptada à escala mundial!

ABEL: Então... não importa que o vizinho seja destruído, para que possamos, logo de seguida, usufruir das comodidades do seu belo apartamento?...

MADALENA: Não importa! [14]

ABEL: Nem importa que duas cidades sejam sacrificadas e os seus habitantes reduzidos a pó, pela fúria atómica, para se provar a lei do mais forte?...

MADALENA: Também não importa!

ABEL: Muito menos importará a fome de milhares, a ignorância de milhões ou a loucura de biliões, para que meia dúzia possa sobreviver...

MADALENA: Nada importa!

ABEL: É possível que eu esteja errado. Mas então o que importa?

MADALENA: A sobrevivência!

VOZ: Ela tem razão!

ABEL: Tu, cala-te! És dos tais que se adaptam!

À palavra sobrevivência, uma nova figura vai aparecer em cena. Sebastião, o personagem, é um rapaz da mesma idade de Abel. Fala inexpressivamente, como se não existisse.

SEBASTIÃO: Eles têm razão!

ABEL: Sebastião? Tu... voltaste?...

SEBASTIÃO: Quem te disse que voltei?...

Abel pretende tocar em Sebastião, mas uma força estranha limita-lhe o gesto.

ABEL: Não te consigo alcançar!

SEBASTIÃO: Nunca o conseguiste...

ABEL: Não pode ser verdade! Tu já não existes!...

VOZ: Eu preveni-te...

ABEL: Disse para te calares!

VOZ: (Rindo) Ele vai rasgando as trevas que o cercam! Prenúncios de que a escuridão tende a desaparecer...

MADALENA: Que disseste?

ABEL: Ele voltou!

MADALENA: Ele, quem? Não vejo ninguém!...

ABEL: Sebastião, voltou! [15]

MADALENA: Estás a delirar... Só aqui estamos nós!

ABEL: Voltou de longe! As entranhas da terra devolveram-no...

MADALENA: Eh! Vamos lá a saber uma coisa: de quem estás tu a falar?

ABEL: Dele! Não o vês, está ao meu lado! Diz-lhe que estás aqui, Sebastião!...

MADALENA: Sentes-te mal?...

ABEL: É natural não o veres!... Ele foi sempre assim: um bicho de mato! A realidade para ele não existia. Foi isso que o matou: o dia em que descobriu ser tão vulnerável como qualquer outro! Não pôde conceber que fazia parte de um jogo!...

SEBASTIÃO: Podias tê-lo evitado!

MADALENA: Falas de alguém que conhecestes muito bem!...

ABEL: Falo de alguém que nunca cheguei a conhecer...

MADALENA: Quem era Sebastião?

ABEL: Uma árvore nova, precisando de uma estaca que não a deixasse vergar. Um dia, a árvore renegou a estaca...

MADALENA: Que aconteceu à árvore?

ABEL: Foi derrubada pela fúria do vento!

MADALENA: Secou?

ABEL: Não sei! Talvez... Ou talvez tivesse desaparecido, até ao dia em que o nevoeiro se dissipou! (Rindo) Não voltará montado num belo cavalo branco, não!

SEBASTIÃO: Porque não lhe contas toda a verdade?

ABEL: Seria bom que existisse uma verdade...

MADALENA: Ele assalta-te, frequentemente, em pensamentos?...

ABEL: Pior ainda: aparece-me! Diz-me coisas horríveis, como se todas as culpas do mundo me pertencessem.

SEBASTIÃO: Repudias a verdade!

ABEL: (Irritado) A verdade!... Ouve, Sebastião, as tuas lamúrias não me conseguem convencer. Estou farto de as ouvir! Já lá vai o tempo que tiveste fome. [16] Tudo o que te aparecesse era tragável. Um dia, quiseste caviar. Todos têm direito a caviar⁵⁴... mas nem todos o comem. E, quando o comem, é preciso saber fazê-lo!... Devagar... para não se acabar!...

SEBASTIÃO: Nunca me habituei ao seu paladar...

ABEL: Procuraste-me, nessa noite...

SEBASTIÃO: Foi um momento difícil!...

ABEL: Profanaste as raízes do nosso acordo!

SEBASTIÃO: Sentia-me como a mosca, hipnotizada pela teia da aranha!

ABEL: Não contaste com a sensibilidade da aranha⁵⁵...

SEBASTIÃO: Naquela noite, tinha algo de importante a comunicar-te!...

MADALENA: Estranho, esse rapaz!...

ABEL: Um ser ignorado, entre os parasitas que povoam este nosso planeta!

MADALENA: Um tímido?

ABEL: Não! Um sonhador, como nós... Assaltavam-no o temor e o medo de se concretizar. Um dia, fugindo a todas as regras do jogo a que se tinha imposto, procurou-me na plenitude de toda a minha verdade!...

SEBASTIÃO: Já te disse: tinha algo de importante para comunicar!

MADALENA: Compreendo, foi o fim dele...

SEBASTIÃO: Sentia-me ávido de conhecer a verdade! Sentia-me como o condenado no último segundo de vida, antes da execução!

VOZ: Ele quis sair da escuridão...

ABEL: E que conheceste, finalmente?...

⁵⁴ *Todos...caviar*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal |.

⁵⁵ *aranha*: a palavra está dactilografada por cima da palavra *aracnídeo*, que foi raspada, sendo ainda legíveis as últimas letras.

SEBASTIÃO: Que a verdade é cruel [↑ <†>], mas é a única coisa que importa. É como aquele botequim, que tantas vezes observamos e tentamos saber o que tem dentro. Não passa afinal de uma casa como outra qualquer. Que importam os vidros embaciados, não deixando ver nada de fora para dentro? Dentro, sincopando e embrutecendo ao som de ritmos frenéticos, uma fauna, doida [17] e inconsciente, identifica-se com a que está de fora!

ABEL: Há uma diferença: os de dentro são aqueles que mais tarde ou mais cedo pedirão que lhes abram as portas. Morrerão asfixiados, se não o fizerem!...

SEBASTIÃO: E os que ficaram de fora?...

ABEL: Sentirão fome. Fome da música que faz os outros dançarem! Sentir-se-ão minados de desejos... Não suportarão o que lhes foi imposto!... Forçarão as portas do inferno!

SEBASTIÃO: Descobrirão um novo mundo!

ABEL: Descoberta dolorosa!

SEBASTIÃO: Descoberta da nossa fragilidade, como homens! Homens que se encontraram nesse momento perante um dilema. Enfrentar o desconhecido!...

ABEL: É verdade! Nesses momentos, as pessoas procuram palavras que as aproximem. Nada feito. As dúvidas continuam... Nós passamos pelas pessoas e as pessoas passam por nós! Agarramos... Mordemos!... Sofremos! E as dúvidas continuam... Corremos até ao fim do mundo, se for preciso! Fazemos explodir milhões de sentimentos! Abrimos o peito a quem passa! Expomos as vísceras aos chacais! Rodeamo-nos de mãos! Lambemos os pés, até à cintura, dos cães e dos gatos! As palavras não surgem!!! Passa um dia... Outro dia passou... E muitos mais virão... Tornamos a agarrar... A morder!... A sofrer! E as dúvidas continuam!

SEBASTIÃO: E depois vem a escuridão...

ABEL: Escuridão que já não nos mete medo... [↓ <amarela>]⁵⁶
Faremos parte dela!

SEBASTIÃO: Torna-se impossível fugir!

ABEL: Não sei... (Para Madalena) Madalena!

MADALENA: O que é que queres?

SEBASTIÃO: Vais perguntar-lhe?... Talvez não valha a pena!...

ABEL: Vale sempre a pena... Madalena, porque não fugiste da rota que te foi traçada?...

MADALENA: Uma pergunta difícil!... Não sei!... Talvez por falta de adaptação!... Porque me fazes essa pergunta?!... [18]

ABEL: Lembrei-me de te perguntar. Tenho sempre muitas dúvidas quanto ao mundo que me cerca...

MADALENA: Com a tua idade procurava sempre uma resposta para cada pergunta. Por mais estranha que fosse... Com o tempo passei a não perguntar. Já não tenho dúvidas!...

SEBASTIÃO: Estará certa do que diz?...

ABEL: Percorreu um longo caminho...

MADALENA: Já me esqueci da minha condição de mulher... O que pode esperar um estafermo como eu?...

ABEL: Madalena...

MADALENA: Não. Nada de sentim[↑ ent]⁵⁷os piegas. Isso, em ti, seria falso. És como eu!...

ABEL: Sou assim tão transparente?...

MADALENA: Não. Ainda ocultas muita coisa...

ABEL: Será necessário despojar-me ainda mais?...

MADALENA: Não é necessário. Por enquanto... Tens tempo... Com o tempo ficarás completamente nu! Nu de artifícios. Nu de emoções!...

⁵⁶ É possível que a palavra remeta para um elemento extratextual, como a indicação de luz.

⁵⁷ = B.

ABEL: És uma mulher extraordinária...

MADALENA: Nada disso! Nego-me a ser derrotada! Para sobreviver, despir-me-ei, custe o que custar, tantas vezes até me sentir completamente nua!

ABEL: Invejo a tua lucidez!

MADALENA: Sim... Uma lucidez reflectida de cansaço...

ABEL: Lucidez que não abdicará!

MADALENA: Sim, mas o cansaço vai destruindo a lucidez!

ABEL: Tu nunca serás destruída! Morrerás de velhice...

MADALENA: É esse o meu fim!... (Gritando) Não! Não quero morrer de velhice!

ABEL: Será esse o teu fim! Nada adianta chorares...

MADALENA: Nada adianta! (Muda de tom) Afinal não encontraste respostas às dúvidas que te atormentam...

ABEL: Encontrei apenas o que desejava encontrar: a verdade! [19]

SEBASTIÃO: Tens razão. Essa mulher [↑ verde]⁵⁸ percorreu um longo caminho... Ficou marcada para sempre!... Lembra-me Teresa...

ABEL: Teresa...

SEBASTIÃO: Foi o meu eixo de ligação entre dois mundos!

ABEL: (Gritando) Não quero ouvir falar nela!

MADALENA: Outra vez?...

ABEL: Para que me fala ele nessa mulher... E logo esta noite...

SEBASTIÃO: Que tem esta noite de especial?

ABEL: É uma noite decisiva!

SEBASTIÃO: Como a outra, de há muito tempo!...

MADALENA: Que novo personagem te atormenta?...

⁵⁸ Vd. nota 44.

ABEL: A última pedra do jogo!

SEBASTIÃO: Pedra que tu destruístes!...

ABEL: Uma recordação de arame farpado, entre duas fronteiras!

SEBASTIÃO: Diz-lhe como a ameí!

ABEL: Desde quando conheces a palavra amor?...

SEBASTIÃO: Depois de nos teres destruído as raízes do nosso amor!

ABEL: Ela própria sentiu-se na obrigação de o fazer!

SEBASTIÃO: Mentira! Foste tu!...

ABEL: Não quero ouvir mais nada!

VOZ: Querias a verdade?... Pois vais enfrentá-la! Tens de ouvir tudo!

ABEL: Não, não quero! Não posso mais!

MADALENA: <Abel>[↑ <Louco>]! <Abel>[↑ <Louco>]⁵⁹, estás doido? O que é que tens?

SEBASTIÃO: Responde-lhe! Conta-lhe como tudo se passou...

ABEL: Não o saberia fazer...

SEBASTIÃO: Precisas de alguém que te avive a memória... Teresa o fará!
[20]

ABEL: Não, por favor. Não chames a morte!

À palavra morte, Teresa aparece superior a Sebastião. Madalena dá um grito surdo.

MADALENA: A morte!

Teresa falará com Sebastião, ignorando Abel e Madalena.

SEBASTIÃO: Teresa, ele renega as responsabilidades de tudo.

⁵⁹ = B.

A partir deste momento, os diálogos dos quatro personagens farão uma junção, como se fosse um único monólogo. Alucinados, acusar-se-ão. O tom e a excitação vão subindo, gradualmente, até final do acto.

TERESA: Naquela noite, [↑ vermelha]⁶⁰ compareci, tal como me pediste...

MADALENA: A casa estava toda forrada de negro...

SEBASTIÃO: Pedi-te que tivesses calma...

ABEL: Sim, quando me apareceste, senti algo de estranho em ti...

SEBASTIÃO: Empregaste palavras duras. Tentei fazer-te compreender que não éramos só nós quem estava em jogo...

TERESA: Perguntei-te se seria fácil renunciar a tudo. Procuraste na resposta uma explicação falsa. Enervei-me. Foi num desabafo rancoroso que gritei a minha indignação pela tua atitude...

MADALENA: Nas ocasiões de maior desespero, sempre me imaginei num caixão, poisado sobre uma mesa de torcidos e tremidos. Um brinquedo para adultos. Como as mãos brancas dos defuntos fazem contraste com os espectadores da comédia. Do êxtase negro sobressaem círios brancos... Depois... cadeiras e gente, gente e cadeiras, preenchem uma lacuna. Caras fechadas. Estranhamente fechadas...

ABEL: Sentíamo-nos como dois estranhos...

TERESA: Receosa, aguardei uma palavra tua. De quantas artimanhas te serviste para ocultar a verdade. Acusei-te do medo que sentias pela vida... [21]

SEBASTIÃO: Lembrei-te que os sonhos morrem sempre com a realidade. Reagiste, acusando-me. Perplexo, verifiquei saberes que existia outra alguém...

⁶⁰ Vd. nota 44.

ABEL: Falaste-me nela...

MADALENA: Passaram-se as contas do rosário. Purificaram-se os sorrisos...

SEBASTIÃO: A verdade era difícil...

TERESA: Nesse momento, senti que nos tínhamos ligado por um fio, pronto a ser cortado por afiada tesoura. Os sonhos não tinham sido mais que fantasias da juventude...

SEBASTIÃO: Falou-se de alguém...

MADALENA: Alguém que entrou, fazendo as cabeças erguerem-se surpreendidas. Passou os olhos, vertiginosamente, sobre toda aquela gente e poisou-os ávidos sobre a presa. Ela descansava sobre uma mesa de torcidos e tremidos. Alguém que ficou ignorado entre os espectadores...

ABEL: Nesse momento, o enorme dragão abriu a bocarra. Dentes pontiagudos, que tão depressa parecem tudo devorar...

MADALENA: Tinha uma longa fileira de dentes. Dentes podres e amarelos. Gastos de tanto comer...

TERESA: Eu queria a verdade. Apenas a verdade...

SEBASTIÃO: A verdade era terrível. Sempre fui um parasita de ternura. Como um percevejo, pegava-me a quem encontrasse, na esperança de um gesto, de uma palavra que significasse: AMOR! Um dia, um ser, tão desesperado como eu, apareceu...

MADALENA: Perdem-se qualidades quando ainda nos resta uma réstia de esperança. Quem seria o misterioso desconhecido?...

ABEL: A hora da revelação chegava. Eu, sentia-o. Quis gritar contra tudo. Impossível: o som perdia-se por entre a multidão...

TERESA: Foi um momento difícil, a revelação. Só havia um caminho a seguir...

MADALENA: Bruscamente, ele revelou-se... [22]

TERESA: Perguntei quem era...

SEBASTIÃO: Tudo foi revelado. Uma confissão que nenhum homem ousa revelar a uma mulher. Uma resposta que nenhuma mulher admite de um homem...

TERESA: Afinal, tudo dependia desse momento. Eu já não tinha outro caminho a seguir...

ABEL: Não tive receio e enfrentei-a. Mas...

MADALENA: Não! Não a quero ver! Manda-a embora! É ela... A MORTE!

Música e ruídos abafam as súplicas dos personagens. O pano vai descendo lentamente.

VOZ: Eles sentem a aproximação do fim. Refugiam-se em estratégias, para lhe escapar. Aguardemos...

SEGUNDO ACTO

Os personagens mantêm as mesmas posições do final do primeiro acto. Abel e Madalena, lentamente, vão tomando cena. Sebastião e Teresa conservam-se na penumbra.

MADALENA: É estranho... De repente, fez-se um silêncio... Iria jurar...

ABEL: Não jures! (Pausa)

MADALENA: Por que aconteceu tudo isto?...

ABEL: Porque nos revelámos tal como somos. Porque num momento de lucidez, decidimos fazer jogo limpo. Mas... Não estávamos preparados para tanto. O passado ameaçou-nos...

MADALENA: Sinto-me atordoada como se tivesse caído num redemoinho infernal...

ABEL: O imprevisto aconteceu. É preciso fazer uma auto-defesa com os trunfos que nos restam.

MADALENA: Se eu fosse capaz...

ABEL: É preciso! Agora, mais do que nunca! Está-nos proibido o acesso à verdade. Resta-nos lutar. De contrário...

MADALENA: Teremos de viver sempre na dúvida?...

ABEL: De não sabermos até quando poderemos aguentar.

MADALENA: De não podermos aliviar o fardo que nos foi imposto.

ABEL: As dúvidas serão cada vez mais carregadas de ameaças. Novas acusações surgirão. Nada ou ninguém nos libertará...

MADALENA: Foi por isso que ela apareceu...

ABEL: Quem?!...

MADALENA: A Morte!

ABEL: É o seu jogo!... Não te apoquentes. Hoje em dia, pessoas como nós não têm muito a recluir. Teremos de fazer uma longa estadia no lugar que nos reservaram. A sua profissão é arranjar lastro para se manter. Nós somos pequenos aperitivos. Se assim não fosse, como se aguentaria?... [24] Vastos horizontes lhe pertencem! Esqueces as guerras?...

MADALENA: As guerras?!...

ABEL: Surpreendente viveiro de corpos escolhidos em todas as latitudes... Não é racista! Tem paladar para tragar quaisquer comidas exóticas! Os aviários, industrializados, servem precisamente para a criação de frangos em larga escala. Dentro do mínimo espaço de tempo possível... É necessário, para que o mercado esteja sempre bem abastecido. Os frangos não piam: eles sabem qual a função que lhes está destinada!... Vinte anos, leva um ser normal a desenvolver-se. Vinte milésimos de segundo, leva ele a destruir-se. Façamos o holocausto à mais insaciável <criatura que conhecemos>⁶¹ de todas as criaturas!

MADALENA: Guerras sempre as houve.

ABEL: Também sempre existiu uma morte! Diferente, é certo, pois os seus artifícios evoluíram em milhões de anos. Tem todas as manhas da época. Embora muitos a considerem ultrapassada.

MADALENA: Queres dizer: somos enganados?...

ABEL: Mais ou menos. Manobra-nos como quer e destrói-nos, lentamente, para não ser destruída.

MADALENA: Como evitá-la?

ABEL: Aguardar, pacientemente, uma pequena distração. Depois, é uma questão de tempo para o ataque. Uma fracção de segundos, um pouco de sorte, é o suficiente...

MADALENA: Deixará marca...

⁶¹ = B.

ABEL: Com um bom tratamento, tudo voltará ao seu devido lugar.

MADALENA: Se pensas assim, por que razão não saíste da escuridão em que tens estado?...

ABEL: Porque eu nasci na escuridão. E, tal como o morcego, poderá ser-me fatal enfrentar, de repente⁶², a luz do dia. É a única razão porque<, embora me custe,>⁶³ eu continuo a lutar, para rasgar as trevas que me cercam.

MADALENA: Afinal, sempre somos diferentes. Eu procuro a escuridão.

ABEL: É pena. Nascestes nos dias claros. A tua experiência pode[25]ria ajudar-me a desbravar o caminho...

MADALENA: Poderias confiar numa desconhecida?...

ABEL: Talvez. Só o poderei saber mais tarde. Agora, neste momento, nem tudo depende só de ti. Nós, vamos continuando a trocar um duelo de palavras. As tais palavras que fazem parte do jogo. Do tal jogo do tabuleiro. Neste momento, apenas duas figuras estão em cena. As outras, voltarão dentro de instantes. Farão parte do jogo. Um de nós será destruído. Talvez ignorado, durante séculos, até ao dia em que a claridade seja universal.

MADALENA: Escaparemos os dois!...

ABEL: Não! Um só! Estou convencido... Fomos postos à prova.

MADALENA: No que te baseias para declarares semelhante tolice?...

ABEL: Porque representamos algo que se nega a ser destruído. Não abdicaremos. A nossa força ajudará o mais adaptável. Adormecemos por instantes, mas, num sobressalto, levantamo-nos e negamos o sono eterno.

MADALENA: Porque não desistir?

ABEL: Desistir?!... Nunca! Aguentarei até desaparecer.

MADALENA: Fazes-me calafrios...

⁶² de repente] B <de repente>.

⁶³ = B.

ABEL: Repara como foi fácil cairmos nesta cilada.

MADALENA: Haverá mais gente como nós?

ABEL: Há, sim. Imensa gente como nós. Ainda não se descobriram, mas há!

MADALENA: Então, talvez tenham os mesmos problemas.

ABEL: Têm mas nunca os discutem. Evitam-se!...

MADALENA: Será necessário encararem os factos, com tanta intensidade, como nós os encarámos.

ABEL: Fizémo-lo em comum! Os nossos destinos confundiram-se...

MADALENA: Foi então a nossa união que a afastou...

ABEL: A quem?...

MADALENA: À morte!

ABEL: Ah! Afastou-se, temporariamente. Voltará! (Pausa) Sabes, eu nunca estou completamente só. [26]

MADALENA: Pelo que presenciei há bocado, levantam-se à tua volta espectros, que procuras afastar.

ABEL: Há um ser invisível... Procura-me, sem eu o chamar...

MADALENA: (Misteriosa) Algum espírito, que pretende comunicar contigo. Quando eu era pequena...

ABEL: (Rindo) Quando tu eras pequena, metiam-te fantasias na cabeça.

MADALENA: (No mesmo tom) Não brinques, é a sério. Depois da morte de minha mãe e durante bastante tempo, ouvia uma voz de mulher que chamava por mim...

VOZ DE MULHER: Madalena... Madalena... (Repetindo-se)

ABEL: Isso foi há muito tempo.

MADALENA: Mas ainda hoje a oiço. Não tanto como nesse tempo. Mas, oiço-a!...

ABEL: Que te diz ela?...

MADALENA: É apenas uma súplica. Uma súplica muito apagada...

ABEL: E antes?

MADALENA: Antes...

VOZ DE MULHER: (Sons de correntes, arrastando, contrastam com gemidos, queixumes, ladainhas imperceptíveis e uma voz suplicante) Franquearam-lhe a porta... Deixaram-no entrar... Ele aproximou-se e destapou, com suavidade, o lenço que me cobria o rosto. Nada pude fazer. Um frio paralítico tolhia-me o corpo. Que bela mesa de torcidos e tremidos, essa, onde foi servido o banquete... (Riso abafado de outra voz) Será obrigatório, nas cerimónias, as pessoas irem todas vestidas de negro?!... (Começa a ouvir-se a melodia duma caixa de música) Quem é a flor mais bela e mais pequena que está ao meu lado?...

VOZ DE HOMEM: Um pequeno aperitivo...

VOZ DE MULHER: Para antes do jantar?...

VOZ DE HOMEM: Não. Para depois. Temos tempo...

VOZ DE MULHER: Um aperitivo tão pequeno... Não têm pena de o devorar? Vai sofrer muito...

VOZ DE HOMEM: Será tragado, lentamente!... [27]

VOZ DE MULHER: É desumano!...

VOZ DE HOMEM: Ninguém tem culpa. Só tu! Forneceste-o para prazer das bocas ávidas que te observam. Tem a garantia da tua marca!...

VOZ DE MULHER: Quem é o pequeno aperitivo, tão belo como uma flor?...

VOZ DE HOMEM: (Acaba a música) Queres vê-la?... Olha!

VOZ DE MULHER: (Gritando, enquanto o homem dá uma gargalhada, que se confunde com muitas outras) Não!!! (A voz vai-se sumindo) Madalena... Madalena... Madalena...

MADALENA: Ele tinha razão. A sua marca, deixou-me a estrada que percorri... Entendi-o, demasiado tarde.

ABEL: Talvez o seu apelo, fosse um aviso que não soubeste entender...

MADALENA: A minha voz é diferente da tua. Brinca comigo... tão depressa me promete mostrar caminhos para além do horizonte, como logo de seguida me coloca precipícios sem fim. Barrancos intransponíveis à minha imaginação.

VOZ: Julgas-te demasiado forte para me escutares. Foi esse o teu erro. Nunca poderás sair, sem ajuda, da lama onde te geraram!

ABEL: É essa a tua cilada?... Enganas-te! Sabes porque ainda não fui destruído?... Porque eu, não uso a palavra sobrevivência como ela!...

VOZ: É uma adaptada. Morrerá de velhice...

ABEL: Sim, podre. Tão podre como os teus artifícios!...

VOZ: São apenas tentações para um fraco como tu. Nunca conseguirás realizar nada!... Absolutamente nada!

ABEL: Ela serviu-te de isca para me apanhares. Pergunta-lhe se quer morrer!...

MADALENA: Morrer?!...

ABEL: Era este o continente belo e forte das tuas promessas?... Onde está a tua responsabilidade perante a loucura desta mulher?...

VOZ: Disse-te: o mundo é feito de milhentas coisas. Melhores ou piores... [28]

MADALENA: Eles voltaram?...

ABEL: Sim, ele voltou!... O tal que me falou na juventude que nunca tive... Adolescência vendida a retalho, para conseguir aquilo que tu tanto desejas: a sobrevivência!

VOZ: Fala-lhe de ti!...

ABEL: Madalena, que sabes tu a meu respeito?...

MADALENA: Nada!... Afinal, interessa?!... Temos tão pouco tempo para nos descobrirmos a nós próprios... Depois, torna-se difícil descobrir os outros!...

ABEL: E, se eu te contasse uma história. Acreditarias nela?...

MADALENA: Porque não?!... Nada tenho a perder. Contam-se histórias todos os dias. Rebuscam-se novas sensações, na esperança do entorpecimento total... Onde começa a realidade ou acaba a ficção?... É difícil dizer...

VOZ: Conta-lhe uma história verdadeira!...

ABEL: Sim. Contar-lhe-ei tudo!... Sebastião será de novo desenterrado. Madalena, será o juiz!

Os quatro personagens movimentar-se-ão até se confundirem nas marcações. Deixará de haver barreiras entre eles. Falarão normalmente.

SEBASTIÃO: Estou pronto! Teresa também.

ABEL: Será necessário, o seu regresso?...

SEBASTIÃO: Faz parte da verdadeira história. Ficará junto de mim.

MADALENA: Como te chamas?

ABEL: Abel! Diz-te alguma coisa, o meu nome?...

MADALENA: Um atrainado. É o nome duma vítima!...

ABEL: Filho de espoliados!⁶⁴... O Paraíso está-lhe vedado. Para ele, cardos e espinhos são estofos de projecção internacional. Um dia, quis sentir o contacto da seda na pele. Pagou por isso. Os agiotas da decência levaram-no a leilão. Foi vendido, ao desbarato, a uma sociedade que não admite subterfúgios, por mais modestos que sejam. Cada qual no seu devido lugar⁶⁵. Milhões de irmãos o matam lentamente...

MADALENA: Também fui devorada lentamente... Segui a carreira de [29] minha mãe... Minha mãe seguiu a carreira de minha avó...

⁶⁴ *espoliados*: a palavra é resultado de uma segunda campanha de escrita, sem vestígios legíveis da primeira.

⁶⁵ *Pagou...lugar*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal de corte [.

Sempre assim foi... Será sempre assim?... A sociedade foi conquistada por nós, como o homem do talho conquista clientela. Enquanto a carne lhe serviu, foi disputada a peso de ouro⁶⁶. Hoje, eu sinto-o, prepara-se para deitar as aparas aos cães!...

ABEL: E tu, Sebastião?...

SEBASTIÃO: Filho de gerações de desesperados!... Inadaptado, por natureza, à exploração decadente do homem⁶⁷. Semi-embriagado pela febre da conquista... Partícula menor duma juventude enganada. O desespero levou-me a procurar novos caminhos. A calúnia e o medo da derrota, levaram-me a desertar. De pouco me serviu a fuga. A cada momento sou recordado. Não passo duma recordação mitológica...

MADALENA: E a pequena, quem é?

TERESA: A causa da fuga, do medo e da derrota de Sebastião. Eu sou o problema. O problema porque ele sofreu e desapareceu...

ABEL: Ele desapareceu porque teve medo!...

TERESA: Sim, teve medo de me destruir. Deixou-me o encargo de o fazer. Ele sentiu algo dentro de mim. Algo que lhe pertencia... Fecundado com o amor, a força e a vitalidade da nossa juventude. Algo para sofrer e fazer uma penitência de milhares de dias e noites até se encontrar, como ele...

VOZ: Como eles se entendem... (Ri) Muito bem!... Os quatro grandes procuram em comum soluções para os seus problemas. E de mim, não lhes interessa saber quem sou?...

ABEL: Um som decadente e irreal...

VOZ: Estás a ser injusto, Abel!...

ABEL: Não. Estou a fazer a tua apresentação, favorecendo-te...

⁶⁶ *Também...ouro*: em B, as frases foram sinalizadas com o sinal | na margem esquerda.

⁶⁷ *Inadaptado...homem*: em B, a frase está sinalizada com o sinal | na margem esquerda.

VOZ: Não importa. Mudarás de opinião quando te encontrares, de novo, só.

ABEL: Impossível... Quando me encontrar, de novo, só, esconderei o rosto entre as mãos. Gritarei: as trevas são um produto da minha imaginação!... Se não o conseguir, a terra devorar-me-á... Germinarei nela novos solitários! Virão milhares!... Virão milhões! E, o teu mito será destruído!... [30]

SEBASTIÃO: A nossa juventude, levou-nos a esquecer o imenso mar que nos cercava...

TERESA: Eu nunca o esqueci... A água sorvida de ti, gota a gota, não era salgada. Diferente dos outros mares... Tinha toda a frescura duma fonte pura e cristalina. Saciava a sede das minhas ansiedades de mulher. Purifiquei o meu corpo nessa frescura... Exaltação máxima, do desejo máximo no momento máximo⁶⁸!... Foram momentos belos, os vividos a teu lado... Dissemos tanto e tanto teríamos para dizer...

SEBASTIÃO: Na primeira vez que nos encontrámos, pouco dissemos...

TERESA: Não foi necessário...

SEBASTIÃO: Não. Não foi necessário. Tens razão. Para quê?... Se nos sentimos tão diferentes dos outros?!...

TERESA: Engraçado, como tudo se passou!...

SEBASTIÃO: Eu vi a rapariga muito jovem, quási uma adolescente, perdida entre uma imensidão de mesas⁶⁹. À sua volta nada existia⁷⁰. As pessoas tornaram-se pequenas, perante nós. Os nossos olhares cruzaram-se, procurando confundirem-se num só⁷¹. Eu não podia deixá-la abandonada entre tanta gente.

TERESA: O rapaz loiro e macilento, não deixava de me observar⁷²...

⁶⁸ *Saciava...máximo!*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal |.

⁶⁹ *mesas*: na entrelinha superior encontra-se um pequeno círculo com o algarismo 1.

⁷⁰ *existia*: na entrelinha superior encontra-se um pequeno círculo com o algarismo 2.

⁷¹ *só*: na entrelinha superior encontra-se um pequeno círculo com o algarismo 3.

⁷² *observar*: na entrelinha superior encontra-se um pequeno círculo com o algarismo 5.

SEBASTIÃO: Como ela era diferente⁷³... Pedi desculpa de me sentar à sua mesa e de lhe falar em coisas que só eu sentia.

TERESA: Ouvi-o em silêncio, sorvendo-lhe o martelar indeciso das palavras.

SEBASTIÃO: Testemunhas de cera, imóveis e inexpressíveis, observavam o nosso pequeno mundo...

TERESA: Gente que não importava. Só nós dois contávamos, nesse momento.

SEBASTIÃO: Era o mesmo café de todos os dias. Com a mesma gente de todas as horas⁷⁴. Diferente, apenas aquela mesa com dois sonhadores... Sonhadores de todas as épocas!... Aquele momento recuava em séculos!...

TERESA: Perguntei-te quem eras?

SEBASTIÃO: Apenas... Sebastião!... [31]

TERESA: Sebastião?... Nome lendário... Há nevoeiro lá fora!...

SEBASTIÃO: Não! O movimento de todos os dias. As mesmas mulheres a dias estafadas de muitas horas de esfrega. O amarelo dos carros eléctricos, desespero açambarcador de milhares de viajantes. O bilhete de ida e volta do operariado⁷⁵... Turismo frustrado... Massas anónimas, contrastando com o verde escuro dos candeeiros... Dedos luminosos, apontando o infinito!... Todos reparam e ninguém vê... As bocas movem-se em silêncios de medo...

TERESA: Você é triste. Por que não reparar nos sorrisos das crianças?... Há também as flores e as árvores?... Tanta coisa, em que você não repara!...

SEBASTIÃO: As crianças perderam a cor rosada da meninice. Tornaram-se macilentas... As flores murcharam! Foram calcadas por pés

⁷³ *diferente*: na entrelinha superior encontra-se um pequeno círculo com o algarismo 5.

⁷⁴ *horas*: na entrelinha superior encontra-se um pequeno círculo vazio, possivelmente a ser preenchido com o número 6.

⁷⁵ O bilhete de ida e volta do operariado] B <O bilhete de ida e volta do operariado>.

desumanos...⁷⁶ As árvores, bem essas, são colocadas em linha. Todas iguais!... Vão-se desenvolvendo para cima, esguias e espalmadas, à procura do Sol...

TERESA: E você, o que procura?...

SEBASTIÃO: Clareiras onde as árvores se desenvolvam horizontalmente... Árvores que deem frutos que saciem a sede e a fome de multidões... Espaços seguros onde as crianças possam sobreviver, sem vegetarem! Vegetação verde e abundante para uma juventude oca e amarela...

TERESA: A nossa juventude...

SEBASTIÃO: A dos outros!... A nossa terá de ser diferente, porque nos encontrámos... (Pausa) Como te chamas?...

TERESA: Teresa! Um nome vulgar, registado em livro pautado... Teresa e Sebastião... Tem graça!...

SEBASTIÃO: O quê?!...

TERESA: Existirmos há tanto tempo e só hoje nos encontrarmos...

SEBASTIÃO: O inevitável aconteceu!...

TERESA: Acreditas no que está traçado?...

SEBASTIÃO: Acredito no que é real. Nas pessoas que nascem, vivem e morrem... Acredito, também, nas pessoas que amam!

TERESA: Então, acreditamos um no outro!... [32]

SEBASTIÃO: O oiro dos teus cabelos, com poderes incontroláveis, pede às minhas mãos que o acariciem...

TERESA: Mal nos conhecemos. Uma fuga momentânea, não chega para a libertação total!...

SEBASTIÃO: Nem mesmo entre nós?...

TERESA: Não pensei nisso. Talvez... Talvez entre nós, esteja certo.

⁷⁶ Foram calcadas por pés desumanos] B <Foram calcadas por pés desumanos>.

SEBASTIÃO: Apenas uma carícia sobre o oiro proibido e longínquo...
Palhetas mágicas, que nunca julguei possuir!...

TERESA: Meu pobre idealista!... Não mais terás de mendigar uma carícia!...

SEBASTIÃO: Não mais?!...

TERESA: Não mais!

SEBASTIÃO: Sou o homem mais rico do Mundo!

TERESA: À nossa volta a mesma gente de todos os dias. Gente que não interessava... Demos as mãos. Fizemos promessas. Fizeste-me sentir mulher!

MADALENA: É uma bela história!...

ABEL: (Sarcástico) Um pouco diferente das tuas!...

MADALENA: Eu não tenho história!... Fui arquivada em gavetas metálicas, para que os homens recordem sempre o meu nome... A minha história, chama-se processo!...

TERESA: A senhora deveria ter uma história de amor, como a nossa, para nos contar.

MADALENA: (Rindo e parando bruscamente) Tenho imensas histórias de amor... Cada história, um fragmento... Todas... (Rindo) Uma farsa! Todos nós temos histórias para contar e tu, Abel, não tens mais nada para nos dizer?...

ABEL: Querem saber como começou a vítima?... É fácil: começou como todos os outros!... (Começa a ouvir-se o bater dum martelo sobre uma bigorna. O cadenciado será feito conforme a marcação da peça. A cada <instante>⁷⁷ martelada haverá um estremecimento de Abel. No final da peça, deverá estar absolutamente quebrado. O tom de voz e a exaltação subirão até ao final da fala) Que lhes importa!... Que me importa! Estranho e horrível lugar, aquele, onde a vida estagnou... Os porcos, <da

⁷⁷ = B.

quinta da frente>, tinham melho[33]res condições... As pessoas... Eram pessoas?... Nasciam e morriam sem darem por isso!... Nascia e morria tanta gente, ali!... Mulheres prenhas... Novos trapézios para a morte!... Restos da sua condição de humanos... O gado, era alimentado com a bolota do graúdo... Mamas flácidas, caíam secas... Não davam leite!... Os monstrosinhos gerados, comiam da erva ruim de seus pais... Até a erva custava caro!... A água fazia-se pagar para alimentar a verdura... Era o princípio do Mundo, na sua condição mais cruel⁷⁸... Mas um dia, a civilização chegou. Cada um passou a ter o preço que valia... Uma cadeira um rapazelho... Duas cadeiras meio rapazelho... Era difícil sabermos quanto valíamos, até os mercadores chegarem!... Eu vali metade duma cadeira. Pagamento a pronto⁷⁹. Meia cadeira, iniciou-me na arte de andar, falar e agradar! Não, não quero ir! Não quero ir! Não quero ir no comboio, para longe daqui!... Quem é esta gente que me olha?... Porque me tocam?... Porque me chamam?!... Larguem-me! Eu não os conheço!... Chamo-me Abel... Serei de facto o mesmo? (A fala vai-se tornando mecânica, como um rodar de comboio) Abel... Caim?... Caim... Abel?... Abel... Caim?... Caim... Abel?... Caim?... Abel?... Vendi... Caim?... Abel... Vendido... Vendido... Vendido... Não!!! (Parecendo falar com outra pessoa) Como te chamas? – Não sei... Onde vieste? – Não sei... Que fazes tu? – Não sei... Não sabes nada! Sei!!! Valho meia cadeira...

MADALENA: Meu pobre Abel!...

ABEL: O quê?... Ah! Tenho tão pouco para contar...

SEBASTIÃO: Por isso és diferente dos outros...

ABEL: Sou como os que foram comprados: exijo a entrega total!

SEBASTIÃO: Não há entrega total! Nem mesmo Teresa...

⁷⁸ *Mamas...cruel*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal |.

⁷⁹ *Cada um...pagamento a pronto*: em B, a frase encontra-se sinalizada com o sinal ?.

ABEL: O outro planeta... Atraiu-te!... Fez-te fugir da órbita traçada!...

TERESA: Entreguei-me totalmente a Sebastião!...

ABEL: Tentei evitá-lo!...

MADALENA: Não tinhas o direito! Eles amavam-se!...

ABEL: Precisava dele!... Descobri-o! [34]

MADALENA: Erraste!

SEBASTIÃO: Algo iria acontecer...

ABEL: Que poderia acontecer, de importante, a modificar a nossa posição?...

SEBASTIÃO: Uma pequena chama, ateadada com a força explosiva de dois vulcões!

TERESA: O fogo eterno do amor!...

SEBASTIÃO: Diz-lhe...

Teresa e Sebastião tomam cena. A figura de Abel vai-se aproximando de Madalena, até se lhe unir de costas. Depois, ficam, apenas, como recorte de cena, enquanto Teresa e Sebastião actuam.

TERESA: Não dizes nada?!...

SEBASTIÃO: Pouco há para dizer...

TERESA: Para isso eu vim?... Os silêncios não são mais que obstáculos à distância que nos vai separando!... Quanto tempo poderei aguentar tudo isto?...

SEBASTIÃO: Precisas compreender...

TERESA: Compreender... Compreender! Mas o quê?... Achas fácil a uma mulher compreender o silêncio de um homem?!... Agora, sei como eram falsas as palavras empregadas. O mundo para ti não era aquela amálgama de contradições, como me fizeste acreditar. Serviste-te de mim para conseguires provar a tua

condição de homem. Fui o brinquedo nas mãos de um idealista falhado!... Onde estão as clareiras, para as árvores crescerem horizontalmente?... Sim, onde está a vegetação luxuriante, salvação de uma juventude doentia?... Mentiste-me!... E eu, acreditei em ti...

SEBASTIÃO: Teresa! Não tens o direito de me falar dessa maneira!...

TERESA: Não tenho o direito?!... Posso saber quais são os meus direitos?...

SEBASTIÃO: Apenas, perguntar. Nunca acusar. Quando saímos à porta da rua, milhares de pessoas cruzam connosco. Quem são?... Impossível, saber... No entanto, milhares de espelhos, passam frente a nós!...

TERESA: Nunca te observei, reflexos de um outro espelho! [35]

SEBASTIÃO: E, se eu tivesse, há muito tempo atrás, possuído um espelho? Espelho que eu tivesse abandonado. Que apenas me serviu, enquanto não te encontrei... Com o nosso encontro deixou de existir. Passámos a existir, apenas nós... Ao abrir a gaveta das recordações, ele revelou-se, e acusou-me do meu esquecimento!... Senti remorsos... O que eu pensava esquecido, gritou-me bem alto a minha falta de dignidade!

TERESA: Essas palavras não chegam para definir a tua atitude! O passado, por muito ameaçador que seja, não consegue vencer a marcha do futuro! Apenas o medo do desconhecido, trai os fracos... Tínhamos prometido, reciprocamente, qualquer coisa de muito forte!...

SEBASTIÃO: Acreditar em sonhos... Podemos nós, Teresa, nós pobres mortais, cuja força é limitada?... A realidade é muito mais forte... Haverá, algures, homem ou mulher, que possua a chave que lhes abra a porta para uma vida plena de satisfação...

TERESA: Os que acreditam no amanhã. Os que acreditam em si mesmos. Esses, são aqueles, que fazem os outros acreditarem no seu valor, como homens. Não têm medo da escuridão!

SEBASTIÃO: Para ti, pretendo apenas fugir...

TERESA: Vives ameaçado... Estás numa estrada com dois caminhos. Não sabes por qual deves seguir...

SEBASTIÃO: Talvez fique para sempre na indecisão da escolha. A primeira estrada ameaça-me com represálias graves. A primeira estrada ameaça-me com as minhas frustrações de homem. Promete-me um caminho rápido, embriagador, mas desastroso.

TERESA: E a outra estrada?⁸⁰

SEBASTIÃO: É sempre bela, apesar de perigosa. Caminho de sofrimento compensado!

TERESA: Ambos nos afastamos perigosamente...

SEBASTIÃO: Há pouco espaço, para tanta coisa... Servia-te uma desculpa supérflua?...

TERESA: Não! Quero apenas a verdade! Peço muito pouco, afinal...

SEBASTIÃO: Pedes o Mundo! Pedes-me a mim, completamente... A verdade [36] será o desnudar de todas as ilusões, que nos ligaram...

TERESA: Será o acreditar em ti, de novo. (Pausa) Quem é?...

SEBASTIÃO: Quem é?... Ninguém... Um animal imperfeito!... Fala... ri... e chora!... Identificou-se comigo, num dia de desespero! A verdade não tem sexo!...

TERESA: Porque não me disseste há mais tempo?...

SEBASTIÃO: Porque fugi à realidade...

TERESA: Tens razão. Tens duas estradas a seguir... Só uma te pertence. Escolhe-a!

SEBASTIÃO: Pedir perdão, não chega...

⁸⁰ outra] B segunda. As frases resultaram em ambos os casos de uma segunda campanha de escrita.

TERESA: Também eu preciso de ser perdoada!

SEBASTIÃO: Teresa!

TERESA: A minha verdade é bem diferente da tua. Mel que poderia ser, nunca chegará a adoçar a nossa existência!... Flores estéreis, deram-lhe o néctar em que se fecundou! (Pausa) Estou grávida!

ABEL: Não!

MADALENA: Tiveste uma reação pouco feliz!...

ABEL: Não te metas, onde não és chamada!

MADALENA: Tento ser imparcial! Talvez tu possas continuar...

ABEL: Justificaram-se os dois. E eu?... Não tenho esse direito?... (Para Sebastião) Procuraste-me, depois...

SEBASTIÃO: Para te dizer, quanto amava Teresa...

ABEL: Só isso?...

SEBASTIÃO: Pedi-te ajuda!

ABEL: Vê, Madalena! Vê como ele confessa... Preciso de mim até ao fim!...

SEBASTIÃO: Que poderia fazer nesse momento?... As dúvidas do desespero acumulavam-se...

ABEL: Como poderia encarar, outra vez, aqueles que me venderam e me compraram?... Que me restava afinal?... O resto duma existência, entre passagens de mãos asquerosas. Sorrisos corrompidos... Não, Sebastião. Não admiti a derrota.

SEBASTIÃO: Por esse motivo me levaste onde eu nunca tinha entrado... [37]

ABEL: Para que tu soubesses, quão difícil é uma existência, sem uma ligação entre dois mundos... Terias que ver e admitir com os teus próprios olhos!...

MADALENA: Que lugar estranho o levaste a visitar?

ABEL: Paragens, por onde nós gravitamos, Madalena...

MADALENA: Refúgios da nossa solidão!...

ABEL: Uma revelação amarga, para Sebastião!...

SEBASTIÃO: Conversas frívolas, jogavam nas bocas daquela gente...

ABEL: Conversas de todos os dias!...

SEBASTIÃO: O mundo proibido de Abel! Exageram-se atitudes!... Palavras ignoradas e quasi proibidas, chegavam-me aos ouvidos!... Lembrei-me de um sonho que tive!... A morte mascarada de anjo! Perguntou-me se queria provar a doçura dos seus beijos... Respondi-lhe que não sabia. Primeiro, seria necessário provar a essência do Além, para fazer uma escolha aceitável!... Voámos juntos através dos cinco continentes... Eu e a morte... Rostos marcados pela dúvida, fizeram-me recuar até ao ponto de partida. Leprosos do vício... Contacto de uma morte mais dolorosa que a própria morte!...

ABEL: A descoberta de novas sensações!...

SEBASTIÃO: A que chamas tu novas sensações?...

ABEL: À descoberta de novas existências!

SEBASTIÃO: Vi muito pouco, que valesse a pena existir!...

ABEL: Nada te fez recuar.

SEBASTIÃO: Pensei em alguém, aguardando o meu regresso...

ABEL: Teresa...

SEBASTIÃO: Mãos invisíveis tateavam-me os sentidos. Uma girandola de risos, vozes, queixumes de prazer lançavam a confusão. Pequeníssimas luzes, completavam o recorte da cena... A comédia continuava... Os actores representavam o papel que lhes estava destinado! Deixei o meu lugar de espectador...

MADALENA: Havia assim tanta luz?...

SEBASTIÃO: Sim, muita! [38]

MADALENA: Continua...

SEBASTIÃO: Luzes de todas as cores. As pessoas iam passando por essas luzes, até se perderem na escuridão... Sobre mim, uma luz branca e doentia, arrefecia-me o cérebro... Havia um azul. Mostrava corpos... Imensos corpos frios e azulados!... O amarelo mostrava rostos chupados... Um verde escuro, batia em cheio nas bocas contorcidas e espalmadas...

MADALENA: E o vermelho?...

SEBASTIÃO: Paragem dessa corrida para a escuridão!...

MADALENA: Deves ter sofrido muito?!...

SEBASTIÃO: Não! Entrei na corrida, mas não passei do vermelho...

TERESA: O telefone tocou, e alguém me avisou!

MADALENA: Quem te avisou?...

TERESA: (Aponta Abel) Ele!

MADALENA: Tu ousaste fazer isso?

ABEL: E mais ousaria, se fosse preciso!

TERESA: Alguém me abriu a porta. Não interessava saber quem entrava... Para eles, era apenas alguém que procurava uns momentos de esquecimento!... As últimas esperanças desvaneciam-se... (Começa a ouvir-se o barulho de muitas vozes) Quis fugir! Milhares de canibais se precipitaram sobre mim! Então, então eu vi: um rosto conhecido sob uma luz vermelha! (Para Sebastião) Como me pareceste horrível nesse momento!... (Grito de Teresa. Calam-se as vozes).

SEBASTIÃO: Teresa!

TERESA: Fez-se um silêncio de morte, entre toda aquela gente. Levantaste-te lentamente...

SEBASTIÃO: Julguei sonhar. Era um pesadelo!... Não podia ser verdade..

TERESA: Alguém se aproximou...

ABEL: Aproximei-me dela, e pedi-lhe que se retirasse...

TERESA: Perguntei-lhe quem era... Não obtive resposta!...

ABEL: (Para Sebastião) Sebastião, quem sou eu?... [39]

SEBASTIÃO: Ódio!

ABEL: Ouviu?!... Sou o ódio... Mas, sou também uma minhoca...
Sim, sim, um verme! Eles não... são tubarões!

TERESA: Já não me importa saber quem são...

ABEL: Uma minhoca de segunda categoria... Recebo de uns para alimentar outros!... Mas... para mim, nada!

SEBASTIÃO: Abel, peço-te, cala-te!

ABEL: Olá, futura mana minhoca! Mandou-me calar... Que devo fazer?... (Para Teresa) Não sabe?... Ah, já sei! Dobro-me, como um verme, assim!...

SEBASTIÃO: Porco!

ABEL: Eu, porco?... É muito modesto... Sebastião, nem a sucata me quer! E eu... eu tenho de viver... nem que seja na merda⁸¹! Sabes o que eles querem: minhocas como tu!...

SEBASTIÃO⁸²: Tens razão, nem para sucata!...

ABEL⁸³: Façamos um brinde! Canibais! Queridos amigos... Queridos? A nossa querida e selecta sociedade canibalesca, tem mais um sócio! Que a pintura dos nossos rostos seja lavada! Rendamos-lhe vassalagem... Merece a consideração de todos os tubarões, aqui presentes! Reparem, como está indeciso... Talvez se adapte ou talvez fique pelo caminho... Que dizes ao meu brinde, Sebastião?... Não respondes... Tens medo?... (Pausa) Responde! (Como Sebastião não responde, Abel sacode-o com violência⁸⁴. Exaltado, dá meia-volta e pretende afastar-se. Depois, volta a aproximar-se e vai caindo lentamente, sempre a rir. Pára

⁸¹ Em B, a palavra *merda* está sinalizada pela censura.

⁸² SEBASTIÃO: no original, ABEL.

⁸³ ABEL: no original, SEBASTIÃO.

⁸⁴ O facto de as indicações de personagem em fala estarem trocadas, terá levado a que em B o censor sinalizasse com um ponto de interrogação a interpelação a Sebastião e a indicação cénica.

bruscamente.) Porque não me respondes?... Fala! Fala... Fala...
(Sacode as pernas de Sebastião) Fala... Fala... Fala...
(Sebastião empurra-o com o pé. Abel fica prostrado. Madalena, Teresa e Sebastião aproximam-se de Abel).

MADALENA: Cão!

TERESA: Usurpador!

SEBASTIÃO: Traidor!

MADALENA: Palhaço!

TERESA: Assassino! [40]

SEBASTIÃO: Sucata!

MADALENA: VENDIDO!

TERESA: As argolas te puseram, as argolas usarás!...

SEBASTIÃO: Meia cadeira custaste, meia cadeira serás!...

MADALENA: Serás devorado até ao osso!...

TERESA: Cães podres de chagas, lamberão os teus restos!...

SEBASTIÃO: Serás sepultado, em pocilgas de porcos!...

MADALENA: Milhões de pessoas, cuspir-te-ão...

TERESA: Um mar de saliva, afogar-te-á o pranto...

SEBASTIÃO: Pranto salgado, do ódio que tens...

MADALENA: ... e pedirás pão...

TERESA: ... e pedirás amor...

SEBASTIÃO: ... e não terás nada!

MADALENA: Apenas...

TERESA: Gente que não é nada...

SEBASTIÃO: O nada da escuridão...

MADALENA: Veredicto?...

Os três personagens voltam as costas a Abel⁸⁵.

MADALENA:

TERESA: (Em uníssonos) Desprezo!
e SEBASTIÃO:

VOZ: (Antecipada de um forte estrondo) MORTE!

À palavra morte, Teresa rodopia, ampara-se a Sebastião. Afasta-se logo de seguida. Corre pelas escadarias e lança-se na escuridão.

SEBASTIÃO: (Correndo no encalço de Teresa, enquanto se houve um grito desesperado daquela) Teresa!!!

Breves segundos passados, aparece Sebastião no cimo da escadaria com o corpo de Teresa inerte. Há um corte rápido de luzes. Teresa, Sebastião e Madalena desaparecem. Abel fica de novo só, em cena. À sua volta as trevas continuam.

VOZ: Estás preparado?...

ABEL: Disse-te, que nunca me apanharias!...

VOZ: Perdeste! [41]

ABEL: Todos perdemos...

VOZ: Por isso, venho buscar-te!

ABEL: Eu não irei contigo!

VOZ: Não haverá lugar na terra onde te possas esconder...

ABEL: Restam-me as entranhas da terra...

VOZ: Estão cheias de vermes!

⁸⁵ Abel: no original Sebastião.

ABEL: Vermes como eu... A tua voz não chegará até lá! Sugarei desses vermes a força para não desaparecer!...

O lugar onde Abel está colocado vai baixando lentamente e as suas palavras vão soando cada vez mais distantes.

VOZ: Apodrecerás!...

ABEL: Quem sabe?... Talvez não... Ou... terás medo que eu desapareça?... Meto-te medo! Medo... Medo... Medo...

VOZ: Volta! Não sabes escutar a voz do mais forte?... Volta! Quem te autorizou a desaparecer?... Imbecil! Volta... Volta...

A cena escurece lentamente. Guizos e chocalhos, vão-se perdendo...
O pano desce lentamente.

F I M

Conclusão

Na origem deste trabalho estava a elaboração de uma proposta de edição «limpa» de *Autópsia*, inédito de João Silva, escrito em 1967, de que o autor me mostrara uma cópia. No entanto, depois de confirmada a existência de outro testemunho do texto no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, optei por propor uma edição crítica, resultante do cotejo dos dois testemunhos, sobretudo porque, tanto quanto pude averiguar, não é comum noutros casos de censura de peças de teatro a sobrevivência de ambos: o entregue pelo autor à Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos e o que o autor conservou em sua posse, continuando a aperfeiçoá-lo.

A comparação permitiu detectar a existência de alguns acrescentos e emendas manuscritas do autor em apenas um dos testemunhos – A –, enquanto as várias marcas censórias decorrentes do processo de apreciação somente podiam ser observadas no testemunho B. Além disso, apurei indícios do fenómeno de autocensura, comum durante o Estado Novo, devido a alguns excertos rasurados a tinta no testemunho B que, contrariamente aos restantes, não o estavam no A.

Mais tarde, um outro texto foi-me dado a conhecer, *Masoch*, escrito em 1969. Ainda com *Autópsia* bem presente na minha memória, considerei a similaridade entre um e outro manifesta, pelo que decidi fazer um levantamento sinóptico que desse conta do processo de reescrita. Deste modo, concluí que os fenómenos de reescrita e de reaproveitamento de texto de *Autópsia* ocorrem transversalmente em *Masoch*, verificando-se uma maior tendência para a redução e ampliação de texto (é sintomático que o dactiloscrito de *Autópsia* tenha 41 páginas e o de *Masoch* 74 páginas, quase o dobro).

A afinidade dos textos poderia indicar a proibição de representação de ambos, mas tal não aconteceu: *Masoch*, recebeu a licença de representação com cortes a 5 de Janeiro de 1970. Através da consulta do respectivo processo censório, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, foi possível concluir que a autorização apenas foi concedida devido ao recém instaurado «requisito de abertura» marcelista.

Todavia, um elemento extratextual era novamente partilhado por *Autópsia* e *Masoch*: ambos não chegaram, alguma vez, a ser levados à cena.

Assim, a elaboração deste trabalho permitiu-me desenvolver uma metodologia própria que de forma eficaz mostrasse simultaneamente toda a diversidade de fenómenos que pretendia observar.

Penso que o resultado é satisfatório e comecei já a aplicar o método a outros exemplos de textos de teatro censurados durante o Estado Novo, com especial atenção para situações de existência de testemunhos múltiplos (original do autor, cópia censurada, etc.).

O projecto inicial de edição «limpa» de *Autópsia* encontra-se facilitado pelo trabalho que desenvolvi neste estudo, tendo decidido juntar-lhe a de *Masoch*.

Fontes

Legislação

Decreto-lei n.º 22 469, de 11 de Abril de 1933.

Decreto-lei n.º 26 589, de 14 de Maio de 1936.

Documentação

Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

Autópsia – Secretariado Nacional de Informação, Direcção Geral dos Serviços de Espectáculos proc. 8429 (ref. PT/TT/SNI-DGE/1/8429)

Masoch – Secretariado Nacional de Informação, Direcção Geral dos Serviços de Espectáculos proc. 8942 (ref. PT/TT/SNI-DGE/1/8942)

Livro de Registo de Peças n.º 6 – Direcção Geral dos Serviços de Espectáculos liv. 6 (ref. PT/TT/SNI-DGE/2/6)

Bibliografia

ABREU, Miriele. *Maria Della Costa em Portugal: Desafio à Censura*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Dissertação para obtenção do grau de Mestre. Disponível em:

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9762/1/ulfl128701_tm.pdf

AMADO, Fernando. *À Boca de Cena*. Lisboa, & etc, 1999.

AMADO, Teresa. “Fernando Amado: Um teatro de interrogações e experiências”, em *Sinais de Cena 5*. Ribeirão, Húmus, 2006.

AMADO, Teresa e TAVARES, Vítor Silva (organização). *Fernando Amado: Peças de Teatro*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

ANTUNES, David. *Uma perspectiva sobre o teatro e as artes performativas contemporâneos em Portugal*. Lisboa, Gradiva, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES DO LABORATÓRIO DE ENGENHARIA CIVIL (ATLNREC). *As Três Primeiras Décadas da Associação*. Lisboa, 1987.

CABRERA, Ana. “Censura e estratégias censurantes na sociedade contemporânea”, em *Censura Nunca Mais*, coord. Ana Cabrera. Lisboa, Alêtheia, 2013.

CASTRO, Ivo. “Metodologia do Aparato Genético”, em *Memórias dos Afectos: Homenagem da Cultura Portuguesa a Giuseppe Tavani*. Lisboa, Colibri, 2001.

CASTRO, João Osório de. *O Baile dos Mercadores*. Lisboa, Cosmos, 1964.

COELHO, Rui Pina. “A Casa da Comédia (1946-1975): De Fernando Amado a Bertolt Brecht”, em *Sinais de Cena 5*. Ribeirão, Húmus, 2006.

— . *Casa da Comédia (1946-1975): Um Palco para uma Ideia de Teatro*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

DANAN, Joseph. *O que é a dramaturgia?*. Évora, Licorne, 2012.

FALCÃO, Miguel. *Espelho de Ver por Dentro: O Percorso Teatral de Alves Redol*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

FREITAS, Filipa. *Análise comparativa de quatro testemunhos da comédia d’Os Estrangeiros, de Francisco Sá de Miranda*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2011. Dissertação para obtenção do grau de Mestre. Disponível em:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/7306/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

GEORGE, João Pedro de Avellar, “Campo literário português?: o caso da extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores em 1965”, em *Revista da História das Ideias*, vol. XXI, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2000 (pp. 461-499).

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro Pós-Dramático*. Lisboa, Orfeu Negro, 2017.

MARINHO, Luís António. *1961 – O ano horrível de Salazar*. Lisboa, Temas e Debates, 2011.

OLIVEIRA, Micael de. *Para uma Cartografia da Criação Dramática Portuguesa Contemporânea 1974-2004*. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010. Dissertação para obtenção do grau de Mestre. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15374/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Micael%20de%20Oliveira.pdf>.

PIMENTEL, Irene Flunser. *A História da PIDE*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2007.

— . *O Caso da PIDE/DGS*. Lisboa, Temas e Debates, 2017.

— . *Os Cinco Pilares da PIDE*. Lisboa, A Esfera dos Livros, 2019.

RODRIGUES, Graça Almeida. *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e Ministério da Educação e Ciência, 1980.

ROSAS, Fernando e BRITO, J. M. Brandão de (direcção). *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

SANTOS, Graça dos. *O Espectáculo Desvirtuado: O teatro português sob o reinado de Salazar (1933–1968)*. Alfragide, Caminho, 2004.

SARRAZAC, Jean-Pierre. “Dramaturgia do texto, dramaturgia do palco”, em *Tradução, Dramaturgia, Encenação (II)*, org. Christine Zurbach e José Alberto Ferreira. Évora, Licorne, 2012.

SILVA, João. *Tordos à deriva*. Lisboa, Cavalo de Ferro, 2004.

— . *Limiar*. Lisboa, Cavalo de Ferro, 2010.

— . *Os Vigilantes*. Lisboa, Cavalo de Ferro, 2016.

VASQUES, Eugénia. *Jorge de Sena: Uma Ideia de Teatro*. Lisboa, Guimarães, 2015.